

Mariana Chazanas - Amanda Condasi
Andrea Romão - Bruna Ceotto

Meu Brasil é assim

VOLUME 2

Meu Brasil é assim - volume 2

Copyright © 2021 Mariana Chazanas, Amanda Condasi, Andrea Romão e Bruna Ceotto

Todos os direitos reservados pela editora

Duplo Sentido Editorial. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia por escrito da editora.

Julho de 2021

Grafia atualizada segundo o Acordo

Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



duplosentidoeditorial@gmail.com



[@duplosentidoed](https://www.instagram.com/duplosentidoed)

www.duplosentidoeditorial.com

coordenação

Vanessa S. Marine

edição de texto

Vanessa S. Marine e Ana Yassuda

revisão

Ana Yassuda e Cíntia Zagatto

diagramação e capa

Vanessa S. Marine

imagens

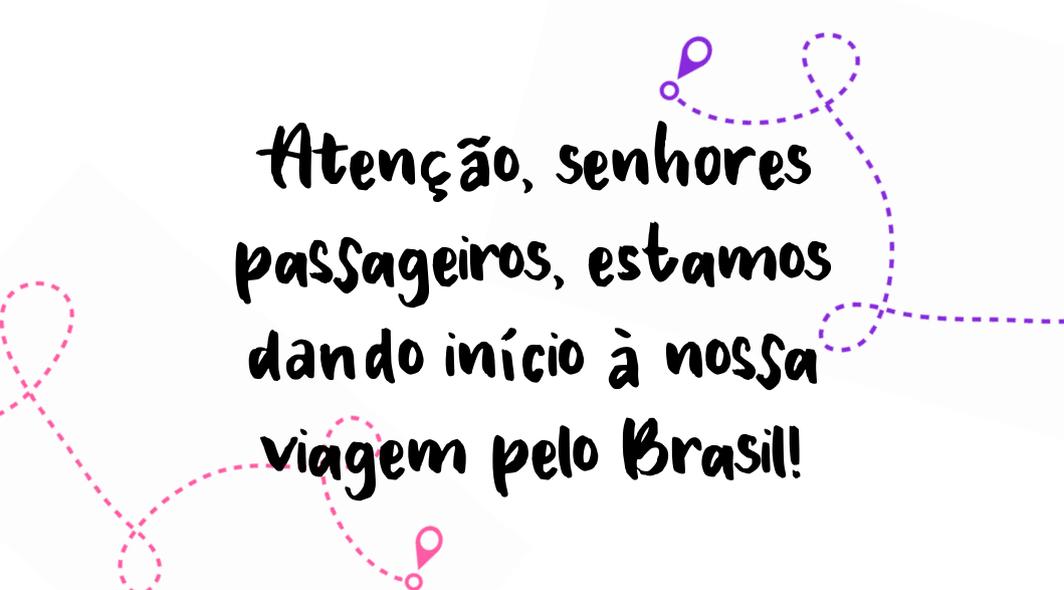
Freepik

Diga não à pirataria

Este e-book é de propriedade exclusiva dos assinantes do projeto *Meu Brasil é assim*. Sem eles, estes contos não existiriam.

sumário

Introdução	05
Alguma coisa acontece conto SP	08
Sobre Mariana Chazanas	57
O Rio de Janeiro continua lindo conto RJ .	58
Sobre Amanda Condasi	97
Para não fazer desfeita conto MG	98
Sobre Andrea Romão	134
E o resto é peixada conto ES	136
Sobre Bruna Ceotto	165
Agradecimentos	160



Atenção, senhores passageiros, estamos dando início à nossa viagem pelo Brasil!

O projeto *Meu Brasil é assim* reuniu 27 autoras, uma de cada estado do país, para usar e abusar do poder que a literatura tem de nos transportar para qualquer lugar. Ao longo de 8 meses, enquanto nosso projeto de assinaturas estiver no ar, visitaremos 3 estados brasileiros por mês, sua comida, paisagem e cultura de maneira geral. No volume 2 do projeto (este que você tem em mãos), abrimos uma exceção e reunimos 4 contos em vez de 3, já para fecharmos a região Sudeste. Aqui, você lerá contos que se passam em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, escritos por mulheres dessas respectivas regiões.

No primeiro volume desta coleção, viajamos pelo Sul do país e, ao conversar com as autoras, vimos que essa região tem muito em comum e divide muitos aspectos da cultura. Já no volume 2 percebemos que, embora geograficamente próximos, os estados da região Sudeste são bem diferentes uns dos outros no que diz respeito a sotaque, gírias, culinária e até o cli-

ma! Se ficou com curiosidade para ouvir o sotaque das autoras deste volume (e dos outros da coleção), basta acessar nosso Instagram (@duplosentidoed) e ver as lives que fizemos com cada uma delas, em que discutimos e rimos sobre as curiosidades da cidade de onde vieram e as diferenças entre as regiões de onde as pessoas que viram o bate-papo ao vivo são.

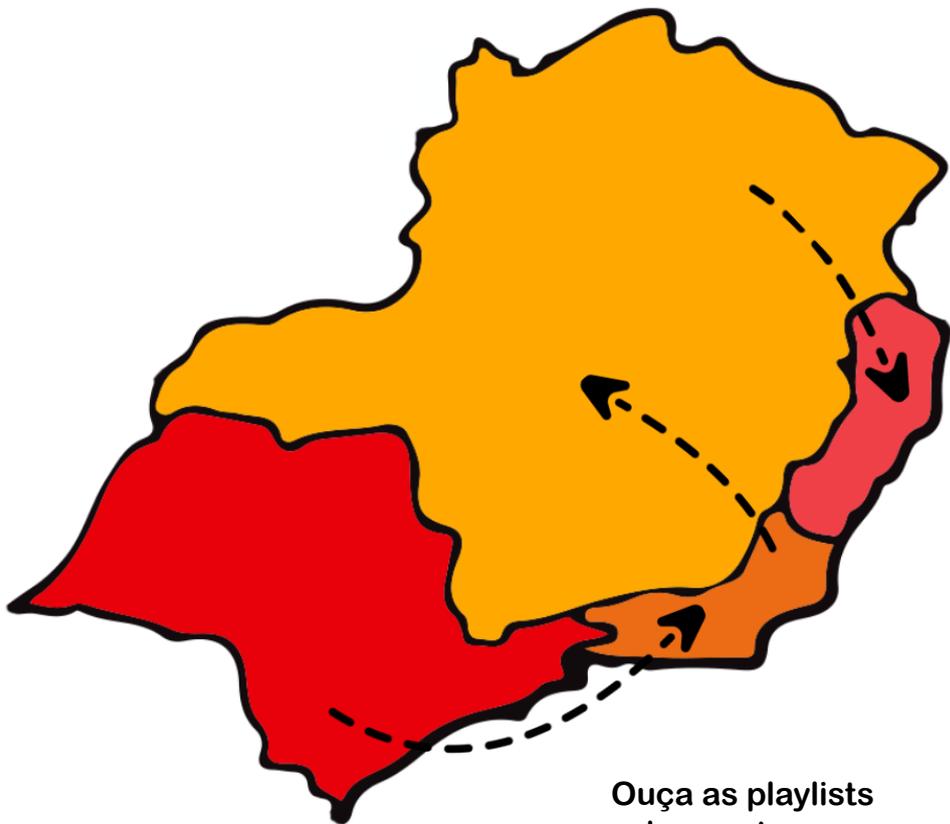
As autoras tiveram total liberdade para escrever sobre sua cultura, como a vivenciam e a sentem. A intenção do projeto é fugir dos estereótipos criados ao longo dos anos sobre algumas de nossas regiões, dando espaço para que autoras usem sua voz para contar indiretamente suas vivências em suas cidades. Você vai conhecer o Brasil, sim, mas sob o ponto de vista dessas autoras, o que não anula outras vivências, ok? Seria impossível fazer com que todo mundo se enxergasse nestas histórias (afinal, somos todos diferentes). O legal é perceber o quanto somos plurais, o quanto percebemos as coisas de maneiras diferentes, mesmo compartilhando a mesma cultura, vivendo no mesmo lugar etc.

Num momento tão difícil como este que estamos vivendo, sem poder viajar e abraçar os mais queridos, desejamos que estes contos consigam te transportar para realidades mais felizes e que, enquanto sorri, se apaixone ainda mais pelo nosso país. *Meu Brasil é assim* foi planejado com muito amor por meses até chegar aí na sua caixinha de entrada. Esperamos que vocês gostem tanto quanto a gente está amando fazer isso acontecer!

Um beijo e até o próximo destino!

Vanessa S. Marine

Editora e CEO da Duplo Sentido Editorial



Ouçã as playlists
dos contos no
Spotify! Aponte a
câmera para o QR
code:



MARIANA CHAZANAS



Alguma coisa acontece



Série *Meu Brasil é assim* - SP

Não tinha ninguém esperando quando Gabriel desembarcou na rodoviária do Tietê.

Mais exatamente: ninguém esperando por ele. Tinha aproximadamente cem milhões de pessoas ali.

Gabriel olhou para tudo aquilo, não viu nem sombra do cabelo cor-de-rosa de Elliot e, em um segundo de pânico, pensou em entrar no ônibus de novo e voltar para Perpétua.

Três coisas o impediram. A primeira foi que tinha gente atrás querendo descer, já empurrando suas costas, então suas opções eram seguir em frente ou ser pisoteado. A segunda foi o fato de que o ônibus dificilmente seria circular, né? Aquela era a primeira viagem longa que ele fazia, mas poderia apostar que o motorista não iria dar meia-volta e encarar sete horas na estrada de novo. Não num sábado à noite.

E a terceira foi o fato de que sua mãe tinha passado as duas últimas semanas profetizando desgraças numa voz lúgubre, uma pior do que a outra. Ela dizia que o filho ia se perder assim que chegasse à cidade, ia descer do ônibus no lugar errado, ia morrer sufocado com a poluição de São Paulo, ia ser assaltado e morto e sequestrado e cooptado em algum esquema complexo de narcotráfico (nessa ordem), ia se desencontrar de Elliot e passar o resto da vida perdido dentro da rodoviária...

Pelo jeito, essa última praga era verdade.

De certa forma, a culpa era da mãe, que tinha combinado isso tudo com sua amiga sem se dar ao trabalho de consultar ninguém. Se o filho da mulher se recusasse a ir buscar um

desconhecido só porque as mães dos dois tinham decidido, quem poderia culpá-lo?

Gabriel o culpou assim mesmo. Se o infeliz tinha prometido, deveria cumprir, não deveria?

Um empurrão mais violento o fez apertar o passo. Gabriel se encolheu um pouco, erguendo os ombros quase na altura do ouvido, e segurou a mochila com força contra o peito. Então percebeu o que estava fazendo e se obrigou a ajeitar as costas e agir com mais segurança. Não podia se esconder como uma tartaruga entrando no casco, ou todos os ladrões num raio de cem quilômetros iriam farejar seu medo.

Ele levantou a cabeça, fez cara de quem sabia andar numa rodoviária enorme como aquela, muito obrigado, e tentou abrir uma trilha entre a multidão. Chegou até o final da plataforma, antes de descobrir que ali só tinha ônibus e que a saída ficava em outro canto. Então subiu na primeira escada rolante que encontrou e tentou se orientar de novo lá em cima.

O segundo andar parecia um shopping. Lojas de roupas e de eletrônicos, um estande de charutos importados, lanchonetes, quiosques de pão de queijo... e uma banca exalando um cheiro tão bom de castanhas glaceadas que o fez parar, já sentindo água na boca. Podia comprar só uma porção pequena, só para experimentar...

Sua mãe ia ficar furiosa se soubesse. “Nada de lanchinhos”, ela dissera, “café, almoço e janta, e só”. Gabriel nem se incomodara em ouvir o resto, porque já sabia tudo de cor. Seu peso, seu tamanho, seu peso, seu colesterol, sua pressão, sua saúde, seu peso, seu peso, seu peso. No fundo, os dois sabiam que ela não estava pensando em colesterol nenhum. Só queria que o filho fosse magro e ponto.

Não dava para comer com a voz da mãe ecoando no ouvido. Além disso, o cheiro de coisa doce e quente era só açúcar queimado, não queria dizer que a castanha ia ser boa. Talvez nem valesse a pena. Melhor esquecer.

Decidido, Gabriel se afastou da banca. Longe do perfume de caramelo, dava para o garoto se concentrar melhor e pensar no que faria. O endereço da tia Mirtes — mãe de Elliot, que não era sua tia, mas ele não sabia do que chamar a mulher — estava anotado em algum lugar, e ele parou numa área mais isolada, olhando em volta com cuidado para não ser assaltado antes de abrir a mochila. Puxou de dentro um dela aderno meio amassado, que usava como agenda, e leu:

*“pt consolação lá p baixo – pastelaria/pizzaria / CEMITÉ-
RIO pç rsvlt perto num. 243 prédio amarelo à direita”*

Tinha um desenho de um fantasminha com cara de susto ao lado da palavra cemitério.

Gabriel leu o endereço de novo.

E então se imaginou inventando uma máquina do tempo e voltando ao passado para explicar a si mesmo que não adiantava usar a crase certinha se o resto da anotação ia ser incompreensível. Podia já aproveitar e dar uns tapas na própria cara, para enfatizar.

“Pç” tinha que ser “praça”, mas o resto todo ele não tinha a menor ideia do que significava. Que prédio? À direita do quê? 243 era o edifício ou o apartamento?

Consolação era uma rua, isso ele sabia. Ia ter que deduzir o resto pelo contexto. Era melhor do que ligar para sua mãe e admitir a derrota em menos de dez minutos na cidade grande.

Por outro lado, seria pior se perder primeiro e só pedir socorro depois, não seria? Ele pegou o celular, debatendo con-

sigo mesmo, e então viu que não teria escolha. Sua bateria tinha acabado em algum ponto da viagem.

Gabriel encarou a tela escura, digerindo a traição tecnológica. Tinha esperado mais lealdade do celular.

Tudo bem. Ia se virar sozinho. Essa seria a prova de que ele dava conta de São Paulo.

Havia uma espécie de fluxo de pessoas meio solto, diluído, mas consistente o bastante para se seguir. Gabriel acompanhou o rio de gente e acabou numa fila tão grande que não dava nem para entender do que se tratava.

Uma breve investigação revelou que era a bilheteria do metrô. Ali ao lado havia duas placas de saída, mas ele tinha certeza de que, se fosse para a rua caçar um ônibus, nunca mais acertaria voltar. O metrô era uma boa ideia e, se desse errado, daí...

Bom, daí ele ia pensar no que fazer.

Entrou no final da fila, tentando parecer decidido. Ou tão mal-humorado quanto todo mundo ao seu redor. No tempo que levou para nivelar sua expressão com as das pessoas ao seu lado, o tio da bilheteria devia ter atendido mais de duzentas pessoas, e chegou a sua vez. E ele nem tinha pegado sua carteira ainda.

Impressionante.

E trágico, porque teve que abrir a mochila e caçar o dinheiro lá dentro, instantaneamente tornando-se *persona non grata* para o resto da imensa fila que seguia atrás dele. Dava para sentir o julgamento das pessoas como um raio laser em seu pescoço. Gabriel tentou acelerar a contagem, o que foi um erro. O dinheiro escorregou da mão, caiu dentro da mochila de novo e foi engolido por um punhado de roupas, sua toalha de

estimação, o fone de ouvido emaranhado e um resto de sanduíche.

Gabriel começou a suar. Agora, além do desespero, tinha a sensação desagradável da camiseta grudando nas costas e os fiozinhos de suor escorrendo no pescoço.

— Só um minuto — murmurou ele, falando com as roupas, caçando moedas que insistiam em fugir dos seus dedos.

la ser linchado. *Causa mortis*: lerdeza extrema em local público. Seria preso ou sumariamente executado por um número cada vez maior de pessoas irritadas — devia ter umas seiscentas já — e suas últimas palavras iam ser *matem o cara que tinha que ter me buscado*. Será que era tarde para correr de volta para o ônibus?

As moedas cooperaram, finalmente. O garoto as jogou para dentro do guichê do homem, que contou em um microssegundo com o poder da mente, já que mal tinha olhado os valores, e empurrou um bilhete com tanta força que Gabriel quase o deixou cair.

— Desculpa — murmurou, mas o sujeito já tinha acenado para o próximo da fila.

Gabriel se afastou, sem coragem de olhar para ninguém.

Pelo menos tinha conseguido. Agora só precisava descobrir como entrar no metrô, onde descer e o que fazer a partir dali. Fácil. E então poderia enfrentar o próximo desafio: achar um bom lugar para desovar o corpo de Elliot, porque a primeira coisa que iria fazer quando chegasse ao apartamento seria matá-lo com as próprias mãos.

2

Na jornada da estação de metrô Tietê até a estação da Consolação — conveniente isso de elas terem os nomes dos lugares onde ficavam, porque, se tivessem nome de gente, o garoto sentiria vontade de morrer —, Gabriel aprendeu três coisas:

A primeira foi que ninguém gritava quando o metrô ia para debaixo da terra. Na verdade, até olhavam meio estranho se algum recém-chegado deslumbrado fizesse isso, mas não tanto quanto teria sido em Perpétua, por exemplo. Lá, teria juntado uma roda ao seu redor. São Paulo não iria se impressionar fácil assim só de ver um caipira gritando, pelo jeito.

Isso o deixou satisfeito. Gabriel não queria mesmo ser o centro das atenções.

A segunda coisa foi que, uma vez dentro do fluxo de gente fazendo baldeação entre a linha azul, que era onde ficava a estação Tietê, e a linha amarela, não dava para sair sem atropelar alguém. Ou vender a alma. Era mais fácil entrar no metrô errado do que tentar nadar contra a maré. Principalmente se você estivesse na estação da Luz, imensa, labiríntica e tão organizada que o garoto não se surpreenderia se alguma pessoa sinalizasse com seta e buzina quando quisesse sair do fluxo. Isso até reconfortava Gabriel. Até podia estar indo para o caminho errado, mas com certeza não seria o único.

Mas, por puro acidente, estava no caminho certo e conseguiu ir para a linha certa. Chegou à estação Paulista, fez outra baldeação esquisitíssima, que envolveu uma escada, duas

esteiras, meio quilômetro de caminhada subterrânea e mais outra escada, e chegou finalmente ao seu destino.

E, ali, aprendeu a terceira coisa: a estação da Consolação não dava na Rua Consolação.

Isso ele não percebeu logo de cara. Sua intuição até avisou que algo estava errado quando voltou para a superfície do planeta e se viu numa avenida imensa, com um canteiro no meio e, quatro pistas de cada lado e nada nem remotamente parecido com suas anotações, mas não deu tempo de analisar o local com calma.

Tinha gente demais. Ele hesitou por um momento e foi obrigado a andar pela pressão da multidão logo atrás, querendo sair da estação também. Então atravessou a calçada e se abrigou perto da parede de um banco. Abraçou a mochila contra o peito e olhou em volta.

São Paulo de noite, a cidade cinza toda cintilante. Luzes de carros, prédios, lojas e da entrada enorme de um shopping center, luzes vindas de brinquedos espalhados num tapete na calçada, do cigarro do vendedor ambulante e da ponta dos incensos de uma barraca que também vendia brincos, colares e cristais. Fez Gabriel pensar num carrossel imenso, formas e cores girando ao seu redor.

Podia ver gente de todo tipo. Umas andando com ar determinado, apressadamente, outras que caminhavam devagar em grupos de três ou quatro. Casais de mãos dadas, encostados nas fachadas dos prédios, e adolescentes sentados nos degraus de um... nem dava para saber direito. Era um prédio bem numa esquina, com cara de ser importante. “Safra”, dizia o monumento na frente da entrada. Devia ser alguma empresa. Agora estava fechada, com grades de ferro servindo de portão,

e todo mundo estava usando-as de encosto enquanto conversava, fumava, ou bebia (ou fazia tudo ao mesmo tempo).

Gabriel descansou o queixo no topo da mochila, a alça de cima batendo na boca, e mordeu de leve o tecido rústico. Não é que dava medo. Não exatamente. Mas que fazia o coração bater mais rápido, isso fazia. Tinha *energia* ali, estalando nos ouvidos, fazendo a pele do garoto se arrepiar.

“Você vai se arrepender no primeiro dia”, sua mãe dissera. “Vai ser sequestrado assim que puser os pés lá, o Elliot mesmo não foi? E ele sabe andar naquele lugar. Você não. Você é só um mocinho caipira que não sabe de nada.”

Verdade. Mas e daí? Gabriel estava ali, e a cidade estava brilhando para ele, tanto quanto para qualquer outra pessoa. Convidando-o a se aventurar.

Fora que Elliot não fora sequestrado coisa nenhuma, sua mãe é que era uma exagerada. O assunto tinha dado tanto pano pra manga que Gabriel sabia a história com riqueza de detalhes e lembrava muito bem que o garoto só tinha sido vítima de um assalto, nada mais. Sim, devia ter sido horrível, mas, naquele momento, seu encanto por todos aqueles prédios e pessoas era um pouco maior do que o receio. Se morasse ali, se conhecesse tudo, se tomasse cuidado, se tivesse sorte, se os planetas se alinhassem e os céus se abrissem, ele poderia fazer tanta coisa...

Dava para imaginar uma cena inteira se desdobrando: se viu saindo da aula na faculdade — que talvez nem ficasse ali perto, mas isso era só um detalhe —, parando em um dos barzinhos, sentando nas cadeiras de plástico na calçada. Ou comprando qualquer bobagem na pastelaria que havia do outro lado da avenida, sem ninguém reclamando em seu ouvido

e contando calorias. Depois se sentaria ali, nos degraus do tal “Safrá”, sendo engolido pela multidão. E esse seria um novo jeito de se sentir solitário, sem desprezo e sem silêncios quebrados por risadinhas às suas custas. Anônimo. Ele iria fazer o que bem entendesse, e ninguém iria nem notar.

Dava para ser feliz assim, pensou ele. Dava para ser *mu*ito feliz.

Mas, antes, tinha que achar o raio do apartamento.

Ele pediu informação numa banca de jornal que parecia mais uma lojinha de doces, brinquedos e suvenires para turistas. A atendente, uma jovem de cabelo azul bem vívido, disse que ele deveria seguir algumas quadras. No momento, estava na avenida Paulista.

— Se tivesse descido na estação Paulista, você estaria na rua certa — explicou ela —, porque ela sai na Consolação. E a Consolação sai na Paulista.

— Mas eu estava lá — protestou ele, confuso. — Quer dizer que andei tudo aquilo à toa? Por que fizeram isso?

— Exclusivamente para me irritar.

Em sinal de protesto, Gabriel se permitiu comprar um chocolate. Sua mãe iria ter que compreender.

Três quadras depois, chegou à rua certa, que merecia ser chamada de avenida também, se não por mais nada, pelo fato de que tinha canteiro no meio. Agora pelo menos o caminho era uma descida e, aos poucos, as coisas começaram a se encaixar em suas misteriosas anotações. Por exemplo, uma pastelaria que servia de fachada para uma pizzaria. Primeira pista.

Ele seguiu em frente — após um olhar gelado para a saída da estação Paulista, que de fato estava ali — e passou por um monte de lojas de lustres, uma depois da outra. São Paulo

parecia ter decidido organizar suas lojas e juntar todas as que vendiam lustres num lugar só, por alguma razão misteriosa. Vai saber. E então caminhou junto a um muro que demorou mais do que ele gostaria para acabar e chegou à entrada imponente do cemitério.

Era a segunda pista. Gabriel parou por um momento entre as colunas brancas do portão coberto e respirou fundo para se fortalecer. O cemitério estava fechado, mas as assombrações com certeza não iriam se preocupar com esse detalhe. Ele se permitiu mentalizar um breve pedido de socorro. Já estava se cansando de andar.

Ao retomar a descida, não demorou muito para localizar uma placa de trânsito que mostrou a sua terceira pista: Praça Roosevelt, descendo mais um pouco. Tinha que ser esse o sentido da sigla misteriosa.

O resto da caminhada levou mais quarenta minutos. Agora seus pés estavam doendo, suas costas estavam suadas, e ele tinha certeza de que devia estar vermelho como um tomate. Não tanto pelo esforço físico, mas pela irritação. Até o fascínio da cidade tinha se dissipado naquela caminhada chata, por uma rua mais chata ainda, que não mostrava a Gabriel nada além de carros passando e lojas fechadas. Entre uma poça de luz e a próxima, andando sob os postes velhos da rua da Consolação, era impossível não se lembrar da voz ameaçadora da mãe contando a história do tal sequestro.

E então finalmente chegou à tal da praça. Apertando o passo, virou à direita, pensando “por favor, que tenha um prédio amarelo ali, que tenha um prédio amarelo ali, que tenha um...” — *Ahá*, ali estava, brilhando como uma gema de ovo.

Gabriel correu até a entrada.

E, bem... a boa notícia era que o número do prédio era 243.

E a má notícia era que o número do prédio era 243, o que significava que ele não tinha mesmo anotado as informações do apartamento e precisaria de muita sorte para encontrá-lo.

Pena que sua sorte não estava ajudando em nada hoje. Ajeitando a mochila nas costas pela milésima vez naquele dia, Gabriel tocou o interfone.

— A casa da dona Mirtes, por favor — disse sem muita esperança, quando o porteiro atendeu . — E do Elliot. Quero dizer, o apartamento, né.

O moço fez uma pausa bem longa. Por fim, disse:

— Não tem número?

— Não. Desculpa. Só tenho o do prédio. O senhor não sabe?

Outra pausa.

— A gente tem duas torres nesse condomínio, com dezoi-to andares cada uma. São quatro apartamentos por andar. Não tem como você ligar pra pessoa?

O garoto considerou a ideia de começar a chorar. Ou de se jogar no chão. Devia ter procurado uma tomada na rodoviária.

— Posso entrar só por um minuto? Só pra carregar o celular, e daí eu ligo e pergunto o número do apartamento?

— Não posso abrir sem autorização — respondeu o homem, provavelmente já desconfiado. Meu Deus, ele talvez estivesse chamando a polícia. Gabriel iria ser preso e nunca mais poderia ver sua casa de novo. Pior, teria que admitir que sua mãe estava certa.

— Mas o senhor não tem mesmo a menor ideia? O Elliot chama a atenção das pessoas. Quantos moradores de cabelo

cor-de-rosa têm aí? É bem ridículo, na verdade, inclusive eu fui obrigado a ver as fotos e não é nem um tom de rosa legal. A minha mãe até me fez jurar que eu não ia nem...

— Ah! — interrompeu o porteiro, subitamente animado. — Foi exatamente o que eu pensei, garoto! Não sei pra que pintar o cabelo com essa cor de água de salsicha. Deve ter sido caro, ainda por cima. Sei quem é, sim, só um momento que vou chamar e você atende aí pelo interfone, tá?

Ele nunca tinha ficado tão aliviado em toda a sua vida. Tia Mirtes ia ter que comprar um panetone para aquele cara no próximo Natal. Se não comprasse, o próprio Gabriel mandaria um pelo correio.

O interfone tocou um bipe rápido. Atendeu uma voz chata, muito típica de pessoas egoístas que prometiam ir buscar os outros e não iam, com um *oi* cauteloso.

O que Gabriel queria mesmo dizer era “me deixa entrar antes que eu faça uma loucura e talvez eu poupe sua vida até terminar de jantar”. Mas ele respirou fundo, forçou um sorriso para sua voz sair amistosa e disse:

— Elliot, é você? Filho da dona Mirtes?

— Sim — disse ele —, e você é o... *comosechama*? Daque-la cidade lá, a... o... cara que ia visitar a gente?

A janta poderia ficar para depois. Ele iria matar aquele cara primeiro.

— Eu mesmo. Você pode autorizar a minha entrada? Eu tô aqui na rua e não quero ser assaltado.

Elliot não respondeu, mas logo em seguida a fechadura estalou e o portão se abriu. Gabriel entrou e então, finalmente, *finalmente* estava seguro.

3

Chamar aquele tom de rosa de “água de salsicha” era um exagero. Parecia uma nuvem de algodão doce e era bem mais bonito ao vivo do que nas fotos.

Essa foi a primeira coisa que Gabriel pensou quando Elliot abriu a porta.

Então o garoto se afastou sem cumprimentá-lo, o que o deixou num dilema. Devia tomar a iniciativa? Talvez em São Paulo as pessoas não se cumprimentassem apertando as mãos. Devia ser essa correria da selva de pedra que eliminava as gentilezas; talvez pudesse ir entrando e já quebrando a cara do sujeito para adiantar as coisas.

Certo que, na verdade, Gabriel nunca tinha batido em ninguém em toda a sua vida, mas poderia começar agora.

Mas então seu anfitrião terminou de trancar a porta e se virou para ele com ares de quem estava se perguntando se as pessoas apertavam as mãos umas das outras em Perpétua, e os dois se olharam por um momento longo, presos numa hesitação tão medonha que deixou o ar da cidade inteira mais pesado. Gabriel se desesperou primeiro e estendeu a mão.

— Oi, boa noite, prazer em te conhecer. A tia Mirtes tá por aqui?

Elliot agarrou sua mão com um ar de alívio e a mão fria, um pouco suada:

— Não, está num plantão, vai voltar de madrugada. Mas ela disse pra você ficar à vontade. Prazer. Pena que deu esse desencontro.

Só isso. Nenhuma explicação sobre tê-lo abandonado na rodoviária do Tietê.

Gabriel sabia que não tinha o direito de ficar magoado. Afinal, eles não se conheciam, e Elliot não lhe devia nada.

Ficou magoado assim mesmo. O garoto poderia pelo menos ter a boa vontade de se desculpar. Ou de enxugar a mão antes de apertar a sua. Poderia jurado que o outro estava tenso, mas Elliot parecia indiferente demais para isso.

— Pois é — disse, sem disfarçar a secura na voz. — Pena mesmo. Você pode mostrar onde vou dormir, pra eu guardar a minha mochila? E onde tem comida.

Soou um pouco mais rude do que ele pretendia. Mas Elliot merecia, e claro que Gabriel teria falado de outro jeito se tia Mirtes estivesse ali, e ele estava mesmo com fome. E sua mãe tinha feito algum tipo de acordo com a mulher e quem iria pagar pela comida era problema delas, então podia perguntar do jeito que bem entendesse.

Elliot apenas ergueu uma sobrancelha, surpreso e nada ofendido, e com esse pequeno gesto a sensação de culpa evaporou em um instante.

— Eu te mostro o quarto — disse Elliot. — A gente vai dividir, espero que não seja um problema pra você. Mas não tem janta. Como eu falei, minha mãe não tá aqui, e eu não vou cozinhar. O que você quer comer?

Ele não iria se incomodar com isso. Ele não iria se incomodar com nada. Cerrando os dentes, Gabriel disse:

— E tudo bem se eu fizer alguma coisa? É que foram sete horas de viagem. E mais uma caminhada até aqui, na verdade.

— Você não veio andando da rodoviária, veio?

Gabriel olhou para ele fixamente, pensando se parecia

tão burro assim. Elliot não insistiu. Afastou-se um pouco e cruzou os braços na altura do peito, em uma postura defensiva.

O pior era que ele estava bem-arrumado — na atual conjuntura, Gabriel não ia dizer *bonito* por uma questão de princípios — e isso o distraía um pouco. As roupas não eram nada de mais: só jeans, camiseta preta e um agasalho com zíper na frente, mas estava *perfeito* assim mesmo. Talvez fosse o efeito do cabelo, todo macio, anelado e cor-de-rosa, talvez as roupas fossem caras e por isso ele parecesse quase elegante, ou talvez...

Talvez devesse falar alguma coisa, em vez de pensar nas roupas dele. O silêncio estava ficando pesado.

— Minha cama — começou então, torcendo para ter mesmo uma, e não um colchão de ar no chão, mas Elliot o cortou, falando ao mesmo tempo que ele:

— Decide logo o que você quer comer, que daí eu já peço. Você pode se ajeitar enquanto espera.

— Enquanto espero... Como é?

O garoto de cabelo rosa sacudiu os ombros, sem descruzar os braços.

— Escolhe aí. Eu não ia pedir sem falar com você antes, então não adianta fazer essa cara.

— Pedir — repetiu Gabriel.

Elliot o encarou, impaciente:

— Claro, né, ou você acha que vou fazer a comida se materializar aqui por magia? Ela tem que vir de algum lugar. Ou então...

Ele se interrompeu e não disse nada por tanto tempo que Gabriel ficou desconfortável de novo. Antes que falasse alguma coisa, Elliot disse:

— Olha. Se você quiser... a gente pode colar em algum lugar.

— *Colar* em algum lugar — ele ecoou, confuso.

— Pare de repetir o que eu digo. Sim, vamos pra algum lugar. Acho que vai ser da hora, já que é a sua primeira noite aqui.

— Eu não quero sair com os seus amigos — retrucou Gabriel, desconfiado.

Isso explicava por que Elliot estava bonito — ou, melhor, arrumadinho. Ele estava tão indiferente àquela visita que tinha se programado para sair. E Gabriel não ia se enfiar naquela roubada, porque esse tipo de coisa só servia para ele ficar esquecido num canto sem ter como voltar para casa.

Elliot franziu a testa como se ele estivesse falando outra língua:

— Não, ué, só a gente. Acho que isso eu consigo fazer. Mas pra mim tanto faz. Minha mãe deixou o cartão de crédito pra gente usar de qualquer maneira, você que decide.

Olha só. Isso mudava um pouco as coisas. Gabriel considerou a questão com cautela.

— Pode ser a pizza da pastelaria?

— Pizza da pastelaria — repetiu Elliot.

E depois reclamava de quando Gabriel repetia sua fala, o hipócrita.

— Eu passei por ela, fica nessa rua mesmo, lá pra cima. Achei interessante.

— Ah, sei qual é. Não viaja, tem um lugar no Bixiga que é bem melhor.

Por um momento insuportável, Gabriel achou que o problema era comer pizza, que sua mãe tinha deixado instruções e que Elliot estava vetando sua ideia em favor de um restaurante saudável. Mas o garoto não se importava nem a ponto de buscá-lo na rodoviária, então...

Então a frase fez sentido. Ele confirmou, só para ter certeza:

— Como assim? É pizzaria também?

— É, claro. Bem melhor do que essa. É um lugar tradicional de verdade, com donos italianos e *pá*. Bom, agora devem ser brasileiros, mas na década de quarenta, que foi quando abriu, eram italianos. Quer?

Gabriel se animou:

— Sim. Quero. Vamos, eu concordo. O que é bexiga?

Elliot sorriu de leve pela primeira vez desde que ele chegara. E descruzou os braços, finalmente.

— Bixiga. Com i. Eu explico no caminho.

A explicação: Bexiga era Bixiga porque todo mundo pronunciava desse jeito. Questão de sotaque, e agora era tradição.

Gabriel achou meio besta.

Os dois tinham se enfiado num carro chique de aplicativo, com ar-condicionado e tudo. Elliot se sentara atrás do motorista, segurando-se na maçaneta como se a qualquer momento fosse pular para fora do veículo, mas continuava falando, oferecendo a Gabriel um contexto para o passeio.

— Agora essa parte toda aqui da cidade se chama Bela Vista, mas o Bixiga em si manteve o nome. É um dos bairros que mais têm italiano, ou tinha, quando rolou a imigração em massa. Braz, Bixiga e Barra Funda.

— Eu li o livro — disse Gabriel, subitamente interessado.

— Mas não tinha ligado o nome à pessoa. Ao bairro. Foi recente essa mudança de nome? Às vezes demora mesmo pra acostumar. Eu não sabia que São Paulo se importava com tradição.

— Foi recente, sim, faz uns cem anos... E *São Paulo* não se importa com nada, porque é uma cidade, não uma entidade com vontade própria. Mas o pessoal do bairro se importa, saca?

Que cara chato.

Gabriel deixou o silêncio encher o carro. Depois de alguns minutos, o motorista perguntou se podia ligar o rádio.

Ele ficou tão desconcertado que achou que o homem estava zombando dos dois, mas, já que estava em outro planeta, era bom não arriscar. Autorizou com um *não-senhor-fique-à-*

-vontade engolido, meio para dentro, e ignorou a surpresa de Elliot quando disse “senhor”. Respeitar os mais velhos não era moda na capital, pelo visto.

E o cara tinha mau gosto, ainda por cima. Gabriel ouviu a primeira música e a segunda, depois se desinteressou. Música de velho.

— Eles sempre escolhem a Nativa — murmurou Elliot, falando baixinho para o homem não ouvir. — Ou a Alpha FM. É tudo assim.

Gabriel sacudiu os ombros e fingiu que estava gostando.

Agora que sabia em que bairro estava, ele tentou admirar melhor a paisagem, mas não tinha muito o que ver. O lugar podia ser antigo e podia ter uma história interessante, mas por enquanto o caminho consistia basicamente em prédios feios alternados com prédios menos feios. Quando por fim passaram por uma casa mais imponente, um sobrado com ares de antiguidade, Gabriel perguntou o que era.

Elliot ficou surpreso:

— Mano do céu, como eu vou saber? A casa de alguém, imagino.

— Achei que tinha cara de ser histórica — explicou ele, chateado. — Olha o estilo.

— Deve ser mesmo, mas não quer dizer que seja importante. Tem bastante casa antiga por aqui, mas eu não conheço o suficiente pra ser guia turístico. — Elliot mudou a cadência da voz, assumindo um tom artificial. — Se olhar à sua direita, poderá ver um clássico exemplo de arquitetura arquitetônica feita por um famoso arquiteto que...

— Se você ficar quieto — interrompeu Gabriel —, talvez não entre uma mosca na sua boca.

Era o que sua mãe sempre dizia e saiu sem querer. Mas, antes que se retratasse ou suavizasse um pouco o tranco, Elliot riu.

O rosto dele mudava por inteiro quando ele ria, mais aberto, luminoso. Era fascinante.

Ele parou em seguida, um leve ar de surpresa, como se não estivesse esperando rir.

— Tudo bem — disse então —, já estamos chegando mesmo.

O motorista encostou o carro e parou, sem se importar com as leis de trânsito. Gabriel desceu do veículo com cuidado, e Elliot deslizou pelo banco e saiu pela mesma porta. Segurou seu braço, levando-o até a calçada.

Quando Gabriel não queria ser arrastado, ele não era arrastado, mas o susto foi tanto que se deixou conduzir. Talvez fosse normal andar assim, de braços dados. Certo, ninguém mais na rua estava fazendo isso, mas podia ser que não estivessem com vontade no momento.

O restaurante era em uma portinha pequena, escondida entre uma padaria fechada e um prédio baixo, antigo também. Os dois entraram e foram imediatamente atingidos pelo cheiro de azeite, orégano e queijo derretido.

Estavam num corredor estreito, tão apertado que mal dava para passar, entulhado com um sofazinho de dois lugares e um banquinho na frente. Quadros na parede mostravam paisagens italianas, todas desconhecidas por Gabriel. Uma igreja, uma ladeira de pedra, uma fonte enfeitada.

Uma moça estava esperando pelos clientes no final do corredor, à porta do salão do restaurante. Elliot soltou seu braço e se adiantou para falar com ela, deixando Gabriel à deriva, com a sensação de ter perdido alguma coisa.

— Nossa mesa está pronta — disse ele. — Vamos?

Gabriel concordou. Até chegou perto demais, para ficar disponível caso Elliot sentisse o impulso de pegar seu braço de novo, mas ele estava ocupado olhando em volta como se alguém fosse morder seu pescoço. Que cara estranho.

Mas agora sua irritação tinha evaporado. Não dava para ficar chateado num lugar tão cativante, que parecia...

Bom, parecia um restaurante, mas diferente de todos que ele já vira antes. Gabriel admirou as mesinhas de madeira e toalhas vermelhas, as lamparinas de luz amarelada, as prateleiras com garrafas de vinho ocupando metade das paredes. Uma caixinha de som enchia o salão com uma alegre música italiana.

Eles tiveram que atravessar todo o salão para chegar à mesa, ajustada em um nicho na parede. Era como uma caverninha particular. A moça esperou que se acomodassem, entregou a eles dois cardápios e arrumou o enfeite do centro da mesa. Era uma vela de verdade, que ela acendeu com um gesto prático, elegante, antes de se afastar para chamar um garçom.

Gabriel esperou que ela estivesse longe e se inclinou na direção de Elliot, tomando cuidado para não atear fogo na toalha:

— Sua mãe deixou mesmo você usar o cartão *aqui*? Vai ser supercaro.

— Nem tanto assim. E é só uma vez. E você é nosso hóspede, fica *sussa*.

— Me lembre de compensar isso se vocês forem pra Perpétua. Nem sei como, mas vou fazer o possível.

Elliot ergueu os olhos, surpreso. E, pela primeira vez, seu sorriso foi quase simpático.

— Fechou — disse ele. — Escolhe o que você quiser.

O garçom veio em seguida, cortês e prestativo, como se estivesse atendendo dois executivos num jantar de negócios. Colocou uma cesta de pães e uma bandeja com tigelinhas de azeite e temperos sobre a mesa, e Gabriel decidiu que nunca tinha se sentido tão feliz em toda sua vida.

As opções de sabores de pizza tomavam quatro páginas do cardápio e incluíam desde a já familiar muçarela até uma criação elaborada envolvendo camarões-rosa que custava quatro vezes o valor das outras.

— Não sendo de planta, qualquer uma serve — disse ele, e Elliot escolheu.

O garçom foi embora, e Gabriel analisou os pães. Um deles tinha uma crosta tostada de parmesão, e ele começou por esse. Pegou uma fatia e molhou com cuidado no azeite, tentando não fazer uma lambança, e fracassou completamente.

— E aí? — disse Elliot, passando-lhe um guardanapo. — Já me perdoou?

Guardanapo não, era um lenço de pano. Ou, melhor, um guardanapo de pano. Como se chamava isso, afinal? Gabriel limpou as pontas dos dedos e então estreitou um pouco os olhos, porque o infeliz ainda lhe devia um pedido de desculpas, mas não tinha como ficar bravo com ele agora.

— Se a pizza estiver boa, você vai ser minha pessoa preferida.

Elliot sorriu. Seus olhos se apertavam quando ele fazia isso, de um jeito encantador.

— Minha mãe sempre diz que, se você começa a odiar todo mundo, é hora de comer e, se parece que todo mundo te odeia, é hora de dormir.

Isso provavelmente não se aplicava a pessoas que tinham sido abandonadas na rodoviária, mas Gabriel não quis argumentar. Distraiu-se vendo-o cortar um pedacinho de pão e analisar os molhos com ar pensativo, sem se interessar por nenhum. Por fim, Elliot deu uma mordida pequena no pão puro mesmo.

Ele tinha um jeito interessante de se mover, uma delicadeza que Gabriel queria ficar admirando. Em vez disso, pegou uma faquinha, espalhou uma camada generosa de um molho verde em outra fatia de pão e disse:

— Eu não odeio ninguém. Você vem sempre aqui? Tem mais lugares assim por perto?

— Pizzarias? Sim. Essa cidade é a louca da pizza. Deve ter mais pizza do que gente.

— Então está decidido. É aqui que vou morar.

Elliot apoiou seu cotovelo sobre a mesa, descansando o queixo sobre a mão.

— É pra isso que você veio? Fazer um *test drive*?

— Mais ou menos, sim. Tenho que ir pra algum lugar, porque a única opção de faculdade perto de casa é agronomia, e eu não quero. Mas não precisa ser necessariamente Sampa também. A gente está a duas horas e meia de São Carlos, eu poderia ir pra lá.

— A propósito, é raro alguém daqui chamar a cidade de Sampa. Tem mais chances de chamarem de Éssepê. Sabe, a sigla. Ou de São Paulo mesmo.

— Ah, é? Eu achei que era um apelido carinhoso.

— E é. Até se vê um pouco de Sampa em campanhas publicitárias, mas ninguém *fala*. Enfim, você não pode decidir só porque a gente sabe fazer pizza. Impossível que São Carlos não tenha comida decente.

Gabriel não quis admitir que nem sabia que tipo de comida São Carlos poderia oferecer. Até porque não era o ponto principal, nem de longe.

— Eu sei. Essa semana é pra pensar se quero ficar ou não. Acho que ainda tem bastante coisa pra ver.

— Ah, isso tem mesmo. E quem vem de cidade pequena estranha demais. Minha mãe sempre diz que não sabe como aguentou o primeiro ano aqui depois de sair de lá da sua vila.

— Primeiramente, não é uma vila, é uma linda cidade com uns... vinte mil habitantes, acho — Gabriel rebateu. Ele ignorou a tosse engasgada de Elliot e prosseguiu: — E que dificuldade eu teria? Tirando que estou respirando puro gás carbônico, acho que está tudo perfeito.

Como se quisesse confirmar suas palavras, o garçom chegou. Gabriel afastou a cesta de pães e a vela acesa, abrindo espaço para que o homem colocasse a forma de pizza no centro da mesa.

Ele cortou dois pedaços de uma pizza fumegante, escorrendo queijo pelas bordas, e serviu um em cada prato. Depois caçou as azeitonas que tinham escapado e colocou em cima do queijo.

Assim que foi embora, Elliot pegou sua azeitona com a ponta dos dedos e colocou de volta na forma. Até nisso ele parecia elegante, os gestos curiosamente graciosos.

— Além do gás carbônico, tem... todo o resto. Você troca ideia com seus vizinhos?

— É claro — respondeu Gabriel, intrigado. Partiu com cuidado um pedaço de pizza e tentou equilibrá-lo no garfo. Tinha tanto queijo que escorregava.

— Pois aqui vai dar um oi no elevador, se tanto. Talvez nem isso.

— Mas eu não faço questão dos vizinhos. E a gente conhece as pessoas com o tempo, não é? Fazer amizade não é assim, na hora. Acho que aguento esperar as coisas acontecerem naturalmente.

Elliot considerou aquilo com cuidado.

Então abriu outro sorriso e sentenciou:

— É. São Paulo vai te comer vivo.

— Pois que tente — rebateu Gabriel e mordeu a pizza.

Uau.

Talvez fosse a fome, a viagem, a expectativa. Talvez fosse o ambiente, ou a culinária híbrida, aquela mistura das tradições imigrantes com todas as influências que tinham se seguido ao longo dos anos. Ou talvez fosse mágica. Gabriel não sabia exatamente o que era, mas aquela era a melhor coisa que ele já tinha comido na vida.

E olha que a pizza tinha ovo.

— Eu gosto da portuguesa — disse Elliot, interrompendo sua experiência espiritual. — Espero que você também goste. A questão é que aqui você não pode ter...

Gabriel ergueu a mão, exigindo um momento de silêncio. A pizza merecia.

Elliot ergueu a sobrancelha, surpreso. E então riu e respeitou seu desejo. Fechou a boca e não disse nada até Gabriel terminar.

5

Gabriel comeu dois pedaços inteiros antes de autorizar a retomada da conversa.

Elliot aproveitou o silêncio para comer também, mas com muito menos reverência. Devia estar acostumado, já. Se um dia visitasse Perpétua, Gabriel iria obrigá-lo a comer a pizza da dona Carmem, a única da cidade, para ele aprender a dar valor às coisas.

A pausa na conversa abriu uma brecha para que Gabriel notasse alguns detalhes. A música ambiente, por exemplo, que agora ele reconhecia como uma tarantela, pontuada por risadas abafadas e conversas das outras mesas. Ou tarantela era a dança? De qualquer forma, dava vontade de bater os pés ou tamborilar na mesa.

Viu também que Elliot estava mais agitado do que vinha demonstrando. Pelo jeito não gostava de restaurantes. Qualquer movimento fora da caverninha onde estavam o fazia se eriçar como um gato, mesmo que fosse apenas o garçom passando para atender outra mesa, ou alguém falando mais alto no outro canto do salão. Se um carro buzinasse perto da janela, ele ia dar um pulo de quatro metros e bater a cabeça no teto.

Pensar nessa imagem fez Gabriel sorrir. Se quisesse ser neurótico, até poderia se perguntar se Elliot estava com vergonha de ser visto com ele, mas que sentido isso tinha? Não estavam fazendo nada de mais, mesmo que ele tivesse pegado seu braço antes de entrar. E, ainda que estivessem juntos como

um casal, o número de pessoas interessadas nos dois era exatamente zero.

Mais um ponto positivo para a selva de pedra.

— Agora podemos continuar — disse ele, depois de colocar o terceiro pedaço no prato. — O que você estava falando?

— MUITÍSSIMO obrigado pela permissão, vossa excelência. Não lembro mais.

— Eu não posso ter *alguma coisa*. Começava assim.

Elliot pensou um pouco, então se iluminou:

— Ah, sim, eu ia dizer que não pode ter muita expectativa. Você conhece a música Sampa, certo? Do Caetano?

— Todo mundo conhece. *Alguma coisa acontece no meu coração...*

— *Que só quando cruza a Ipiranga*, sim. A única coisa que tem no coração de quem passa por lá é medo de ser assaltado. Mas sabe aquela parte que fala *quem tem outro sonho feliz de cidade aprende depressa a chamar-te de realidade*? Então. Era isso, e dava tempo de ter dito antes.

— Parece que você quer me convencer a ir embora daqui.

Elliot riu, mas agora parecia um pouco desconfortável. Hesitou um segundo e então disse:

— Pode crer. Não é isso, eu é que estou num momento meio zoadado da vida. Você sabe o que aconteceu comigo?

Ele não estava esperando aquela pergunta.

— Sim — disse com cuidado. — Minha mãe comentou.

Várias vezes, com riqueza de detalhes, mas essa parte ele não mencionou. Elliot não precisava saber o tanto que tinham debatido sobre a sua vida.

Ele esperou, mas, em vez de contar sua versão da história, Elliot baixou os olhos para o seu prato, revirando um resto de queijo com a ponta do garfo.

— Esse lugar perdeu um pouco da graça depois disso. Na verdade, essa é a primeira noite que eu saio de casa desde aquele dia.

Gabriel não soube o que responder.

Sua mãe vendera o caso como uma prova dos perigos da cidade e até poderia estar certa, mas Gabriel achava que tinha sido falta de sorte mesmo.

O caso era que Elliot estava esperando o ônibus e um ladrão fugindo da polícia decidira usá-lo como escudo. Tinha passado uma péssima meia hora com uma arma no pescoço enquanto a negociação se desdobrava, mas saído ileso e, portanto, Gabriel se recusara a aprender qualquer coisa com aquela história.

Isso ele nunca iria dizer. Uma coisa era bater boca com sua mãe enquanto lavavam a louça, outra bem diferente seria falar algo insensível ali, para ele, que ainda estava revirando o resto da pizza como se pegar mais um pedaço fosse a atitude mais complexa do mundo.

Elliot percebeu o efeito de suas palavras e forçou um sorriso discreto:

— Esquece. Fala de você, gostou mesmo daqui?

— Mas eu entendo o que você quer dizer — respondeu Gabriel, devagar. — Quer dizer, acho que entendo. É só que eu cheguei agora, então só vi as partes... Sei lá, só vi a parte legal? Isso faz sentido?

— Em menos de duas horas?

— Sim. Tem coisa que só precisa de dez minutos pra notar, você entenderia se fosse pra Perpétua. Todo mundo lá é... igual não, porque isso nem seria possível, mas muito semelhante? Se você faz alguma coisa diferente, chama muito a

atenção. Aqui, parece que você pode ser qualquer coisa. Você pode fazer o que quiser e nunca vai ser a pessoa mais esquisita da rua. Se eu pintasse meu cabelo como o seu, por exemplo, no dia seguinte teria virado um ponto de referência.

Então pensou um pouco e acrescentou:

— Bom, seu porteiro te reconheceu, então você meio que é um ponto de referência também, mas pelo menos não para o trânsito.

Isso fez Elliot esquecer aquela ponta de tristeza, um ar surpreso tomando o rosto:

— Meu porteiro? Você perguntou pelo meu cabelo?

— Eu não tinha o número do apartamento. Só do prédio. Tinha que fazer alguma coisa.

— Mas é igual! O prédio é número duzentos e quarenta e três. E o apartamento fica na torre dois, número quarenta e três. Não acredito que você desperdiçou essa coincidência.

Gabriel ficou sem resposta.

Assim que pudesse voltar no tempo, iria se sacudir até os dentes baterem.

— Mas você quer pintar o cabelo? — insistiu Elliot. — Eu até posso dar umas dicas, mas... Não acredito que estou dizendo isso, mas curti bastante a sua cor natural.

Considerando que o cabelo de Gabriel era do tom mais genérico de areia possível, isso não podia ser verdade. Mas o elogio fez seu rosto esquentar assim mesmo, e ele se esforçou para ignorar.

— Não, quero dizer, talvez, quem sabe um dia, mas não. Se quer mesmo saber, o que eu queria era comer em paz.

Elliot arregalou os olhos, chegou a se afastar da mesa. Então Gabriel percebeu o que tinha feito e agarrou a sua mão:

— Não, espera, estou falando em geral, não foi uma indireta! O que eu *quis* dizer é que todo mundo fica me enchendo por ser gordo e minha mãe não me deixa em paz, só isso. Nossa, se ela soubesse que... Quando você não quis pedir a outra pizza, a primeira coisa que eu pensei foi que ela tinha falado pra não deixar e que você ia querer, sei lá, tapioca de tofu. Sendo que *eu* não quero perder peso. Estou bem como estou e só queria que me deixassem em paz. Meu ponto é que parece que aqui eu posso ser como sou.

— Ah — Elliot murmurou, olhando para a mesa.

Não.

Olhando para as mãos dos dois, unidas sobre a mesa.

Antes que Gabriel se levantasse e saísse correndo de vergonha, Elliot virou a palma para cima e segurou sua mão de volta, olhando em seus olhos:

— Eu nunca faria isso. E nem é porque você é bonito. Eu não sou fiscal de corpo alheio, né? Mesmo se a sua mãe falasse, eu não faria nada, até porque odeio tofu, mas ainda que gostasse... Ah, enfim. Na próxima vez, você me xinga na hora, que daí eu posso explicar.

Gabriel fez que sim, aliviado. Ele olhou seu prato, agora vazio e colorido pelas manchas brilhantes de azeite e molho de tomate. Olhou para a vela na mesa, já no finalzinho. Olhou para a mão de Elliot segurando a sua.

Então disse:

— Desculpe, qual foi a primeira coisa? Não é porque eu o quê?

Elliot franziu a testa. Pensou um pouco, como se estivesse repassando mentalmente a conversa. Deu para ver o momento em que chegou no ponto certo, porque seu rosto avermelhou de repente.

— Já esqueci. Mals aí.

“*Mals aí* o caramba”, pensou Gabriel, mas talvez fosse melhor deixar passar, porque agora estava com sintomas de taquicardia. Mas então Elliot tomou algum tipo de decisão, porque o encarou, apertando de leve sua mão, e disse:

— Te incomoda? Um cara dizer que você é bonito?

Caramba. “Diacho de pele ridícula”, Gabriel amaldiçoou. Ele não tinha enrubescido com as confidências, mas agora suas bochechas deviam estar da cor dos tomates da pizza.

Bem, era a primeira noite de sua viagem. Possivelmente a primeira noite do resto de sua vida. Tinha que mostrar uma bravura à altura da cidade. Teve que fazer um esforço monumental, mas conseguiu encará-lo de volta e responder num tom quase natural:

— Não. Não incomoda, não. Você também é, já que estamos mesmo falando disso. Eu não ia mencionar, mas... eu pensei.

Seu único consolo foi que Elliot foi afetado pelo mesmo mal súbito. Ele inclinou o pescoço, fazendo o cabelo cor-de-rosa cobrir sua face, mas não foi rápido o bastante para esconder o rubor. E nem o sorriso.

Pensando bem, isso de corar fácil não era assim tão ruim.

6

Caminhar na Paulista àquela hora não tinha o menor sentido, como Elliot fez questão de dizer.

— Não fique achando que se deslocar até lá só pra isso é um rolê tipicamente paulistano, porque não é. A não ser que você já esteja ali por perto, sabe? Mas é a sua primeira noite aqui, acho que seria legal passear, pra você ver como é. Podemos até descer a Augusta andando, se você topar.

— Quem é Augusta?

— É nada mais, nada menos que a rua mais legal de São Paulo. Ela desce até a Praça Roosevelt também. Onde eu moro, como você certamente se lembra.

Gabriel pensou um pouco. Então disse:

— Ou seja, vamos fazer o caminho que eu *já* fiz, mas por uma rua paralela.

— Que culpa eu tenho se você desceu por uma rua que só tem loja de lustre? — replicou Elliot, sem um pinga de vergonha na cara. — A Augusta é infinitamente melhor. Mas também podemos pegar outro Uber. Ou um ônibus, caso você queira. Pra experimentar. Imagino que na sua vila se ande em carro de boi.

— Pois fique sabendo que a gente tem dois ônibus quase inteiros, além do que me trouxe pra cá. E o escolar, que passa nas fazendas pra buscar as crianças.

— Quase igual aqui — disse Elliot, com um olhar falsamente inocente. — Não sei quantos temos, mas pelo menos dois eu garanto.

Ele pagou a pizza sem deixar Gabriel ver a conta e pediu o carro usando o aplicativo do seu celular também. Muito generoso. Até porque Gabriel não tinha opção.

— Você devia ter dito antes que estava sem bateria, dava pra carregar o celular na pizzaria. Tinha uma tomada perto da nossa mesa.

— Nem notei — admitiu Gabriel —, mas não importa. Estou fazendo essa besteira desde que cheguei, por que mudaria agora?

Dez minutos depois, os dois desceram do carro na avenida, perto de uma estação de metrô. Gabriel conferiu se era uma das que tinha visitado, mas não, essa se chamava Brigadeiro, o que o deixou feliz. Era um nome simpático.

Eles começaram a caminhar devagar, se misturando ao fluxo de pessoas.

A avenida Paulista era plana do jeito que sua mãe chamava de “reto-toda-vida”, com calçadas largas e boas de andar. Todo o horizonte era tomado por prédios tão altos que chegava a ser atordoante, e Gabriel ergueu o rosto para ver até onde eles alcançavam no céu. Ele deu um passo para trás, sem querer, e Elliot colocou a mão no meio de suas costas, amparando-o com delicadeza.

— Meu, não fica moscando muito, tá? Essa parte da cidade é mais ou menos segura, mas em São Paulo esse mais ou menos é *bem* relativo.

— Não tem prédio assim onde eu moro — disse Gabriel, ignorando-o. — Nem de longe. Acho que o mais alto de Perpétua tem uns quinze andares.

— Você acostuma. Eventualmente.

— É inacreditável que não seja nada de especial. É a arquitetura mais arquitetônica que eu já vi.

Elliot riu.

— É que tem arquiteto demais por aqui, esse é o problema. A gente vai passar por umas coisas que são... bom, que são *coisas*, mas a maioria dos prédios são bancos ou escritórios. E uma ou duas embaixadas, se não me engano. Capaz até de alguns serem *outras coisas*, mas eu não conheço o suficiente pra reconhecer os que não têm símbolo nenhum. Bom, posso apontar o do banco Safra, se você jurar que vai ignorar o totem enorme escrito “Safra” bem na frente e ficar bem impressionado.

— Esse é literalmente o único prédio que eu já conheço. Você é o pior guia do universo. Quais coisas são *coisas*? O que isso quer dizer?

Elliot pensou um pouco, olhando em volta. Sem tirar a mão de suas costas. Começou a andar, conduzindo-o tão gentilmente que Gabriel não se incomodou. Mesmo que fosse um pouco difícil se concentrar no que estava falando, sentindo o calor de sua palma atravessando a camiseta.

— Aquela coisa ali, por exemplo — disse Elliot, indicando um casarão antigo de dois andares, incongruente no meio dos prédios luminosos. — É uma escola centenária. Tem a Casa das Rosas por aqui também, mas a gente já passou por ela. É outro prédio antiquinho, tem saraus lá, rodas literárias, essas coisas. E rosas. Muitas rosas.

— Escolheram bem o nome, então.

— Sim. Esse passeio ia ser bem mais fácil no Centro, daí você veria que eu até manjo um pouco de coisas que são coisas. Ia ficar bestificado com meu conhecimento sobre rios subterrâneos.

Gabriel olhou para ele, espantado.

— Vocês enterraram um rio?

— *Eu* pessoalmente, não. Mas, sim, enterramos, tipo, um monte. A ladeira Porto Geral, por exemplo, tem esse nome porque era mesmo um porto, sabia?

— E porque é uma ladeira, eu presumo — observou Gabriel, sua expressão muito séria. — Outro nome excelente.

Elliot riu de novo.

— Também, mas isso é secundário. Apesar de que é a ladeira mais desgraçada que eu já tentei escalar. É mais negócio dar a volta no globo até chegar do outro lado, ou...

— Pegar um Uber? — completou Gabriel, divertido. — Estou achando que, se você tiver que ir ao banco, depois comprar leite e depois comprar pão, vai fazer quatro viagens num dia só.

— Não, porque eu pediria por delivery e usaria o aplicativo do banco. Não é minha culpa se esse buraco de cidade não foi feito pra pedestres. Deixa eu falar dos rios. Sabia que tem um monte de nascentes que começam aqui na Paulista? Dizem que a gente não anda mais de trezentos metros sem cruzar algum córrego. Você está andando sobre água.

Os olhos de Elliot brilhavam de um jeito que fez aquilo soar mais mágico do que era. Gabriel imaginou a avenida como devia ter sido antes do asfalto: dois quilômetros em linha reta no topo de uma colina. Ladeiras nos dois lados e uma infinidade de riachos, que a própria cidade engoliu com o tempo.

Os dois seguiram um pouco em silêncio, e ele se viu desejando que Elliot falasse mais. Era gostoso decifrar suas gírias, tão fáceis de entender pelo contexto. Ouvir seu sotaque, sentir o contraste com os sons familiares de Perpétua.

— Você não tem o costume de rir dos outros — disse então, de repente.

Elliot olhou para ele, confuso. Gabriel não podia culpá-lo. Era um salto lógico impossível de seguir, e ele explicou com uma risada:

— Desculpa, é que eu pensei aqui que seu sotaque é bom de ouvir, e daí me ocorreu que você não riu do meu. Minha mãe disse que ia acontecer, porque a gente... bom, eu, mas todo mundo na minha cidade, fala de um jeito bem caipira.

— Porta, porteira, portão — respondeu ele imediatamente, carregando tanto nos *erres* que virou um exagero grotesco. — Tipo isso? Eu acho bonitinho.

— Ah, vá. *Ninguém* acha esse sotaque legal.

— Pois eu acho — rebateu ele —, mas não precisa encarnar muito com isso, porque, se morar mesmo aqui, vai pegar o nosso jeito de falar, mesmo sem querer. Pode não perder o seu, mas vai acabar com uma mistura só sua. É o que sempre acontece. Essepê é uma cidade que engole tudo. Sotaques, rios, culinária, receitas de pizza...

— Nossa. Que doideira. Duvido que isso aconteça.

Elliot não discutiu. Provavelmente achava que o tempo iria provar sua razão. Ou estava pensando em outra coisa, porque fez uma pausa breve e acrescentou, com um sorriso malicioso:

— Além disso, claro que não vou rir. Seria muita babaquice tirar com o sotaque do cara que eu quero impressionar.

Gabriel até se esqueceu dos rios. E do assunto inteiro. Tinha certeza de que estava avermelhando de novo.

Elliot generosamente não comentou, apenas sorriu mais aberto e deixou a mão escorregar até envolver sua cintura. O tanto que ele alcançava. Era o tipo de gesto que teria deixado Gabriel tenso, antes, e o feito esperar alguma piada sobre o

seu tamanho, mas daquela vez tudo que conseguiu pensar foi em medir cada passo, para não correr o risco de escapar do abraço.

Elliot estava olhando ao redor como se procurasse coisas para comentar, mas nem precisava. Com os prédios, as luzes de uma infinidade de carros e bem mais do que dois ônibus, tinha o bastante para ver. E as pessoas... Era tanta gente diferente que Gabriel tinha que se controlar para não encarar ninguém. Homens engravatados e mulheres usando terno, idosas de cabelo roxo e meninas góticas cobertas por renda preta. Ele via meninos usando calças coloridas e camisetas importadas, uma moça despenteada claramente de pijamas andando de braços dados com outra garota de cabeça raspada e uma mulher tão bem-arrumada que *tinha* que ser modelo.

E casais. Para onde olhasse, ele via casais. Duas meninas esperando o ônibus, de mãos dadas. Dois homens abraçados numa roda de amigos, um falando alto e gesticulando, o outro descansando o queixo em seu ombro. E, então, o que falava alto se virou para dar um beijo no rapaz, e Gabriel parou de andar, fascinado. Elliot teve que puxar seu braço para que ele voltasse a caminhar.

— Ninguém faz isso — disse Gabriel, quase sem fôlego.
— Assim, no meio da rua, na frente de todo mundo, eu nunca imaginei...

— Faz o quê?

Elliot não tinha nem *notado*. Eles passaram por outro grupo grande, e então o garoto parou na frente de uma escadaria imensa.

— Tudo bem se a gente sentar um pouco? Essa escada é importante, conta como atividade turística.

Os dois subiram alguns degraus. Elliot sentou-se no canto, encostado na parede, e Gabriel se acomodou ao seu lado. Ainda estava pensando naquele beijo simples, fácil, em plena luz do dia... Bom, em plena luz da noite, se é que ele podia arruinar aquela expressão. Mas era mesmo uma noite luminosa.

— É estranho andar por aqui de novo — disse Elliot após um momento. — Desde aquele dia que eu não... Enfim. Esse prédio aqui também é uma das coisas que são *coisas*, só pra você saber. É a sede da Gazeta. O canal de TV, sabe?

O sorriso dele estava normal, os seus olhos atentos, mas agora, pensando bem, ele tinha um tipo de energia nervosa na voz, no jeito de se sentar. Gabriel não tinha nem percebido. Ele franziu a testa.

— Está tudo bem? A gente pode ir pra casa, se você quiser.

O sorriso de Elliot vacilou por um segundo e então voltou com toda força. Ele perguntou:

— Do que você estava falando antes? Ninguém faz o quê? Gabriel não insistiu.

— De um casal se beijando. Casal de homens.

— Não tem gays na sua vila?

— Tem pelo menos um — disse ele, porque a emoção tinha subido à cabeça e estava num momento de insanidade temporária. — Mas não, sei lá, deve ter, mas... discretamente. Não se beijando assim na frente de todo mundo. Sem medo nenhum. É tão...

— Gabs... Digo, Gabriel. Também não é bem assim.

— Pode ser Gabs, mesmo — ele riu —, ninguém nunca me chamou assim. Que ideia.

— Coisas de Essepê, pegar a primeira sílaba do nome pra virar apelido. — Ele riu também. — Gabs, longe de mim es-

tragar sua alegria, mas aqui é a Paulista, a gente está perto de um monte de barzinhos e baladas LGBTQIAP+. Por isso que é assim. Lembra do que eu falei sobre o sonho feliz de cidade? Não vem pensando que chegou numa utopia, ou vai ter uma decepção bem amarga.

Uau. Gabriel nem conhecia todas as letras daquela sigla e mal podia esperar para aprender cada uma. Era a porta de um mundo novo, um universo tão vasto esperando por ele que o alerta de Elliot não teve qualquer impacto. Não tinha como sua animação diminuir.

— Eu sei, eu sei, mas acredita em mim. Se você fosse pra minha casa ia entender. Ia sentir a diferença. É outra coisa. Outra realidade.

Elliot não teimou.

Os dois ficaram quietos. Gabriel pensou como era engraçado que não tinha como encontrar silêncio naquela cidade e o barulho vinha de todas as partes. Enchia qualquer espaço vazio.

“Um ponto para Perpétua”, pensou ele, acomodando-se melhor no seu degrau. Na sua cidade, ainda que fosse para a praça do Centro, só teria que se afastar um pouco da agitação da feirinha de artesanato e poderia escutar a respiração de Elliot sem esforço. Poderia ver estrelas também. Ali não tinha nenhuma.

Luzes e sons se atropelavam, brigando por sua atenção. Conversas, buzinas, motor de carros. Um moço tocando violino na calçada logo à frente, com a caixa do instrumento aberta aos seus pés para receber moedas dos passantes.

Gabriel se distraiu tentando identificar a melodia. Era o tema de algum filme, com certeza. O nome não queria vir à sua mente de jeito nenhum, mas estava na ponta da língua.

Ele olhou em volta, deixando a atenção passear. Ali perto havia um homem cozinhando num carrinho, jogando coisas dentro de uma panela enorme, que parecia uma bacia. Ia refogando legumes e pedaços de carne ou frango, e o cheiro tomava a quadra inteira. Uma fila enorme se formava ali na frente, esperando para comprar o prato. Gabriel não estava com fome nenhuma, depois de toda aquela pizza, mas era uma delícia sentir o cheiro, assim mesmo, e pensar numa cozinha a céu aberto.

Se falasse isso em voz alta, provavelmente Elliot iria discordar. Ele o lembraria de que sua cidade não era acolhedora, pelo contrário, que essa coisa de se sentir numa sala enorme, ouvindo música com um amigo, sentindo o cheiro de shoyu e pimentão no azeite, era só naquela quadra, naquela rua, naquele momento. Mas Elliot vivia ali, estava acostumado. Não tinha como saber que, ainda que fosse uma ilusão, ainda que São Paulo fosse mesmo engoli-lo vivo, só aquele momento já teria valido sua viagem.

Gabriel estava para comentar quando uma confusão começou na calçada. Um homem deu um berro que fez todo mundo olhar, o violinista até parou de tocar sua música. Um sujeito de voz forte, bombástica, desatou a xingar a mãe do cara de tudo quanto era nome, o outro começou a falar junto, e os dois quase se atracaram.

Era só um doido brigando com outro doido, mas Elliot se levantou num salto, seu rosto branco como um fantasma. Devia ter se distraído completamente, para levar aquele susto todo. Gabriel se ergueu também, agarrou seu braço para que não caísse da escada, mas Elliot nem se moveu. Estava congelado, com os olhos arregalados.

A cena acabou tão rápido quanto começou. Um rapaz da roda de cerveja interferiu, mais gente ajudou, e os caras lá não queriam tanto assim partir para os socos, porque se afastaram sem relutância depois de mais alguns desaforos.

— Agora São Paulo me decepcionou — disse Gabriel, abanando a cabeça. — Já vi brigas mais épicas na porta do Estadão. Não o jornal, digo, a minha escola. A gente chama assim porque também tem uma da prefeitura, mas essa é só pra...

E então viu a expressão de Elliot. E o resto da história se evaporou da sua memória.

O garoto não tinha se movido, seu rosto descorado sob as lâmpadas amarelas, sua pele úmida de suor. Ele se virou para Gabriel com esforço visível.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Eu quero ir pra casa — disse então, e Gabriel não fez perguntas. Os dois desceram os últimos degraus da escadaria e dobraram a primeira esquina pela qual passaram.

Andaram apenas alguns metros, mas foi como mudar de planeta. A rua não tinha nada de especial, só prédios atrás de muros altos e uma entrada escondida de um shopping, ignorada em favor de outra entrada mais iluminada na Paulista mesmo. Escura, vazia.

Gabriel parou, já pensando em explicar que podiam pedir outro carro, que seria mais fácil estacionar ali do que na avenida, mas, antes que começasse, Elliot o abraçou.

Um gesto inesperado, sem aviso, os braços dele envolvendo-o com força. Gabriel retribuiu imediatamente, sem saber como agir. Fez um carinho com toda delicadeza em seu cabelo, a ponta dos dedos afundando nos fios cor-de-rosa.

Com sorte, Elliot não iria sentir seu coração disparado.

— Meu celular ainda está sem bateria — disse o mais gentilmente que podia, arrependido pela primeira vez de não o ter carregado. — Tem que ser o seu pra chamar o Uber.

Elliot pegou o aparelho do bolso, deslizou o dedo pela tela e o estendeu para ele sem uma palavra. Sem desmanchar o abraço.

O endereço do apartamento já estava programado, e o GPS sabia onde os dois estavam. Gabriel só precisou solicitar, sem confirmar em que rua era, nem para onde iam. Ótimo, porque já não se lembrava mais de nada além do número 243.

Foi um instante apenas, e então Gabriel o segurou de novo, e era assim que os dois estavam quando o motorista chegou.

A volta ao prédio amarelo levou dez minutos, contados pelo relógio do Uber. Pareceu muito mais, porque o motorista sintonizou o rádio na Nativa.

Elliot se virou para a janela, possivelmente tentando sumir, mas depois de um momento estendeu a mão. Gabriel a segurou sem fazer nenhum comentário.

O carro desceu a rua Augusta devagar, negociando sua passagem com gente que não estava fazendo a menor questão de ficar na calçada ou no interior dos inúmeros barzinhos. Ou de prestar atenção nos semáforos.

— Tem um monte de bar aqui — murmurou Elliot, ainda sem olhar para ele. — E as baladas. O pessoal já começa o esquenta na rua. Se você quiser...

— Quem sabe outro dia — respondeu Gabriel.

Elliot apertou um pouco mais a sua mão.

Em alguns minutos, os dois desceram na calçada em frente ao prédio. Contudo, em vez de entrar, Elliot olhou para a Praça Roosevelt, que *também* estava cheia. Pelo jeito, São Paulo inteira estava na rua.

— Você se importa se a gente sentar um pouco aqui fora? — perguntou ele.

Gabriel ficou desconcertado.

— Tem certeza? Por mim podemos entrar, não tem problema.

— Só um minuto. Pra respirar ar puro.

Ar puro era a única coisa que não tinha naquela cidade, mas Gabriel concordou mesmo assim.

A praça era meio esquisita. Ela tomava o quarteirão todo e era cheia de escadas para compensar o fato de que ficava em uma ladeira. Tinha um pouco de tudo ali. Restaurantes, um teatro, dois botecos diferentes tocando música bem alto. O pessoal tinha se espalhado pela calçada com as latinhas e garrafas de bebida nas mãos, lotando o lugar. No canto oposto da praça, uma banda de três pessoas tocava ao vivo, com a plateia sentada em roda. E, mais para a frente, ele ainda viu um grupo de adolescentes com skates, fazendo manobras radicais em rampas e corrimões da pista que tinha ali para isso.

No caso, a manobra consistia no skatista voar longe enquanto o skate ficava para trás, o que Gabriel considerou bem radical. Ele só se conteve para não sorrir porque não queria apanhar na primeira noite.

Deu um certo trabalho, mas conseguiu encontrar uma escada mais isolada. Fez Elliot se sentar e, como estava pegando o jeito de tratá-lo, acomodou-se entre ele e o corrimão, como uma espécie de guarda-costas.

Elliot descansou os braços nos joelhos dobrados, com o olhar perdido. Parecia envergonhado.

Gabriel hesitou. Não queria forçar nada, mas os dois tinham passado o caminho todo de mãos dadas, tinham se abraçado, e então era perfeitamente razoável envolver suas costas com o braço. Certo?

E assim ele fez. Elliot ergueu os olhos, esboçando um sorriso constrangido, mas não reclamou. Aconchegou-se contra ele e deitou a cabeça em seu ombro.

— Desculpa — disse então. — Foi mal. Eu estraguei tudo.

— Não estragou nada. Você tá bem? Isso é o mais importante.

Elliot fez que sim com a cabeça.

— Foi muito idiota. Eu estou sendo idiota. Eu não sei...

— Ei — disse Gabriel, gentilmente. Elliot parou, puxou o ar com força e soltou um suspiro fundo.

— Eu tenho essas coisas. Às vezes. É que foi tão rápido, naquele dia. O cara me puxou, sabe, do nada. Eu não estava nem prestando atenção e... agora parece que eu não consigo esquecer. Fico levando susto com besteira. Ou achando que vou levar susto, e daí me dá medo de ter medo, e tudo vira uma bola de neve, e eu travo. Não consegui nem te buscar na rodoviária e estava tudo pronto. Eu queria te receber direito, até já tinha me trocado. E não consegui passar da porta. Eu odeio isso.

Ele parecia tão infeliz que Gabriel pagaria para saber o que dizer, se pudesse. Infelizmente, tudo que tinha para oferecer era um abraço.

— Não tem problema, a gente não devia ter ido na pizzaria. Eu não queria te atormentar a noite toda. Da próxima vez, a gente pede um delivery e...

— Não — disse Elliot, agarrando sua mão e erguendo a cabeça para olhar em seus olhos. — Foi a melhor coisa que podia ter feito, sair com você. Eu nem lembrava mais que podia ser bom, acho que na minha cabeça São Paulo tinha virado só aquele momento. E você é tão seguro de si, então ficou bem mais fácil.

Claramente, ele ainda não estava raciocinando bem.

— Essa última parte é impressão sua — disse Gabriel, com cuidado. E então, com uma nota involuntária de timidez, acrescentou: — Mas eu gostei muito do passeio também, de ver sua cidade pelos seus olhos. Mesmo que você só reclame.

Era uma tentativa de humor, e Elliot entendeu. Sorriu em resposta, com um ar agradecido no rosto.

— Reclamo mesmo, porque esse buraco merece. Aqui só tem maluco e um monte de lugar feio que não dá pra andar à noite, e nem vou falar dos engarrafamentos. Mal tem oxigênio. Tem muito do que reclamar. Só que também tem uma cidade mágica embaixo disso tudo, que fica muito mais fácil de achar com você.

Estava olhando nos olhos de Gabriel agora, e, de repente, não tinha ninguém mais na praça, no bairro, na cidade inteira. São Paulo deserta e toda deles, pequena demais para conter aquele momento.

— Mas é isso — disse Gabriel então, fazendo um esforço violento para falar alguma coisa que fizesse sentido. — Como você disse, um pouco de medo desse lugar é saudável por uma questão de sobrevivência. Igual à música do Caetano. Aqui é o avesso do avesso do avesso do avesso.

— Eu não queria estragar São Paulo pra você.

— Não estragou, pelo contrário. A gente pode passear mais junto, ou ficar em casa, se você quiser...

Elliot começou uma recusa indignada, mas Gabriel não se deixou interromper:

— Ou só fazer coisas em lugares fechados também, por mim tanto faz. Eu nunca assisti a uma peça em um teatro de verdade, sempre tem a primeira vez pra tudo, e, sei lá, museus, exposições, o que você gostar. Estou experimentando.

— Rios — disse Elliot. — Vou te mostrar onde os rios passavam. E a ladeira dos infernos. Pode fazer compras lá, tem um monte de lojinhas dos mais diversos cacarecos.

Sua voz estava mais firme, o olhar mais calmo. O sorriso mais natural.

— Exatamente o que eu queria — respondeu Gabriel, aliviado. — Comprar bagulhos, ver as arquiteturas, sentar com

você numa praça e te dar um beijo, comer o que eu quiser. E caçar rios soterrados. Mas me avisa se não estiver legal. Eu quero saber, ok?

Elliot apenas olhou para ele.

Depois de um momento, respondeu de forma pausada, falando devagar:

— Cobertos. Não estão soterrados. Os rios ainda existem.

— Mesma coisa.

— Não, não é. Só uma perguntinha rápida: nessa sua lista aí, o que veio mesmo depois da arquitetura?

Gabriel sentiu seu rosto esquentando. De novo.

— Uh. Sentar na praça. Algo assim.

— Não. Acho que não foi só isso.

— Mals aí então, já esqueci.

Elliot sorriu, brilhante e verdadeiro. Depois de um momento, Gabriel sorriu de volta.

E talvez ele tivesse inclinado a cabeça primeiro, ou talvez tivesse sido Elliot. Ou então os dois tiveram a mesma ideia ao mesmo tempo. O beijo foi delicado e muito breve: foram dois segundos em que as suas bocas se encontraram, e ele não soube se o tremor que sentiu vinha da bateria da banda ou do seu coração batendo alto.

Elliot se acomodou nele mais uma vez, o corpo confortável contra o seu, a cabeça em seu ombro. Gabriel o abraçou, trazendo-o ainda mais perto.

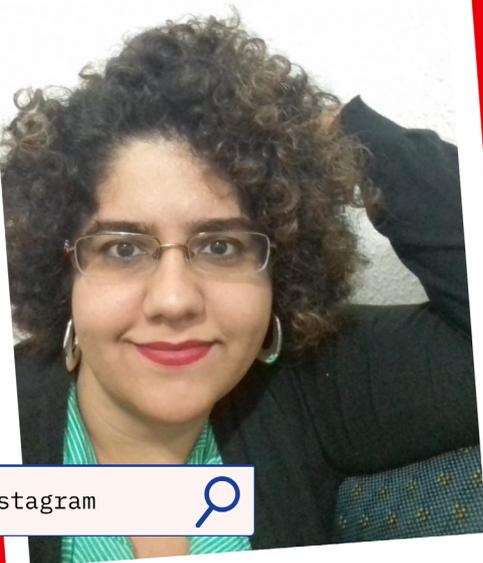
Ninguém estava olhando para eles. Os dois estavam ali, aninhados daquele jeito, diante da completa indiferença de uma centena de desconhecidos. Meia cidade em volta deles e cada pessoa em seu próprio mundo, cuidando da própria vida, todos juntos no mesmo quarteirão tão cheio de música que

soava como se fossem vinte festas ao mesmo tempo. Era como tocar a alma da cidade.

Então Elliot ergueu o rosto. Dessa vez o beijo foi mais longo e Gabriel se deixou levar, perdido no calor da boca do outro, num brilho cor-de-rosa e na energia luminosa da noite de São Paulo.



Mariana Chazanas
São Paulo



@mariana.chazanas no Instagram



Mariana Chazanas é escritora, psicóloga, pedagoga, professora, funcionária pública e procrastinadora profissional. Escreve desde sempre e anda viciada em romances históricos. Atualmente reside na cidade de São Paulo, onde trabalha com preservação da memória e com o próximo livro, porque sempre tem um próximo livro.

AMANDA CONDASI



O
Rio de Janeiro
continua
lindo

Série *Meu Brasil é assim* - RJ

01. Adeus a Seul

“Por que sua pronúncia é a mesma de alma?

Que alma você tem?

Independentemente de qual seja

Isso me mantém ao seu lado.”

Seoul – RM

Com a cabeça encostada no vidro do ônibus, reparo no ir e vir nas ruas. Hoje está um dia bem típico aqui em Seul, frio, para variar. Depois de sete anos vivendo aqui, posso dizer que estou acostumada com as temperaturas abaixo de zero. Nos fones, uma melodia suave me embala pelo caminho até o restaurante onde encontrarei minhas amigas para nossa despedida. Observo a paisagem pela janela como se fosse um adeus às grandes árvores que enfeitam esse pedaço da cidade.

Estou de malas prontas para voltar ao Brasil amanhã, mais precisamente ao Rio de Janeiro. Minha decisão já estava tomada desde que completei dezesseis anos, que foi quando eu percebi que não dava mais para viver aqui. A vinda para o outro lado do mundo se sucedeu por conta do trabalho do meu padrasto, então eu e minha mãe arrumamos nossas malas e partimos junto dele para essa aventura num país de idioma e cultura completamente diferentes do que estávamos acostumadas. No começo, foi difícil pela falta de domínio da língua, mas graças a Hyejin e Chaeyoung, que sabiam falar inglês e me

ajudaram em tudo, tive segurança e coragem de colocar a cara no mundo.

Eu fui muito feliz nesses anos morando aqui. As idas aos palácios antigos, festas no karaokê, beber *soju* escondida no alto da adolescência, a descoberta da minha bissexualidade e o apoio da minha família. Só que tudo na vida “tem dois pontos de vista”, já dizia minha avó. E, aqui, eu senti na pele essa frase, o sentimento dividido entre amar a segurança, as paisagens e as amizades que esse lugar me trouxe e, ao mesmo tempo, detestar alguns olhares feios quando ando na rua, a forma como o ensino coreano simplesmente ferrou minha cabeça, junto de alguns professores que viviam me dizendo que aqui não era meu lugar, e a forma como sinto que aqui não é a minha casa.

Mesmo amando minha família, não consigo mais sentir felicidade vivendo em Seul. Sinto falta da energia que só o Rio consegue me oferecer, das pessoas, do calor e das coisas muito características, como o mate na praia. Também não sei o que fazer do meu futuro, já que tenho dezoito anos e acabei de sair do ensino médio, ou, como chamamos aqui, da escola alta. Tantas questões de medo, incerteza da necessidade de prestar vestibular e a sensação de que estou me desconectando das minhas raízes me fizeram tomar essa atitude.

Percebo que está na hora de saltar do ônibus, então me preparo para isso. Uma senhora vem na minha direção e ofereço meu lugar, recebendo um aceno e um sorriso gentil em resposta. Desço com mais cinco pessoas num bairro repleto de restaurantes familiares, daqueles que passam de geração para geração, assim como acontece com os parentes da Hyejin. As fachadas dos estabelecimentos lembram um tempo remoto, e as ruas são estreitas e calmas, menos agora que estamos no

horário de almoço e estou com tanta fome que minha barriga dói. Vejo de longe meu destino e percebo que está tudo escuro. Que estranho.

Ao abrir a porta, fico surpresa com a quantidade de gente aglomerada que surge gritando “surpresa!”. O local aparentemente foi reservado para a minha festa de despedida, coisa que fiquei bem receosa de fazer. Vejo rostos conhecidos usando chapéus de festa, como colegas da escola, os pais das minhas amigas e familiares do meu padrasto, que viraram parte da minha família também. O ambiente, pequeno e aconchegante, está enfeitado com balões coloridos e há, em uma parede, os dizeres em coreano e português: “Faça boa viagem, Dara, te amamos”.

— Não acredito que vocês fizeram uma surpresa pra mim, caramba!

Minha mãe é a primeira a vir em minha direção para um abraço.

Seu cheirinho de erva-doce é sua marca registrada desde que me conheço por gente. Nossas peles negras são parecidas; a única diferença é que na dela se percebem mais marcas do tempo. Seu sorriso vem para mim quando não consigo segurar as lágrimas e choro de alegria, saudade e amor. Vou sentir muita falta de todo mundo e, embora me doa a despedida, sinto que nada mais me prende aqui.

— Minha filha, não chora! Olha o que preparamos pra você, dona “não quero uma festa de despedida”! — Ela segura uma das minhas mãos, pois continuo estática à porta, e nisso chegamos mais perto dos convidados. Percebo que colocaram algumas mesas, lado a lado, formando assim uma só. Enxugo as lágrimas e começo a cumprimentar todos, que já se acostu-

maram com meu jeito. Apesar de ser um tanto tímida, gosto de abraçar. Fico feliz de ter criado esse círculo de amizade forte e ainda mais surpresa que estejam todos aqui.

As responsáveis pela festa saem do outro lado da mesa e formamos um abraço forte e apertado. Chaeyoung, com seus cabelos rosa, me entrega um embrulho azul, a minha cor favorita, enquanto Hyejin continua abraçada a mim.

— Amigas, obrigada por me contrariarem e fazerem algo que eu nem sabia que precisava — digo, em meio a um choro que virou uma risada. Cumprimento o resto dos convidados e ganho embrulhos deles. Sento entre minha mãe e meu padrastrato, que está se acabando de comer *lámen*, e peço um para mim, junto de uma porção de carne e soju.

Do outro lado da mesa, Jiwoo, a namorada da Hyejin, pede para que eu abra logo os presentes porque está curiosa para ver minha reação. Pego a caixa que Chae me deu e é relativamente pesada, rasgo o papel e vejo um álbum de fotos com recordações do trio em momentos diversos. Nossa viagem a Busan, o show do BTS no estádio, um dia no karaokê. Tantas fotos que eu nem lembrava mais. Coloco a embalagem na cadeira assim que me levanto e vou na direção delas para mais um abraço em grupo.

— Meninas, muito obrigada! Vocês são as melhores amigas do mundo todo e eu vou levar esse álbum comigo com o maior amor. — Depois de beijar a bochecha de cada uma e enxugar mais uma lágrima fujona, volto para o meu lugar e continuo vendo o resto das fotos. Minha mãe coloca mais alguns embrulhos em cima da minha perna, e deixo para abrir já em casa. Guardo-os numa sacola que meu padrastrato me dá, junto de mais uma garrafa de bebida.

— Gostaria de fazer um brinde a todos que estão aqui. — A atitude vem de mim e percebo que alguns ficam surpresos pelo rompante. — obrigada por fazerem parte da minha vida e tirarem esse tempo pra mim. Amo todos vocês e sentirei saudades!

— Um brinde a Dara e que ela seja muito feliz! — Min-joon puxa o coro e todos brindamos. Bebo um generoso gole aos olhos atentos de dona Alessandra. Devolvo um sorriso, desconversando, e volto a comer. Começa a tocar uma música que amo, e passo a imaginar como será em solo legitimamente carioca.

02. Bem-vinda de volta

“Me dê um abraço, venha me apertar

Tô chegando

Coisa que gosto é poder partir sem ter planos

Melhor ainda é poder voltar quando eu quero.”

Encontros e despedidas – Maria Rita

Observo o nascer do sol pelo vidro do saguão de embarque. Estou na minha primeira conexão em Dubai; agora são cinco e quinze da manhã. Aproveito para mandar mensagem para todo mundo, informando que está tudo bem. Meu pai me liga e engatamos uma conversa sobre eu estar cada vez mais perto e, nisso, parece que a ficha está caindo, que estou cada vez mais perto do Rio e seu tão conhecido calor humano. Ficamos num papo onde não vejo a hora passar, até que escuto o chamado para o meu voo.

— Tenho que ir, pai. Daqui eu já chego em São Paulo e de lá é um pulo pra gente se abraçar — digo, enquanto me atrapalho com malas, bolsas e meu coala azul de pelúcia, que ganhei das minhas amigas no aeroporto de Seul.

— Vem com Deus, minha filha. Eu e sua avó estamos aqui te esperando. — Papai dá um bocejo cansado e resmunga alguma coisa com o cachorro caramelo da casa, que se chama Águia, já que minha avó é a maior torcedora da Portela que eu conheço, então claramente seu cachorro teria referência à escola de samba, como todo o resto.

Lembro as inúmeras vezes em que ela me levou à quadra da escola e como todo aquele azul com branco me encantou. O amor pelo Carnaval veio dela, com certeza, e, em todos esses anos fora do Brasil, sempre dava um jeito de ver pela internet o desfile da minha Portela, mesmo que houvesse rivalidade com a salgueirense que é a minha mãe. Mas nada passava de uma competição e uma implicância saudável que fazia meu padras-to rir bastante da nossa cara.

Deslizo o dedo sobre a tela e desligo, colocando o celular em modo avião. O assento dessa vez será na janela e ao meu lado se senta uma menina mais ou menos da minha idade usando um *hijab* vermelho, e seus olhos não desgrudam da minha pelúcia.

— Você também gosta de *K-pop*? — pergunto em inglês para ela, que acena positivamente. Pronto, engatamos a conversa sobre nossos astros favoritos da cultura sul-coreana até eu não aguentar mais e ser abatida pelo sono.

###

Depois de trinta e quatro horas entre escalas e voos demorados, chego ao Rio de Janeiro. O aeroporto do Galeão está completamente diferente do que eu lembrava e, por pouco, eu não me perco para pegar minhas malas. Com elas no carrinho e com certa dificuldade, vejo meu pai com as mãos levantadas e um sorriso no rosto. Dou uma corridinha básica para passar pela porta automática e largo minhas bolsas, agarrando meu pai em um abraço apertado.

Meu pai é um homem negro de quase dois metros de altura, e perto dele eu, que já sou pequena, fico minúscula.

— Que saudade que estava, meu amor! Olha como você cresceu e está linda.

— Pai, crescer é sacanagem! Continuo do mesmo tamanho.

Ele pega uma das malas e eu o ajudo, seguindo para a área do estacionamento. Depois de pagar, seguimos no meio de vários carros até chegarmos em frente a um branco.

— Pra mim você cresceu, sim, Dara. Sua avó vai ficar falando a mesma coisa.

Acomodamos as malas na parte de trás e sento no banco do passageiro. O relógio do meu celular está marcando onze e quarenta da noite, e ao total fiquei mais de trinta horas viajando. Coloco meu cinto de segurança e meu pai dá a partida no carro rumo à saída.

— Já mandei mensagem pra Alessandra avisando que você chegou, filha. Fica tranquila em relação a isso, agora é descansar e dormir.

— Obrigada por mandar mensagem pra minha mãe, eu estou esgotada depois de tantas horas de viagem e só quero deitar, mesmo que eu não esteja com sono.

Seu Paulo me dá um sorrisinho, e eu fico olhando, pela janela, as ruas um tanto vazias da cidade. Não tenho a menor ideia do bairro em que estamos, mas do nada eu vejo um ônibus azul enorme passando numa faixa exclusiva para ele.

— O que é aquele negócio ali na rua?

— Ah, aquilo é um BRT. Ele tem uma faixa exclusiva e tem os paradores e os expressos. Já tem algum tempo que usamos essa lata de sardinha.

— Parece ser útil.

— Na teoria, tudo nessa cidade deveria ser útil, né? Você

ainda vai ter muitas oportunidades de andar nele, Darinha. — Meu pai liga o som e começa a tocar um pagode que não conheço.

Continuamos a conversa sobre algumas coisas da cidade e, nisso, chegamos a Madureira, pois identifico o Mercado quando passamos em frente. Meu passeio era ir com minha avó às casas de ervas e depois tomar refresco natural, comendo um salgado. O meu favorito sempre foi o de queijo e presunto.

— Nossa, que nostalgia me bateu agora vendo o Mercado! Sabe se ainda vendem aquele joelho que eu gostava?

— Claro! Quer ir lá depois pra gente comer?

— Nem precisa perguntar duas vezes! — A risada contagia o carro e assim eu percebo que chegamos à vila.

Meu pai utiliza um controle para abrir o portão automático, e olho para as casas. Algumas estão iguais e outras fugiram totalmente da minha memória. Quase no final da primeira rua se encontra nosso destino, e vejo minha avó já em pé na calçada, do lado de uma senhora e uma outra pessoa que não consigo identificar quem é. O carro para em frente à casa de dois andares mais um terraço, pintada de um amarelo forte e bonito. Abro a porta e vou correndo abraçar dona Elisabeth, que nesse momento só sabe me beijar e apertar meus braços como se quisesse ter certeza de que sou real e não fruto da sua imaginação.

— Dara, como você está linda, minha filha. Saiu daqui uma criança e olha a mulher linda que se tornou. Seja bem-vinda, meu amor, eu estava morrendo de saudade sua. — Mais um abraço entre nós duas acontece, e ouço latidos vindo da casa. Um cachorro desce as escadas rápido e, no que me afasto um pouco da minha avó para brincar com Águia, ele passa em dis-

parada pelo meu carinho e vai fazer festa para a desconhecida, que está ajudando meu pai com as malas.

Observo como ela faz carinho nos pelos do cachorro e reparo melhor nela. Sua cabeça está praticamente raspada e os fios que crescem estão tingidos de loiro. Possui algumas tatuagens espalhadas em sua pele negra e sorri de um jeito muito bonito para o Águia. Percebo que é mais magra que eu e um pouquinho mais alta — o que não é difícil, já que beiro o 1,60 de altura. Está usando uma blusa larga que vai até o meio das suas coxas torneadas, sinal de que faz alguma atividade física.

Perco um tempo analisando sua presença, até que meu pai aparentemente termina de retirar as malas do carro e vem até nós, enxugando um rastro de suor, devido ao esforço.

— Não sei se você lembra dela, minha filha, mas essa é a Tereza, da casa da frente, e aquela que estava me ajudando com suas malas é a neta dela. — Ele aponta para a senhora que neste momento está batendo um papo com vovó, e eu, tão distraída, nem reparei na conversa delas. Vou cumprimentar a senhora de quem realmente não me recordo e ela me deseja boas-vindas.

Sua neta, cujo nome até agora desconheço, vem até mim quando eu estou indo ao seu encontro, e acabamos parando no meio do caminho, o que me faz rir. Trocamos dois beijinhos, um de cada lado da bochecha e, antes que eu perceba, seus braços envolvem meus ombros num abraço saudoso, e sinto uma fragrância doce. Como alguém pode estar tão cheirosa a uma hora dessa? Ou eu estou tão fedorenta assim e ela está normal? Voto na segunda opção, já que estou desde o dia anterior fazendo peregrinação por aeroportos, países e fusos horários diferentes.

O nome dela é Brenda, e até isso nela é bonito. Desfaço o abraço e olho bem no fundo dos seus olhos, até ouvir a voz de sua avó:

— A Brendinha pode te ajudar em qualquer coisa que você precisar, Dara. Vocês, jovens, se entendem, e agora no final de janeiro sempre acontecem vários eventos gratuitos pela cidade — Tereza diz, e aceno com a cabeça sem saber bem o que dizer. Desvio o olhar do de Brenda e vou em direção ao portão de casa, agora que meu pai está guardando o carro na garagem. Pego duas malas e ela me ajuda, colocando ambas na varanda para facilitar a subida.

— Será um prazer ser sua guia turística pela cidade e pode me procurar para o que precisar.

— Não quero te atrapalhar em nada, fica tranquila.

— Não se preocupe com isso, não. Seu pai e sua avó são quase da minha família e vai ser tranquilo te fazer companhia.

— Vamos, minha neta? Já está tarde e todos temos que descansar. Tchau, gente, até amanhã! — Dona Tereza se despede junto de sua neta, e vão para a casa delas, do outro lado da rua. Águia parece se despedir de sua amiga humana, pois dá uma sequência de latidos em sua direção, que são respondidos por um aceno de Brenda. Fofa.

Enquanto subo as escadas carregando as bagagens, o cheiro da casa de vovó desperta em mim as melhores lembranças, e parece que enfim cheguei e estou num ambiente nostálgico e acolhedor. Rio, quero te reencontrar e não vejo a hora disso acontecer.

03. Meu lugar

*“O meu lugar
É sorriso, é paz e prazer
O seu nome é doce dizer
Madureira.”*

Meu lugar – Arlindo Cruz

Acordo com o barulho de alguma coisa quebrando e logo em seguida um palavrão é gritado. Levanto, em pânico, pensando ser aqui em casa ou alguém que tenha se machucado na rua. Abro a janela do meu quarto, que dá para a vila, e descubro que são só alguns garotos brincando de bola e que acertaram o vidro de uma casa. Eles que se resolvam.

Ainda preguiçosa e observando a vizinhança, dou um bocejo cansado, pois meu corpo ainda está se acostumando ao novo fuso e, para completar, fizemos um passeio de família e visitamos a famosa praia de Copacabana. Estava bem cheia para um dia de semana, mas estamos em janeiro e muita gente não estuda e nem trabalha nessa época.

Ficamos em frente ao monumento de Carlos Drummond de Andrade, e, obviamente, registrei tudo para recordação. Tirei fotos do mar, do Morro Dois Irmãos e dos prédios que rodeiam toda a orla. Aproveitei e mandei tudo para minha mãe, Hyejin e Chaeyoung, que ficaram chocadas com o tamanho do biquíni das mulheres que acabaram saindo no fundo de algumas fotos. Hye disse que está doida para vir aqui e provar essa peça de roupa.

A fotografia é um hobby que eu amo, e desde muito nova sempre estou sacando fotos e eternizando momentos. Já pensei em trabalhar com isso, mas é algo que ainda me deixa insegura. Deixamos o Águia na casa da dona Tereza e partimos com nossa bolsa térmica recheada de sanduíches de atum, de biscoitos Globo e mate com limão. Aliás, estava morrendo de saudades dessas coisas.

— Bom dia, meu amor. Caiu da cama? — Meu pai aparece na fresta da porta, e saio da janela para lhe dar um abraço. Ele ainda está com cara de sono e cabelo amassado pelo travesseiro. Acho lindo que, apesar dos anos, o black power ainda esteja na sua cabeça, mesmo que tenha sofrido alguns cortes e caído conforme o tempo.

— Acordei com o barulho do vidro da vizinha sendo quebrado.

— Esses moleques daqui são terríveis. Vamos tomar café?

— Vou arrumar a cama e já vou! — Recebo um joinha e ele sai do quarto.

Aqui é um pouco maior do que minha antiga casa e, ontem, antes de sairmos, arrumei bastante coisa no guarda-roupa de madeira. As paredes estão pintadas de azul num dégradé para o branco. Uma cama de casal e, na frente dela, uma bancada e um espelho. Arrumo o edredom no local e coloco meu coala azul de pelúcia ali em cima do travesseiro.

A sala está vazia e a tevê ligada passa um programa qualquer. Na cozinha estreita, meu pai bebe seu café enquanto passa manteiga em uma fatia de pão, e, deitado no seu pé, está Águia.

— Onde minha vó está?

— Na casa da Tereza, fazendo a feijoada. O gás aqui está acabando e ela não queria que faltasse nada para a sua festa.

— Pai, não tem...

— Eu sei, Dara! Mas ela quer mais do que tudo. E fora que é mais um motivo para a gente se reunir e comemorar, não é?

O pão é colocado na chapa, enquanto abro o armário para pegar o pote vermelho de achocolatado. O leite já está fora da geladeira, então misturo os dois e, como não sinto muita fome nesse horário, me dou por satisfeita.

— Tem razão. Desculpe por parecer mal-agradecida, é que não sei lidar com tanta atenção sobre mim. Ainda mais de gente que não conheço. — Seu Paulo encosta no móvel branco da cozinha, enquanto encara um ponto aleatório do ambiente.

— Nossa família também vai vir. Uma excursão toda vinda de Caxias pra te ver, Darinha.

— Você não tinha brigado com o tio Pedro por causa do terreno do vovô? — Sinto que toquei num tema delicado, e ele solta um resmungo baixo ao mesmo tempo em que a luz da sanduicheira desliga e ele vai até lá.

— Ele que brigou comigo, alto lá! E a gente fez as pazes depois de conversar e construiu uma casa para sua prima Karolayne, que engravidou, morar com o marido dela. — Sua reação é dar de ombros para a famosa briga pelo terreno da família. E acabou que não ficou para nenhum dos filhos, e sim para a neta.

— Aquela menina brincou de bonecas comigo, pai!

— Pois é, agora ela vai ter uma boneca que chora de verdade. Depois que você tomar o café, pode levar o Águia pra passear? Eu tenho que ir trabalhar agora — ele diz enquanto termina de beber seu café. Meu pai trabalha com produções de shows e, agora de manhã, tem um na praia de Copacabana. Então vai dar para chegar a tempo da comemoração.

— Passeio, sim. Faça uma boa viagem e depois me conta do show. — Fico observando o cachorro deitado no chão e faço um carinho na sua barriga cheia de pintinhas.

Escuto alguém gritando meu nome e fico achando que estou escutando vozes, como já aconteceu algumas vezes. Espero um tempo e realmente alguém me chama lá de fora. Desço as escadas, esquecendo completamente que estou usando uma camisa folgada, um short de pijama e os cabelos emaranhados num coque, e dou de cara com a Brenda.

— Oi, Dara. Desculpa te acordar, é que sua avó pediu para eu vir aqui levar o Águia pra passear. — Ela parece com vergonha e não deveria, já que está linda. Usa um short jeans e um top rosa, junto de chinelos. Possui um piercing no umbigo e, agora de dia, percebo que tem outro prendendo nos seus lábios. — Posso entrar?

— Claro, ele está aqui em cima. — Abro o portão e subo as escadas rumo ao cômodo, com ela vindo atrás de mim. Brenda se agacha e brinca um pouco com o vira-lata; como se conhecesse a casa, vai até a área de serviços e volta com uma guia nas mãos.

— Vamos?

— Vou! — respondo automaticamente, como se fosse programado. Olhamos uma para a outra, assustadas, e começamos a rir. Juro, se eu fosse um pouco mais clara, minhas bochechas estariam vermelhas, igual em filme. Ela coloca a coleira em Águia, ainda com um sorrisinho nos lábios, e eu percebo que ela é tipo eu, riso frouxo. — Desculpa, não percebi que você estava falando com o cachorro e não comigo.

— Não tem problema, fica *mec* — ela mais uma vez fala o nome da rede de *fast food* e não faz o menor sentido na frase.

— Por que você vive falando do *McDonald's* num contexto em que ele não está inserido? — pergunto na lata e sem o mínimo de intimidade. Ela volta a rir da minha pergunta idiota, enquanto está agachada e prendendo a coleira no pescoço do Águia.

— Isso é uma gíria que significa que está tudo bem, não tô falando do restaurante, não. — Ela me dá uma piscadinha, e fico me questionando se o que acabou de acontecer aqui foi um flerte ou ela só foi muito simpática comigo. Eu nem ao menos sei se ela gosta de meninas ou não, então descarto o flerte. Nisso, meu pai aparece na cozinha, já pronto.

— Olha quem está aqui, se não é a melhor dançarina da Zona Norte.

— Que isso, Seu Paulo, assim eu fico tímida!

— Filha, você tem que sair com a Brenda um dia pra ver como essa menina dança. Não tá rolando nenhuma festa na Lapa para arrastar essa menina aqui, não? — Ele me abraça, e eu só fico pensando que ele realmente confia e gosta bastante dela.

— Vai rolar aquela festa, lá no Teatro Odisseia, a Cadê Tereza.

— Essa festa é incrível mesmo, mas eu deixo vocês irem no meu lugar. Se minha filha quiser, é claro. — Não faço ideia de que lugar é esse de que eles falam e nem que diacho de festa é essa, por isso fico quieta para ver até onde esse papo vai rolar.

— É, Dara. Vamos, que essa festa é incrível! — Nisso, ela remexe os ombros como se estivesse prestes a fazer um passo de dança, como se isso fosse me convencer a sair. Dou risada e meneio a cabeça, como se não fosse nada de mais.

— Bem, pode ser. Agora vou me arrumar pro almoço, beijo, gente. — Saio em disparada pela cozinha e me tranco no quarto. Como eu posso ficar assim e ter essa reação com uma menina

que eu conheço tem três dias? E agora ser chamada para ir à Lapa, nós duas, sozinhas por aí? O que essa cidade me guarda?

###

Depois de colocar um vestido de girassóis, um brilho labial e prender meus cachos em um rabo de cavalo, desço as escadas e encontro alguns rostos conhecidos em nossa varanda e calçada. O terraço está em reforma, por isso não está sendo utilizado nesse momento. Minha prima Karolayne me abraça com seu barrigão de sete meses, e vou cumprimentar toda a família por parte de pai. Na caixa de som, Alcione canta alguma coisa, e perto da mesa de comidas está minha avó, que se arrumou na casa de sua amiga Tereza.

Está usando uma camisa da Portela, bermuda branca e chinelos. Um pano branco pendurado em seu ombro como um papagaio fica num pirata, um colar com pingente de São Jorge e uma guia azul por entre a blusa. Ela me chama para conhecer alguns amigos do seu terreiro de Umbanda e que trabalham com ela na escola de samba. Todos me tratam bem e aproveito para montar um prato com feijoada, farofa, couve e uma rodela de laranja para tirar o salgado da boca. Sento junto dos meus familiares e começo a tagarelar sobre meus anos na Coreia, os estudos e tudo mais. A comida e o ambiente são agradáveis e foi de ter esse tipo de calor humano e felicidade contagiante que só o carioca pode me dar que mais senti falta. Brenda aparece usando uma camisa de botões florida e shorts. A cabeça raspada com poucos fios loiros parece estar mais reluzente e dá um toque a mais em seu estilo.

Ela sorri para mim e eu retribuo, continuando a comer e conversar com meus parentes. Alguém começa a fazer

drinques, e peço uma caipirinha, que vem gelada e no ponto certo. A música no fundo muda e Arlindo Cruz começa a sua famosa canção.

“O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã, lá tem samba até de manhã e uma ginga a cada andar.”

Nunca tinha parado para perceber como Madureira e o Rio de Janeiro são o meu lugar. Claro, são minhas origens e de onde eu vim, e, depois de sete anos separados, parece que eu precisava daqui para me reconectar.

Canto o refrão com a mão no peito, sambando bem desengonçada no meio da pista de dança que se formou. Algumas pessoas marcam o ritmo pelo bater de palmas enquanto rodo e também bato palmas. Sinto mãos nos meus ombros e acabo nem percebendo a chegada do meu pai, que já vem sambando.

— Aceita uma dança, senhorita? — ele brinca, enquanto faz um movimento de abaixar o tronco como se fosse um lorde francês. E eu retribuo, segurando as pontas do vestido e abaiçando. Logo ele me pega pela cintura, se mostrando o bom pé de valsa que ele é.

Nessa, ficamos até eu cansar e ir pegar mais um copo de caipirinha na companhia da minha vizinha.

— Não sei se já te falaram hoje, mas você está linda, Dara — Brenda diz, enquanto macera o limão no copo. O que ela quer falar de beleza, por favor? Essa menina é bonita até acordando e ninguém é bonito depois de dormir por horas a fio. Olho para ela e recebo um sorriso tímido, que fica mais lindo por causa do piercing que ela possui.

— Primeiro, obrigada. Segundo, olha só pra você, garota. Linda desse jeito.

— Justamente, por ser linda eu te digo o mesmo! — ela fala e dá um meneio de cabeça, agora colocando a cachaça e açúcar para bater junto dos limões, e fico tentando entender o que tem de graça nisso. — Bem, minha ex-namorada que falava essa frase, e lembrar disso agora foi divertido.

— Você tinha uma namorada?

— Tive por dois anos. A letra B no LGBT não é de biscate, mesmo eu sendo uma. — O líquido é derramado nos nossos copos e ela dá um gole generoso enquanto me observa. — Que foi, o gato comeu sua língua?

— Não, é que eu também sou bissexual... ou acho que sou.

— Por que *acha*?

— É que, mesmo já fora do armário para os meus pais, eu nunca fiquei com nenhuma menina.

— Você não tem que provar nada pra ninguém e sua carteirainha bissexual não será confiscada por não ter ficado com meninas ainda. Tudo tem seu tempo, Darinha. Uma hora isso vai acontecer e será especial. Confia em mim! — Seu sorriso vem até mim como um sinal de que as coisas se ajeitam uma hora ou outra.

Quero dizer que é ela quem eu quero beijar, mas isso morre dentro de mim. A frase fica no ar. Não sei se ela entendeu e também não quero estragar uma futura amizade. Estamos nos conhecendo e ainda tem muita coisa pra acontecer conosco. Se for pra ser, vai ser perfeito e, se não for também, vou ter outras oportunidades. Mas, em vez disso, só falo:

— Vou confiar.

04. Pôr do sol no Arpoador

*“Você não anda bem, precisa relaxar
Precisa de uma praia.
Um pôr do sol na praia
Um pôr do sol à beira-mar”*

Um pôr do sol na praia – Silva e Ludmilla

O sol típico de um dia de fevereiro se mostra presente assim que desço do ônibus na Presidente Vargas, a via central da cidade. Brenda vem logo atrás junto do nosso amigo em comum, Thomas, ou Tony, como gosta de ser chamado. Viemos todos ao Saara antes de ir à praia, já que Tony foi chamado de última hora para tocar em uma festa no viaduto de Madureira hoje à noite e faltam coisas para incrementar o seu look. Como passaríamos pelo centro, viemos logo aqui.

— Garota, toma cuidado com essa bolsa de lado que aqui é cheio de furto, hein?

Tony é quem fala, enquanto cruzamos a faixa de pedestres e, assim como em Seul, o fluxo de pessoas na rua é intenso, só que a energia caótica do centro da cidade não tem nada a ver com a do outro lado do mundo. Até onde meus olhos alcançam, vejo pessoas carregando bolsas enormes de compras, crianças tomando *sacolé* de frutas, pipoqueiros na calçada e vendedores nas portas de suas respectivas lojas.

— Fica tranquilo!

Coloco a bolsa na transversal do meu corpo com a frontal bem segura. Brenda passa a mão pela cabeça, rindo, e percebo que isso é uma mania, assim como morder o piercing lateral do lábio inferior. Ela está usando uma camisa amarela larga e um short desses de surfar com estampas de flores. Bem tipicamente praiana.

Enquanto Tony vai na nossa frente à procura da loja de artigos de Carnaval, ela passa o braço por cima dos meus ombros, fazendo um encaixe perfeito, já que sou mais baixa que ela. Nessas duas últimas semanas, a gente se aproximou demais, quase todos os dias estou na casa dela e vice-versa. Sempre passeamos com o Águia pelo Parque Madureira ou ficamos vendo alguma coisa na televisão. Meu pai vive jogando piadinhas aqui e ali sobre ela, e eu tento não pensar demais nisso. Carioca é tudo simpático e expansivo, então claramente Brenda exerce o estereótipo.

— Daqui pra praia, como vamos?

— A gente pega o metrô ali na Uruguaiana e é só sucesso.

Eu aceno positivamente, e continuamos andando abraçadas. Observo os casebres de aparência antiga com uma quantidade infinita de produtos, até que paramos em um com alguns manequins portando plumas e paetês. Entramos, os três, na loja de tecidos, e fico encantada com a magnitude de cores e estampas. Pego uma pluma e vou em direção à Brenda, que está distraída olhando um pote de glitter; e passo em seu braço delicadamente o objeto que está em minhas mãos. Ela dá um grito, por pouco não derrubando o pote no chão, e eu caio na risada. Os funcionários, assim como nosso amigo, nos olham assustados e, por incrível que pareça, não me sinto tími-

da por ser o centro das atenções. Estar com ela faz com que eu me sinta mais leve.

— Vai ter volta, viu? — Ela aponta um dedo para mim enquanto arqueia uma sobrancelha. Vou em direção a Thomas, que a essa altura já fez suas compras, e fujo momentaneamente do seu enlace.

###

Enquanto desço as escadas da estação Uruguaiana, percebo que, até agora, não tinha andado de metrô. O que nem se compara às estações de Seul, já que a malha ferroviária corta quase a cidade inteira e, aqui, poucos bairros têm esse privilégio. Madureira por exemplo não possui metrô, mas sim o trem, que é outro lugar em que você acha de tudo para comprar. Semana passada eu fui visitar minha prima que está grávida e acabei indo de trem; na curta viagem que fiz, vi gente vendendo cartela de remédio, produto para limpar chão, pilhas, chocolates e balas por muito menos do que encontramos no mercado. Eu me senti maravilhada.

— Nós vamos descer em qual estação?

— General Osório, em Ipanema. Já viu o pôr do sol no Arpoador? — Tony pergunta, enquanto coloca seus óculos escuros. Suas tranças loiras formam um rabo de cavalo e, para completar o look com um short de veludo, ele usa a mesma camisa de botões que Brenda usava na confraternização de boas-vindas que teve na vila. Falando nela, olho para trás e a encontro sentada, mexendo no celular, num banquinho azul, embaixo do grande mapa que mostra grande parte da cidade do Rio de Janeiro e onde se encontram as três linhas de metrô existentes.

— Olha, mesmo morando por onze anos no Rio, nunca fui ao Arpoador. Então vou adorar conhecer. — Um barulho muito alto me faz ficar alerta e vejo, no fim do túnel, uma luz. Sinal de que o nosso transporte chegou. O ar-condicionado me atinge com força, já que estou com os braços descobertos e fora do vagão está muito quente. Sentamos todos juntos e Brenda coloca a mão sobre a minha coxa.

— Estava conversando com um amigo meu e ele disse que a festa na Lapa, que seria nessa semana, foi adiada. Mas ele conseguiu ingressos pra gente. — Sua frase sai meio que sussurrada e não entendo o motivo.

— Que festa na Lapa que eu não estou sabendo, dona Brenda Maria? — Thomas diz um pouco mais alto do que deveria, atraindo o olhar de uma senhora do outro lado do vagão.

— Garoto, é a *Cadê Tereza*, a festa em que você vai ser DJ.

— Ih, é mesmo! Uh, quer dizer que Darinha gosta de uma MPB e vai cair na pista graças ao meu som. — Ele balança os ombros fazendo uma dancinha tosca, assim como sua amiga fez um dia lá na cozinha da minha casa. Deve ser alguma coisa deles, e caio na risada, mais relaxada. Não dá para ser séria com esses dois.

— Eu gosto bastante de MPB, meu pai conta que tocava Preta Pretinha dos Novos Baianos enquanto a minha mãe estava grávida e eu sempre chutava a barriga dela. E eles se conheceram num show do Emílio Santiago. Acho fofo.

— Gente, amei essa história, parece fanfic. Pode deixar que eu vou tocar uma exclusiva pra você lá.

O metrô faz uma parada na estação Carioca e nela entram mais pessoas, incluindo um grupo de rapazes que começam um show dentro do vagão. Pego meu celular e começo a

gravar; a voz do menino que está tocando violão é sensacional, leve e melodiosa ao mesmo tempo. O resto do grupo se divide entre pedir uns trocados e dançar. Não hesito em ajudar, pegando umas moedas na carteira, que não está presa em meu corpo. O show dura até a estação de Botafogo, onde eles saem e recebem uma salva de palmas.

— Gente, que coisa linda, fiquei apaixonada por esse show! — digo, ainda maravilhada.

— E o menino ficou dando em cima da Brenda, que eu percebi — Thomas provoca a amiga, que parece não se importar.

Desde o dia da conversa sobre beijos, não paro de imaginar mil e um cenários em que eu a beijo...

— Ai, amigo, ele até que era bonito mesmo. Mas pena que não estou interessada nele no momento.

Assim que diz isso, seus olhos recaem em nossas mãos sobre minha coxa. Não sei em que momento me juntei com a dela, mas isso aconteceu e me sinto muito bem sentindo o calor de sua pele nesse frio do vagão. Thomas percebe o pseudoclima e faz uma cara de surpresa pelo que sua amiga falou.

— E quem é seu interesse? — Decido ser cara de pau e pergunto olhando bem dentro dos seus olhos, que, nesse momento, recaem sobre mim. Ela morde o lábio de nervoso bem onde está seu piercing, do lado direito. Ela passa a outra mão (a que não está junto da minha) em sua cabeça raspada e dá um sorriso.

— Uma menina, aí, que tem um sorriso lindo. — Brenda me dá um leve empurrão com o ombro, e abaixo a cabeça, meio tímida. Assim que tomo coragem para responder, a voz robótica do metrô me atrapalha.

— *Próxima estação: General Osório. Desembarque pelo lado esquerdo. Next stop: General Osório. Disembark on the right. Observe atentamente o vão entre o veículo e a plataforma. Muito obrigado.*

— Chegou nosso destino! — Thomas diz ao meu lado, e saio da bolha que foi construída entre Brenda e eu. Levanto do banco, olho para trás, me assegurando de que não esqueci nada, e saio do vagão com a mão ainda entrelaçada na dela, toda contente.

###

O choque térmico de sair do ar-condicionado e chegar à rua é a primeira coisa que percebo quando chegamos a Ipanema, fora a quantidade de escadas rolantes que possui esse lugar. Sério, acho que peguei umas três escadas rolantes até chegar à saída A do metrô. O local está bem cheio mesmo sendo uma segunda-feira e percebo que existem alguns feirantes vendendo produtos artesanais.

Damos a volta e atravessamos a rua para procurar algum restaurante, pois já passa da hora do almoço. Encontramos uma rede de *fast food* e me voluntariado para ir fazer os pedidos de Brenda e Thomas, enquanto eles ficam fora do local me esperando. Aqui está com poucos banhistas e não demoro tanto na fila. Peço o mesmo lanche para todos e agora só me resta esperar.

— Oi, desculpa chegar assim, do nada, mas você é a Dara que estudou no Pedro II de São Cristóvão? — Uma garota chega do nada me abordando e levo um susto. Observo sua pele branca e cabelo liso preso e não me recordo de sua pessoa da época em que estudava.

— Oi, sou eu, sim, mas não lembro de você. Desculpa.
— Claramente estou com muita vergonha nesse momento, já que a menina veio falar comigo toda simpática e não lembro dela.

— Não, tudo bem! Eu mudei bastante desde a escola, não fica assim. Eu sou a Estéfani, mas todo mundo me chamava de Teca. Não tínhamos muito contato, pois você era bem tímida. Só trocávamos figurinhas de RBD no intervalo — Teca lembra esses momentos e, caramba, passa um filme na minha cabeça. De fato, ela mudou muito e está mais bonita.

— Nossa, me lembrei super. Você sempre foi a Mia e eu, a Roberta. Bons tempos! — Rimos da lembrança do ensino fundamental, e vejo o número do meu pedido sendo anunciado na tevê do restaurante.

— Você não tinha ido pra Coreia?

— Fui e voltei agora. Fiquei sete anos e agora virei carioca mais uma vez.

— Ah, deixa disso. Quem é carioca nunca perde a ma-landragem! — Uma menina faz sinal em nossa direção e Teca responde: — É minha namorada, eu tenho que ir. Me adiciona no Instagram pra gente continuar em contato. Adorei te rever, Dara. — Trocamos redes sociais e ela vai para a fila, assim como vou embora e dou adeus ao casal. Meus amigos estão encostados na parede e entrego para Brenda o suporte do refrigerante enquanto Thomas ataca uma batata frita. Atravessamos a rua e, na orla, caminhamos sem pretensão enquanto comemos nossos lanches.

— Vocês acreditam que eu reencontrei uma antiga colega de escola? E eu que pensava que era muito tímida e que ninguém lembrava de mim... — digo com a boca cheia de batata

frita. Pego meu refrigerante e dou um gole generoso, pois o sol está demais.

— Ai, que legal! Gosto quando esse tipo de coisa acontece. Você estudava onde antes da mudança? — Tony pergunta, enquanto rouba uma batata da amiga.

— No Pedro II de São Cristóvão.

— MENTIRA? Eu e a Brê também éramos do Pedro II, só que o do Humaitá.

— Quem estudava nesse era filhinho de papai — provooco, e eles claramente caem na minha. Todo mundo sabe que no Humaitá só rico estudava. Thomas revira os olhos, e Brenda dá risada. Seguimos o caminho comendo e andando. Até que chegamos bem perto da pedra e descemos a escadinha que tem para auxiliar.

A areia está bem quente, o que seria de se esperar pelo mormaço em que se encontra essa cidade. As ondas batem forte e o vento, junto com cheiro de maresia, vem com tudo. Estico uma canga que peguei da minha vó, coloco minha bolsa nela e desamarro os nós da jardineira que visto. Meu biquíni azul realça meu tom de pele negro e acho que combina totalmente comigo.

Quando fui à praia em Busan, uma cidade litorânea da Coreia, recebi muitos olhares por ser uma mulher gorda de biquíni. De primeira, fiquei bem inibida, confesso. Mas, se não fossem as minhas melhores amigas, não teria aproveitado a viagem para desfilas de biquíni por lá. Thomas tira a blusa e a camisa, ficando com uma sunga vermelha que fica linda em seu corpo. Sua pele é de um tom negro mais retinto que o meu e com o sol fica mais linda.

Brenda tira sua roupa e desfila num biquíni amarelo com rosa, e fico admirando quão maravilhosa ela consegue ser. Sua

cabeça raspada parece estar mais loira por conta da luz solar e parece que ela brilha toda.

— Darinha, quer entrar na água? O Tom fica aqui olhando nossas bolsas, né, amigo?

— Fico, sim, podem ir que eu vou terminar de comer.

Brenda vai na minha frente e me oferece sua mão mais uma vez, e não hesito em pegar. Sou puxada no meio dos banhistas e andamos rápido até chegarmos à areia molhada. A água está bem gelada e eu comprovo isso quando começamos a entrar. Dou uma vacilada na caminhada e uns pulinhos nervosos pela temperatura.

— O negócio é entrar de uma vez só, vamos lá! — Sou puxada e conto até três antes de mergulhar de cabeça no mar. Meu corpo amolece e, com isso, emerjo gradativamente. Olho para o horizonte e vejo uma nova onda se formando, e é das grandes. Preparo o fôlego e, assim que vem em minha direção, mergulho mais fundo.

— Ufa, me sinto melhor agora! — digo, tirando o excesso de água dos meus olhos, enquanto Brenda dá pulinhos e vejo os pelos do seu braço arrepiam.

— Não disse? Tem que pegar fôlego e ir!

Ela exemplifica a frase usando uma mão, como se fosse uma pessoa, e a mergulha. Jogo água em cima dela e não percebo quando vem uma onda e ela se choca em mim com tudo. Sou arremessada quase para fora do mar e sinto a força das águas me puxando forte. Me embolo no meio do meu cabelo e da água que involuntariamente acabei engolindo e começo a tossir assim que levanto. Percebo que estou um pouco longe de onde eu estava, coloco a mão nos seios para ver se não tem nada de fora e fico aliviada de não pagar peitinho no meio da praia.

Prendo meu cabelo num rabo de cavalo e vejo Brenda rindo de mim. Não penso duas vezes e começo a jogar água na direção dela, que entra na minha, e ficamos as duas nessa brincadeira, cheias de intimidade.

— Não disse que iria ter volta pelo susto no Saara? A natureza me ajudou nisso.

— Você é péssima! Brê, vou voltar pra areia, me recuperar e ver se o Tom quer vir. — Então a deixo sozinha e vou em direção aos nossos pertences e ao nosso amigo, que não pensa duas vezes antes de ir para o mar.

Pego meu hambúrguer ainda intacto e dou uma bela mordida, quando vejo um homem de roupas laranja vindo em minha direção. Estava doida para tomar mate de praia com limão e não vou perder essa oportunidade. Faço sinal e ele vem até mim, dando um sorriso e me entregando um copo plástico.

O primeiro gole vem como um bálsamo e peço para que ele complemente com mais, o famoso chorinho. Pago e agradeço o serviço, enquanto vejo Brenda vindo na minha direção. Percebo que os pelos do seu braço estão também pintados de loiro, como seu cabelo. Ela senta do meu lado e pega um protetor para retocar. Ofereço um gole de mate e ela não se recusa a beber, chegando a fazer uma careta.

— Eca, tem limão! Odeio mate com limão. — Ela faz uma expressão de nojo, e a olho, chocada.

— Como assim? Todo mundo sabe que mate bom tem que ter limão.

— A fonte dessa pesquisa são as vozes na sua cabeça, né? Porque eu detesto e conheço muita gente que concorda comigo.

— Você está errada e não consegue aceitar isso. — Fico rindo da discussão boba sobre limão no mate, até ela ficar emburrada. Acho uma gracinha.

— Enfim, vamos mudar de assunto. Vou esperar o Tom chegar pra gente pegar um bom lugar lá em cima. Logo enche e vai ficar difícil pra gente ver o pôr do sol.

Concordo de boca cheia, terminando o lanche, e ela deita na canga de barriga pra baixo com um frasco nas mãos.

— Pode passar protetor nas minhas costas, por favor?

###

— Uau, que vista incrível da praia! — digo, assim que alcanço o topo da pedra do Arpoador e vejo toda a orla até o Leblon, as pessoas na areia como se fossem de brinquedo e os muitos prédios na avenida. Sentamos os três ao lado de um cara com um violão que começa a cantar Natiruts, e vou junto dele, enquanto tiro fotos da paisagem, sozinha e com meus amigos.

O cheiro da maresia vem forte e uma gaivota corta o céu, que nesse momento se pinta num tom lindo de laranja. Sinto uma paz inexplicável estando aqui e agora.

A sensação de sufoco me perseguia, e eu não entendia o motivo de sempre sentir no meu coração que a Coreia não era meu lugar. Ou até mesmo a incerteza do futuro, a cobrança de uma faculdade ou como eu deveria ser e fazer tal coisa. Nunca sequer comentei que gostaria de viver de fotografia; minha mãe e meu padrasto acham que isso é só um hobby e que para ser alguém preciso de um ensino superior.

E o que é *ser alguém* na vida? Para mim é ser feliz independente das escolhas de futuro, pois temos que estar felizes

naquilo que o coração mais deseja. E me vejo sendo feliz fazendo isso, registrando momentos, paisagens e pessoas. Registrando amor em forma de fotos. O coração bate mais forte e, antes que perceba, Brenda passa a mão no meu rosto e limpa uma lágrima.

— Tá chorando por quê?

— Não sei, Brê. Fiquei pensando numas coisas sobre o futuro e me emocionei. — Limpo o rosto, enquanto o pessoal à nossa volta começa a bater palmas. Percebo que o sol já começa a se despedir e mais uma lágrima cai.

— Se você continuar a chorar, vou na sua. E não queira me ver chorando. Pareço um filhote de cruz-credo. — Ela consegue arrancar um sorriso do meio da situação constrangedora em que estou.

— Não consigo te imaginar feia nem se eu quiser. E obrigada por me fazer rir e pela companhia desde que cheguei. Fiquei com medo de estar sozinha e você se mostrou uma boa amiga pra mim.

Ela me abraça pela cintura e, automaticamente, meu coração dispara e pareço um boneco *pixelado*. Travo. Percebo que estamos muito próximas e, assim que levanto a cabeça, ela olha muito fundo nos meus olhos, até mais do que no metrô. Sua mão na base das minhas costas faz um carinho em círculo, enquanto a outra limpa um rastro de lágrimas que ainda ficou e desliza até o meu pescoço. Não sei o que fazer com minhas mãos, já que entro em um minipânico. Mas decido enlaçar sua cintura também e ficamos cada vez mais próximas. O céu nesse momento está num tom alaranjado muito bonito, e sinto que todas as gaivotas que voavam no céu estão, neste momento, na minha barriga.

— E se eu não quiser ser só a sua amiga, Dara?

— Você pode ser tudo o que quiser na minha vida, Brenda — digo sem pensar. Fecho os olhos assim que seus lábios encostam nos meus e sinto a pegada na minha cintura ficar mais forte. Nosso beijo começa delicado, até que eu subo uma das mãos até sua nuca quase sem cabelos e arranho com as unhas ali, o que provoca um arrepio na sua pele e uma investida maior no que estamos fazendo, mas ainda assim é delicada.

Acho que ela lembra que eu nunca tinha beijado uma menina antes, então começa de forma sutil. Seu piercing lateral faz um pequeno choque térmico pela temperatura, e tomo a atitude de mordê-lo, o que acho que foi aprovado, já que Brenda parece me beijar como se eu fosse a última Coca-Cola do deserto e ela estivesse morrendo de sede. Ela me dá um selinho por mais tempo, e entendo que o nosso momento acabou. Abro os olhos e observo os dela, de um castanho tão escuro que parece preto. Continuamos fazendo carinhos uma na outra, até que sinto alguma coisa caindo sobre mim e nos tirando dessa bolha.

— Dá pro casal se desgrudar pra gente ir embora? Eu quero fazer xixi — Tony diz, parado do nosso lado com as mãos na cintura, e balança um pé, claramente sem paciência por causa da bexiga apertada. Levanto e dou a mão para Brenda ter equilíbrio e ela parece não gostar muito de ter que ir embora.

— Ai, Thomas, você é um grande empata beijo!

Ele me olha como se quisesse perguntar se está tudo bem e eu assinto, enquanto pego na mão de Brenda para irmos assim pelo caminho de volta, enquanto os dois continuam a implicar um com o outro. O vento gelado bagunça meus cabelos, e reparo no céu pintado de algumas estrelas e a lua cheia

apontando. Involuntariamente, dou um sorriso para quem foi testemunha desse momento. O Rio consegue me surpreender mais a cada dia e uma sensação de felicidade preenche meu peito. De coração leve, sigo meu caminho.

05. Eu tô na sua

*“O que eu desejo a você
É que os deuses do amor estejam a te proteger
E que o verão no seu sorriso nunca acabe
E aquele medo de viver um dia se torne um grande amor
Vou te falar, mas acho que você já sabe
Apaixonou, alucinou, descompassou meu coração.”*

Você me encantou demais – Natiruts

Um mês depois...

— Isso, fica parada aí e olha pra frente. — Com a câmera em punho, tento focar na minha modelo do dia. O exercício da aula de hoje é fazer uma foto externa e, por isso, arrastei minha avó para o Parque Madureira para realizá-lo.

A decisão de fazer uma graduação nunca me encheu os olhos e, conversando com o meu pai e minha avó, acabei descobrindo que, aqui mesmo no bairro, há uma escola de ensino técnico que tem o curso de fotografia. Minha mãe, a princípio, não ficou muito feliz com a minha decisão, mas, depois de uma conversa sincera em que desabafei com ela todas as minhas frustrações e vontades, ela aparentemente entendeu e até pediu desculpas por ter sido insensível em alguns momentos. Então, assim que passou a confusão de fevereiro e Carnaval, fui lá junto da Brenda para me matricular. E, na mesma semana, ficamos sabendo que ela tinha ganhado uma bolsa de 100%

para estudar em uma escola de dança contemporânea que tanto sonhava em conseguir.

— Minha mão tá doendo — Vó Beth reclama enquanto se apoia na árvore que faz sua sombra. Ela está usando um vestido florido, sandálias rasteiras e um batom vermelho. E isso nem foi porque eu pedi, não, ela que quis se produzir toda e eu não a impedi. Eu vim vestida com shortinho jeans e blusa de bolinhas brancas. Meu cabelo está pintado de rosa nas pontas e a cada dia eu gosto mais do que vejo no espelho. Hoje, vamos para a Lapa na famosa festa *Cadê Tereza*, e estou animada.

— Para de reclamar, tá ficando linda! — Foco nela e faço uma série de disparos. Acho que todos ficaram bons. — Pronto, terminei.

— Aposto que fiquei linda.

— Disso não tenho dúvidas! Vamos que eu tô com fome e é papai que está pilotando o fogão.

###

Depois de almoçar, tirar o cochilo da tarde e fazer uma chamada de vídeo com as minhas amigas da Coreia, que estão bem curiosas sobre o meu envolvimento com Brenda, estou me arrumando para sair com meus amigos. Minha roupa é simples, apostei num look *all jeans* bem Britney Spears e Justin Timberlake no AMA de 2001, com short e blusa do mesmo tecido e um coturno nos pés. O cabelo está num penteado meio preso e estou na frente do espelho tentando fazer um traço reto de delineador, que vai combinar com a sombra prateada e o batom vermelho que coloquei.

Gosto do que vejo e, estando pronta, vou desfilando até a sala, onde meu pai está vendo o jogo do Vasco junto de Brenda, e paro na frente da TV.

— E aí, tô bonita? — Dou uma rodadinha até que meu pai me atira uma almofada para que eu saia da sua frente.

— Você está linda todos os dias! — Brenda levanta e vem na minha direção. Ela usa a peça de roupa que mais gosta, blusa de botões, e a de hoje possui listras pretas e amarelas. Para completar, um short preto, All Stars e um boné. Seu perfume chega antes de sua presença e, assim que estamos frente a frente, não me seguro e lhe roubo um selinho.

— Não quero esse tipo de agarramento na minha frente, não, viu, dona Dara? — Sem ao menos virar o olhar em nossa direção, meu pai implica conosco. Desde o beijo na praia, que fez um mês já, estamos num relacionamento que não tem nome. Não ficamos com mais ninguém, porém nenhuma das duas tomou a iniciativa de formalizar um namoro.

— Fica de boas, seu Paulo, já estamos de saída. Boa noite!

Entrelaço nossas mãos e jogo um beijo para o meu pai e Águia, que está roendo um osso. A vila está até que vazia para uma noite de sábado, mas o som do lado de fora mostra que Madureira está movimentada como sempre. Algumas vizinhas estão em suas portas e cumprimento-as de longe.

— Bem, eu esqueci de pegar uma coisa lá no meu quarto para entregar pro Tom. Quer vir comigo, não?

— Tudo bem. Aproveito e bebo água porque esqueci de fazer isso antes de sair. — Atravessamos a rua e sua casa está num completo breu até chegarmos ao seu quarto. Como já temos intimidade suficiente, abro a porta e levo um susto com o que encontro.

Sua cama está forrada com vários papéis vermelhos que parecem pétalas de flores e umas bexigas em forma de coração, assim como a parede, que possui algumas fotos que tiramos nesse tempo de convivência e outras somente minhas. O cheiro gostoso do seu perfume está pelo ambiente e, ainda sem entender nada, entro no cômodo e vejo que ela me segue.

— Brenda, não me diga que é o que estou pensando...

Ela chega com as mãos escondidas atrás do corpo e meu coração, nesse momento, bate com mais cadência que a bateria da Portela.

— Quis fazer essa surpresa porque você merece e, se eu fizesse uma coisa mais grandiosa, seria morta antes de falar tudo o que quero.

Dou risada em meio à emoção que sinto. Ainda bem que não foi nada em público, acho que morreria de vergonha.

— Enfim, acho que já ficou claro o que eu quero, mas vou te dizer com todas as letras. Dara, eu gosto muito de você e quero poder te apresentar como minha namorada pra Deus e o mundo, hoje e até quando você quiser me aturar. — Ela começa a se abaixar e, nesse momento, minha maquiagem deve estar toda borrada de tanto chorar. Ninguém nunca me pediu em namoro, não sei como reagir!

A caixa é aberta e vejo o par de anéis finos de prata. Estico a mão, que nem sei se é a certa, e aparentemente eu acertei, já que logo uma das joias se encontra no meu dedo. Ela levanta e faço o mesmo ritual, como se fosse num casamento. Percebo que nós duas estamos emocionadas ao limpar uma lágrima fujona dela; não perco tempo e a envolvo num abraço não sem antes beijar seus lábios. A minha vinda para o Rio de Janeiro nunca foi para encontrar um amor ou nada do tipo. Eu,

ao menos pensava que teria amigos! Sempre foi mais por mim essa viagem, pela forma como a vida na Coreia do Sul me fazia infeliz e a falta de perspectiva de que isso fosse mudar, fora a saudade da minha família.

Ela chegou à minha vida como um mergulho no mar em um dia quente. A forma como me sinto tão livre junto dela, os nossos passeios, beijos na varanda e saídas. Talvez, para muitos, tudo tenha acontecido depressa, mas tudo tem o seu tempo e eu não me vejo mais longe daqui e nem dela. Por isso, enlaço nossas mãos e seguimos rumo à saída e à possibilidade de nos amarmos livremente. Essa cidade tão diversa e pulsante me abrigou de volta e me mostrou as diversas oportunidades de me conhecer, perder medos e receios antigos e fazer amizades. E, como se fosse a cereja do bolo, ganhei um amor.

Gilberto Gil diz que o Rio de Janeiro continua lindo, e eu concordo. Porém, mais lindo que as belezas naturais é amar, ser amada e encontrar felicidade genuína. Então, valeu, Rio, por tudo isso.



Amanda Condasi
Rio de Janeiro

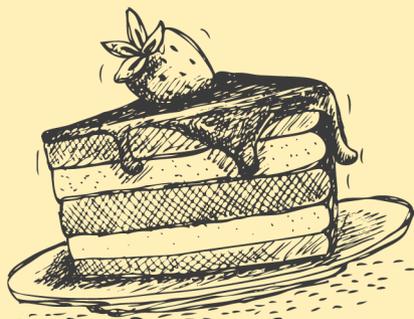


[@amandacondasi](#) no Instagram



Amanda Condasi é estudante de Letras na UFRJ e desde criança é apaixonada pelos livros e em criar seus próprios mundinhos. Gosta de livros de romance, coleciona marca páginas e tende a gostar dos últimos volumes das séries de livros que lê. Faladeira, sonhadora e fã em tempo integral, Amanda acredita no poder da leitura e educação antirracista e segue por aí escrevendo suas histórias.

ANDREA ROMÃO



Pra não fazer desfeita



Série *Meu Brasil é assim* - MG

Capítulo um

A moça da padaria me entrega o bolo coberto com ras-
pas de chocolate e me encara com uma expressão que é um
misto de pena e censura.

— *Aqui, ó* — ela fala, séria. — Esse bolo não é muito pe-
queno, não, *sô*?

É nesse instante que me arrependo de ter pedido para
escreverem “feliz aniversário” no topo do bolo. Se eu não ti-
vesse dito nada, ela poderia pensar que se trata de um bolinho
para um café da tarde com as amigas e não iria me julgar como
está acontecendo agora. Porque o pequeníssimo bolo que en-
comendei só seria suficiente para uma comemoração de ani-
versário se eu fosse um gnomo de jardim e convidasse meus
parentes e amigos que também fossem gnomos de jardim.

Claro que seu julgamento é silencioso. Como toda boa
mineira, a moça da padaria jamais teria coragem de dizer qual-
quer coisa negativa ou ofensiva sobre meu bolo e minhas de-
cisões. Um bom mineiro fingiria um desmaio para não ter que
confrontar alguém.

— Não — respondo timidamente, tendo dificuldade de
encarar a preocupação em seus olhos. — É do tamanho ideal.

O bolo é pequeno, sim. Mas é tudo que eu preciso. Dá para
seis generosas fatias, e não vamos precisar de fatias extras.

Apesar disso, a moça da padaria não consegue abando-
nar sua expressão de espanto.

— *Uai* — ela fala baixinho, como se fosse me revelar um
segredo de estado —, mas e como ficam as pessoas que vão
bater na porta?

Entendo o que ela está querendo dizer. Entendo até bem demais. Nos meus dezesseis anos de vida, não tive uma festa sequer que não começasse como uma simples reunião de família e terminasse parecendo a festa de aniversário da cidade, como se fosse uma daquelas que distribuem bolo grátis e tudo o mais. As pessoas sempre aparecem sem avisar, passam só “para dar um abraço” e não vão embora nunca mais.

Mas dessa vez será diferente.

Com uma determinação incontida, encaro a moça da padaria e sinto meu coração bater mais rápido quando tenho coragem de lhe responder.

— Não é esse tipo de festa.

Pago pelo bolo e saio da padaria de cabeça erguida, me sentindo absolutamente vitoriosa.

###

— Cecília, minha filha... — minha mãe fala, fazendo uma pausa dramática.

Ela balança a cabeça, olhando desconfiada para a mesa posta para seis pessoas.

— Sua madrinha vai morrer de desgosto — ela sentencia, suspirando.

Termino de colocar os guardanapos ao lado de cada prato, me sentindo muito satisfeita diante da mesma mesa que está quase levando minha mãe a ter uma crise de nervos.

— *Cêbesta*, mãe. Ela não vai nem lembrar — respondo, dando de ombros.

— *Facideia* que não vai! *Capaz!* — minha mãe rebate, profundamente ofendida.

Apesar do que ela diz, a não ser que minha madrinha tenha um calendário digital em sua casa que faça soar um alarme a cada vez que um dos seus muitos afilhados faz aniversário, eu não vejo como ela conseguiria se manter atualizada com tantas comemorações. Além de ser minha madrinha, dinda Lúcia tem outros vinte e seis afilhados, e juro que não estou inventando esse número.

Eu não sei bem explicar esse fenômeno mineiro, mas algumas pessoas são simplesmente eleitas madrinhas e padrinhos “oficiais” da comunidade e acabam tendo muitos afilhados. Minha própria mãe é uma dessas pessoas, aliás, e passa mais tempo indo a festas e eventos de afilhados do que em casa com a própria filha. Ainda estou tentando entender quais são os critérios que tornam alguém um padrinho oficial, mas já notei que ser professor dá mil pontos ou mais na escala do apadrinhamento.

— Mãe, você prometeu que nesse ano a gente podia fazer desse jeito — eu falo, apavorada só de pensar que ela poderia resolver, de última hora, avisar toda a família sobre o meu aniversário.

— *Cadiquê* que eu fui aceitar isso é que não sei — ela fala, bufando. — Esse negócio de festa só pra gente, sei não... Isso é fazer pouco caso com os sentimentos dos outros.

Os sentimentos dos outros, eu penso, suspirando. Não é possível ter nascido em Minas Gerais e não estar constantemente pensando, considerando e sofrendo pelo sentimento alheio. Para ser bem sincera, na maior parte do tempo, eu me sinto tão sofredora e culpada quanto qualquer mineiro, mas essa é a primeira vez que eu estou colocando os meus sentimentos em primeiro lugar. Os meus e os de Zé Maria. Afinal de

contas, esse arranjo todo é por ele. Ele é meu namorado e o garoto mais tímido que eu já conheci.

Já faz dois meses que Zé Maria e eu estamos namorando e já está passando da hora de apresentá-lo para os meus pais. O problema é que, toda vez que eu toco nesse assunto com Zé Maria, ele fica branco e precisa se apoiar na parede para não desmaiar. Por isso, achei que meu aniversário fosse uma ocasião que meu namorado não poderia recusar. O único problema seria a quantidade de parentes, vizinhos e completos desconhecidos que sempre vem bater à nossa porta em qualquer evento que fazemos em casa. Então fiz esse combinado com meus pais: uma festa de aniversário sem convidar a família. Vou fazer dezesseis anos e vamos comemorar só nós três, Zé Maria e mais Manu e Wander, meus amigos de infância. Eles já conhecem Zé Maria e vão dar um apoio moral para o garoto que tem vergonha até de cobrar o troco no mercado.

— É só neste ano, mãe — eu falo, esperando que isso faça com que ela se sinta menos culpada.

— Tudo bem então. Conforme o combinado, né? — ela responde, balançando a cabeça, tão sentida quanto se eu tivesse dito que estava fugindo com um motoqueiro misterioso para viver do comércio ilegal de ovos de codorna.

Sabendo que ela vai ficar assim até ano que vem, olho em volta, admirando a casa toda arrumada e pronta. Nossa sala não é muito grande, mas é perfeita para uma reunião de seis pessoas. O cheirinho de limpeza e o chão de piso frio brilhando parecem ter o poder de aquecer meu coração. Estou tão satisfeita com minha decisão de fazer um aniversário íntimo que sinto que poderia ir flutuando para o meu quarto. Estou pronta para me arrumar e faço menção de deixar a sala

quando minha mãe faz uma última tentativa de trazer um pouco do espírito mineiro para o evento.

— Posso pelo menos fazer um *cadin* de pão de queijo? — ela pergunta em tom de súplica.

Nosso acordo havia sido o de que seria um lanche da tarde com cachorro-quente, o bolo minúsculo de seis fatias e fim.

— Mãe — falo, tentando me manter firme —, é melhor não.

— Mas, Cecília, minha filha...

— Mãe — interrompo antes que tudo desande —, você sabe como essas coisas são. Começa com um pão de queijo e termina com você e papai mostrando minhas fotos de bebê, pelada na banheira, pros meus amigos e pro Zé Maria.

Como qualquer mineiro, meus pais gostam de deixar as visitas à vontade, mas para eles isso sempre significa compartilhar nossa intimidade, exibindo aqueles álbuns gigantes de capa dura com fotos vergonhosas da minha infância.

— E o que que tem? — minha mãe exclama, como se eu a tivesse ofendido profundamente. — Você era uma criança linda!

— É exatamente esse o ponto, mamãe. Eu *era* uma criança. Eu não sou mais e já posso escolher como quero comemorar meu aniversário.

— Sim. Sem pão de queijo, sem salgadinhos, sem sua madrinha, sem ninguém... com *cachorro-quente*. Isso lá é coisa que se sirva para as visitas? — Ela cai no sofá, inconsolável. — Pra que que eu deixei você *inventá* essa moda?!

Abro a boca para reforçar mais uma vez que é só nesse ano que vai ser assim quando meu pai chega do mercado, me salvando de ter a mesma discussão de dois minutos atrás. Ele entra na sala e nos olha, desconfiado, sem dizer nada.

— *Panhô os trem*, Edmilson? — mamãe pergunta com um fiapo de voz, já à beira de um colapso.

— Que trem? — meu pai pergunta, confuso.

Mamãe leva as mãos ao rosto, chegando ao seu limite de paciência.

— Os *troço* que eu te pedi, homem.

— O *troço* das coisa ou o trem dos negócio? — papai pergunta, tão calmo que até eu começo a ficar nervosa.

— Os dois, *uai* — minha mãe responde, ríspida.

— Os *troço* não tinha, não — ele fala balançando a cabeça.

— E o outro trem?

— Que trem?

— O trem de colocar nos negócios! — mamãe exclama, chegando a ficar vermelha.

— Ah! — Meu pai suspira, aliviado, balançando uma sacolinha de plástico. — Trouxe, *uai*.

Ele entrega a sacola para minha mãe, que tira o pacote de salsicha de lá de dentro.

— Só um? É pouco!

— Vai dar — meu pai a tranquiliza. — Põe mais molho.

Meu pai já é conhecido na família por ser um pouquinho... pão-duro. Nenhum parente ousa chegar à nossa casa de mãos vazias, pois sabe que o risco de só receber um café sem nem uma broa para acompanhar é grande, se ele estiver lá.

Ouçõ meu celular tocando e aproveito o momento de distração para escapulir para o meu quarto. Antes de sair, ainda consigo ouvir minha mãe falando com meu pai em um tom choroso.

— A madrinha dessa menina vai morrer de desgosto.

###

Entro no meu quarto, fechando a porta atrás de mim, e sinto meu coração pular uma batida quando vejo que é Zé Maria quem está me ligando.

Quando será que a gente para de se sentir assim? Quando é que a gente se acostuma a ter um amor retribuído e passa a achar normal a ligação daquela pessoa? Espero que nunca.

— Alô? — atendo, afobada, me jogando na cama e abraçando o travesseiro.

— Ahm, oi, Ceci — ele fala, soando tão nervoso que sua voz chega a sair tremida. — Que que cê tá arrumando?

Por um segundo, imagino que ele está ligando para dizer que não vem. Que sua timidez venceu o amor e que ele está fugindo da cidade para não ter de encarar meus pais.

Ou talvez eu esteja exagerando um pouco.

— Nada, não. Tá tudo bem? — pergunto, tentando esconder a ansiedade na minha voz.

— Tá, *uai*, claro — ele responde, embora o tom da sua voz não o demonstre. — É só que... eu só queria confirmar o horário que é pra chegar.

Solto um suspiro de alívio.

— Marquei com todo mundo às dezoito horas, então... daqui a meia hora.

— Todo mundo? — ele pergunta, claramente aflito.

— Você, Manu e o Wander — eu me apresso em confirmar —, e eu e meus pais. E mais ninguém.

Consigo ouvir a respiração de Zé Maria se tornando mais leve e me pergunto como alguém pode ser tão tímido e charmoso ao mesmo tempo. Ou talvez a timidez seja parte do charme. Não me admira que eu tenha me apaixonado por ele à primeira vista.

— Ah, tá... — ele fala, soando mais seguro. — Às seis em ponto, eu estou aí, então.

Nesse momento, ouço a campainha tocando e já sei que são Manu e Wander. Quando se é mineiro, chegar na hora significa chegar meia hora antes. Mesmo Zé Maria dizendo que vai chegar no horário marcado, não vou ficar nem um pouco surpresa se ele aparecer pelo menos dez minutos antes das seis. Até nas vezes que eu tentei me atrasar de propósito para algum compromisso, sempre acabei chegando antes do horário. É como uma maldição da pontualidade exagerada que se abateu sobre Minas Gerais.

— Te espero então — respondo sem conseguir conter um sorriso no meu rosto. — Um beijo!

— Ahm, um... beijo pra você também, Ceci — Zé Maria fala do outro lado, praticamente sussurrando.

Desligo, ainda sorrindo. Quando volto para a sala, minha mãe está praticamente escoltando Manu e Wander em direção à mesa de jantar. Meus amigos e eu nos conhecemos desde o jardim de infância, e mamãe é madrinha de Wander, então eu sinto como se eles fossem praticamente meus primos. Os dois estão vermelhos e suados, e percebo que as pernas de Manu chegam a tremer.

— Ô, gente — Wander, que é mais despachado, fala primeiro —, *ceis* não pensa em mudar para uma rua reta, não? A gente quase morre subindo essa ladeira.

Viver em meu estado e morar numa rua plana é um verdadeiro luxo que ainda não faz parte das nossas vidas. Mas, pelo menos, quanto mais alta a ladeira, mais bonita a vista das montanhas ao redor.

Sem esperar por uma resposta, Wander estende uma sacola de supermercado para minha mãe.

— Toma, dinda. Trouxe pão de sal.

Manu também tira um pacote de papel de dentro da bolsa, enrolado com barbante, e estende para minha mãe.

— E eu trouxe queijo e presunto.

— Ai, gente, não precisava — minha mãe fala, envergonhada, percebendo que a fama de mão de vaca de papai já chegou até aos meus amigos. — Hoje tem comida.

Meus amigos dão de ombros, e mamãe aproveita para voltar ao seu assunto preferido do momento: minha festa para seis pessoas.

— Sua mãe ficou chateada que não foi convidada, querido? — ela pergunta para Wander, me lançando um olhar de reprovação.

Wander, que é um ótimo amigo, mas um ser humano sem absolutamente nenhum tato, responde sem pensar duas vezes.

— Se por “chateada” você quer dizer que ela morreu de desgosto, sim, pelas próprias palavras dela. Quando eu estava saindo de casa, ela apareceu toda arrumada, de bolsa e tudo, pronta para vir junto comigo. Mas expliquei que ela não tinha sido convidada, e ela quase teve um troço! Se jogou no sofá e, até a hora que eu saí, não tinha mexido um músculo. Acho que tá viva, mas não tenho certeza, não.

Minha mãe leva uma das mãos ao rosto como se fosse desmaiar.

— *Nóssenhora*... Minha comadre...

Olho para Wander, pronta para arrancar sua cabeça fora só com a força do pensamento.

— O Wander tá te *gastando*, mãe. Claro que isso não é verdade, *némez*, Wander?

Manu, que é mais despachada ainda, mas possui um mínimo de bom senso, dá uma cutucada em Wander, que parece finalmente se tocar.

— Aaah, claro — ele fala em um tom tão falso que não enganaria nem minha bisavó. — É brincadeira, dinda. Ela nem ligou, na verdade, achou bom não ter de vir porque assim não perde o capítulo da novela.

Sei que minha mãe não acredita, mas pelo menos ela se recompõe, como se tivesse decidido deixar seu infarto fulminante para mais tarde.

— Ah, que bom — ela se força a dizer. — Fiquem à vontade, meus queridos. Vou dar uma mãozinha pro seu pai na cozinha, Cecília.

Assim que ela sai, Manu começa a rir enquanto Wander tenta pedir desculpas, mas eu o interrompo.

— *Cê tá doido?* — falo, ríspida, já sentindo minhas emoções à flor da pele. — Como você me faz uma dessas *em tempo* da minha mãe resolver cancelar tudo?

— E o Zé Maria chega que horas? — Manu pergunta, sempre muito diplomática, tentando mudar o assunto.

— Se é que chega, né? — Wander fala, balançando a cabeça. — Nunca vi esse menino comparecer a nenhum evento social. Esse é o verdadeiro bicho do mato!

Pego uma almofada do sofá e acerto a cabeça de Wander pela sua ousadia de chamar meu namorado de bicho do mato. Não que ele não seja. Mas preciso defender a honra de Zé Maria, já que ele nunca teria coragem de defender a si mesmo, ainda que estivesse aqui.

Wander está gargalhando da própria piada quando a campainha toca de novo.

— Viu só, seu *bobiça*? — falo de cabeça erguida. — É ele!

Caminho em direção à porta de entrada, me sentindo triunfante. Finalmente o momento pelo qual eu venho esperando nos últimos dois meses chegou. Zé Maria vai conhecer meus pais. Estou tão feliz que poderia gritar de alegria. Mas me contenho, respirando fundo, e giro a maçaneta para abrir a porta com o maior sorriso do mundo plantado no rosto.

— *Cecília!* — um coro de dezenas de vozes grita ao mesmo tempo, e eu sinto o sorriso em meus lábios murchar.

Do outro lado da soleira da porta está a minha família.
Toda a minha família.

Atrás de mim, ouço Wander suspirar de espanto.

— *Ê lasquera!*

Capítulo dois

Parentes a perder de vista.

Tios, primos, meus quatro avós, tios-avós, primos de segundo grau... Sem nem esperar por um convite, eles começam a entrar, fazendo uma fila improvisada para me abraçar, beijar e desejar feliz aniversário. E a fila não parece terminar nunca, como um carro de palhaço ao contrário: em vez de dezenas de palhaços saindo de dentro de um fusca, vejo uma infinidade de parentes entrando na nossa casa. Todos eles carregam vasilhas e tabuleiros enormes de comida que, só pelo cheiro, já consigo identificar.

Frango com quiabo, tutu, angu, ora-pró-nobis, torresmo... O cheiro é maravilhoso, o que não me deixa menos apavorada. Meu choque é tão grande que não tenho nenhuma reação.

— *Êta ferro!* — Ouço Manu exclamar, cutucando Wander.

— Não para de chegar gente, não?

Naquela fila interminável de cumprimentos, reconheço os parentes do norte de Minas, que parecem tão baianos quanto mineiros. E os parentes do sudeste de Minas, que parecem tão cariocas quanto mineiros. E até os parentes do norte de São Paulo, que parecem mais mineiros que muito mineiro.

Eles vieram. *Todos eles.*

Logo a barulheira de vinte conversas acontecendo ao mesmo tempo se instala. Manu e Wander são tragados para um monte de abraços com beijinhos, e meus pais saem da cozinha, confusos, mas sem conseguir esconder um sorriso.

— *Uai*, gente, que surpresa boa — meu pai fala, meio hesitante, sem entender o que está acontecendo.

— Que surpresa o quê, *uai*! — uma das minhas tias fala. — E a gente ia deixar o aniversário da Ceci passar em branco?

A parentada toda começa a depositar toda a comida em cima da mesa, como se fosse algo muito sagrado.

— Não precisava ter trazido isso tudo — minha mãe comenta, sem graça.

Meu pai dá uma cotovelada discreta nela como se quisesse dizer “deixa eles, e eu lá tenho cara de quem tem dinheiro para alimentar essa gente toda?”.

— Imagina, não foi trabalho nenhum — minha avó materna, que trouxe um frango assado inteiro, fala com simplicidade, embora sua expressão pareça querer dizer “e eu lá vou passar fome na casa dos outros?”.

Afastando a minha perplexidade, finalmente consigo recuperar minha voz e interrompo aquela conversa para tratar de um assunto muito mais importante do que a *pão-duragem* do meu pai para alimentar as visitas.

— Como vocês lembraram do meu aniversário? — pergunto, tentando ao máximo esconder meu verdadeiro horror pela confusão que se tornou minha festa.

— E você acha que eu ia esquecer? — uma voz fala, saindo do meio da multidão. É a minha dinda Lúcia.

— Eu liguei pra todo mundo pra lembrar — ela anuncia, satisfeita.

— Mas... como deu tempo? — pergunto, a voz falhando. Muitos desses parentes moram a oito horas de distância de nós.

— Na semana passada, Ceci — dinda Lúcia explica. — Tenho um calendário no celular pra não deixar nenhum aniversário de afilhado meu passar em branco!

Concordo com a cabeça, forçando um sorriso no meu rosto. Fecho a porta, olhando para a profusão de pessoas que se espalham pela casa, sem conseguir acreditar que tudo isso é real. Então ouço mais uma voz que chama meu nome.

— Ceci! — uma das minhas dezenas de tias grita do outro lado da sala. — Vem sentar no colinho da tia!

E a verdade me atinge como um tapa na cara. É real. É real até demais.

Capítulo três

Assim que consigo me desvencilhar dos infinitos abraços e beijos de parentes, arrasto Manu e Wander para o meu quarto e fecho a porta, me jogando sobre a cama como se fosse uma barricada de guerra.

— Nó! E agora? — exclamo com um fiapo de voz tremida.

Os dois me olham com uma expressão de pena porque sabem tão bem quanto eu que a situação em que eu me encontro agora é irreversível. Os parentes chegaram e não há como convidá-los a se retirar. Mesmo que eles não tenham sido convidados, é impossível para qualquer pessoa nascida em Minas Gerais cometer uma grosseria dessas, mesmo quando é a outra pessoa que está errada. Como sempre se faz em uma situação desagradável, a única possibilidade é suportar tudo com um sorriso no rosto. Os não mineiros podem nos considerar falsos ou sonsos por aceitarmos qualquer coisa e nunca ousarmos contestar nada, mas a verdade é que a gente dá um boi para não entrar numa briga e uma boiada para continuar fora dela.

Como não tenho meios de expulsar minha própria família da minha festa, só me resta resolver a situação pelo outro lado.

— Vou cancelar — falo, decidida.

Manu me olha como se eu fosse maluca.

— Não é um pouco tarde demais para isso, não?

— Não a festa — explico, andando de um lado para o outro e procurando o meu celular. — Vou cancelar com Zé Maria.

Meus amigos, que já estão sentadinhos na minha cama, se entreolham, confusos.

— Ele vai ficar arrasado — Manu sentencia.

Mas Wander balança a cabeça, discordando dela.

— Ou aliviado. Do jeito que ele é Jeca Tatu, acho que ele nem iria sobreviver a esse encontro com seus pais. Ou ia chegar, ver essa *cambada* toda e *casca fora*! Sem contar que eu nem acho que ele ia vir mesmo. Olha o horário!

Ainda faltam quinze minutos para a hora marcada, então ignoro o comentário de Wander. Mas numa coisa ele tem razão: vir aqui em casa comer cachorro-quente com meus pais já seria uma provação para Zé Maria. Agora, chegar aqui e dar de cara com uma centena de parentes meus seria motivo para ele cair duro no chão. E é por isso mesmo que preciso cancelar com ele.

Finalmente encontro meu celular debaixo do travesseiro, mas Manu ainda não aceitou minha decisão.

— Ceci, deixa ele vir. Ele vai ter que encarar sua família toda mais cedo ou mais tarde. Imagina a desfeita que é desconvidar o próprio namorado para o seu aniversário!

— Isso é verdade — Wander concorda, para minha surpresa. — Você tem que escolher se vai matar o menino de desgosto ou de excesso de parentes. Causa da morte: parentada aguda.

Apesar dos comentários bem-intencionados dos meus amigos, não vacilo. Já estou fazendo a chamada e, enquanto espero que Zé Maria atenda, olho para Manu e Wander, mordendo meu lábio inferior.

— Ele não iria só morrer, iria ficar com raiva de mim. Isso vai parecer que foi de propósito, uma emboscada para ele — explico, tentando aliviar minha própria culpa por estar prestes a desconvidar meu namorado para a minha festa de aniversário.

Mesmo achando que Zé Maria iria pensar que armei essa situação toda, começo a vacilar na minha decisão. Quando fi-

nalmente meu namorado atende, sua voz sempre tão tremida e tensa me causa uma pontada de afeto e pena. Se as pessoas acham extroversão uma qualidade atraente é porque elas nunca namoraram um tímido.

— Ahm, oi, Ceci — Zé Maria fala, parecendo um pouco mais afobado do que o normal, como se ele estivesse correndo.

— Zé Maria, tá tudo bem? — pergunto, preocupada.

— Sim, sim, claro. Tudo ótimo — ele responde, embora sua voz me transmita que algo não está nada bem. — O Wander e a Manu já chegaram?

Sim. E também todo o resto da minha família, que é mais ou menos metade da população da cidade, eu penso.

Resolvo com meus botões que a estranheza na voz de Zé Maria é porque ele está correndo para chegar aqui logo, já que chegar na hora é meio que considerado chegar atrasado por aqui. Assim, tento focar de novo no motivo desta minha ligação.

— É, eles chegaram. Mas sabe o que eu estava pensando, Zé Maria?

Manu e Wander fazem sinais silenciosos com os braços para que eu desista desta ideia ao mesmo tempo em que alguém começa a bater à porta do quarto.

— Cadê a aniversariante? — Ouço a voz esganiçada de uma das minhas cinquenta e duas primas do outro lado da porta.

Enquanto isso, Zé Maria me aguarda fielmente do outro lado da linha.

— Pode falar, Ceci — ele diz, e seu tom é tão amoroso que, por um segundo, eu me esqueço completamente do que ia dizer.

Ah, sim, lembrei: *não precisa mais vir à minha festa, não. Pode dar meia-volta e voltar para a sua casa. Adeusinho.*

Entre os acenos insistentes de Manu e Wander e as batidas incessantes à porta, aceito que não vou conseguir. Não posso fazer isso com Zé Maria. Não posso fazer essa desfeita, como diria minha mãe.

— Ah, não é nada, Zé Maria — falo, atropelando minhas próprias palavras. — Só queria saber se você tem o endereço direitinho.

— Claro — ele responde e solta uma risadinha nervosa. — E eu já estou chegando, viu? *Tô pertim*.

— Tá bem, então. Estamos te esperando.

— Mal posso esperar — finaliza com a voz ofegante. — Um beijo, Ceci.

Mando outro beijo e desligo, sem saber se estou aliviada ou arrependida de não ter seguido minha ideia inicial. Mas ao menos Manu e Wander parecem satisfeitos.

— Tá certo, Ceci — Wander fala, me dando um tapinha nas costas. — Não dava pra desconvidar o menino. Ele ia...

— Morrer de desgosto — sentencio, irritada. — Eu sei. Agora só me resta voltar para a festa e ver em que pé as coisas estão.

Manu me dá um sorriso encorajador.

— Você vai ver que nem é tão ruim assim. É só um monte de parentes espalhados pela casa, fofocando uns sobre os outros.

— Vamos lá, então — falo, abrindo a porta.

###

As coisas estão bem diferentes da expectativa de Manu. Não que os parentes não estejam espalhados pelos quatro cantos da casa, fofocando uns sobre os outros. Eles estão, é claro. Mas, além disso, ainda tem todo o resto.

Enquanto caminhamos pela sala, somos atropelados pelo menos cinco vezes por crianças que correm de um lado para o outro. São trocentos primos de idades que variam entre dois e dez anos, e são tantos mesmo que nem consigo lembrar o nome de todos.

Passamos pela cozinha, que já foi completamente dominada pelas tias mais velhas, e ouço o barulho de panelas sendo tiradas do armário. Sinto cheiro de fumaça e óleo vindo de lá de dentro.

— Imagina — ouço uma tia dizer —, frito esses bolinhos de batata rapidinho!

Enfio a cabeça para dentro da cozinha a tempo de ver outra tia mexendo na panela de cachorro-quente com um olhar desconfiado.

— Que isso, Vilma? — ela pergunta para minha mãe, levando as mãos à cintura. — Vocês viraram estrangeiros, por acaso?

Eu me afasto da cozinha, vendo um grupo de tios que improvisaram uma roda de baralho e berram “truco” a cada dois minutos. Finjo que não vejo a tia que, mais uma vez, faz sinal para que eu — do alto dos meus recém-completos dezesseis anos — sente no colo dela.

A falação geral é tão grande que chego a me sentir zozza e, quando olho para trás, buscando o apoio de Manu e Wander, vejo que eles já se perderam. Manu foi tragada pelos meus quatro avós, que lhe oferecem pedaços de doce de leite de corte, que tiram de uma barra tão grande quanto a minha cabeça e que eu não faço ideia de onde saiu. E Wander foi cercado pela minha dinda Lúcia e por outras tias que perguntam sobre a mãe dele.

— É, eu vou ligar pra ela pra perguntar por que ela está demorando tanto — ele fala, sem graça, tentando escapar.

Um grupo de tias-avós me chama sem parar do outro lado da sala, e, quando eu vou até elas, logo me vejo rodeada, sem espaço para escapar.

— Ceci, e o namoradinho? — uma delas pergunta.

— Sua mãe falou que ele vem aqui hoje — a outra acrescenta.

Se elas sabem, significa que todo o resto dos parentes já sabe também, penso, engolindo em seco.

Fico vermelha só de imaginar a situação na qual Zé Maria é completamente sufocado pela minha família, com o típico excesso de atenção e gentileza mineira. E já consigo vê-lo ficando tenso, com seus óculos escorregando pelo seu nariz suado, como sempre acontece quando alguém o para na rua para pedir informação, por exemplo.

É hoje que vejo meu namorado sair daqui carregado direto para dentro de uma ambulância.

— Que horas ele chega? — elas insistem.

— Ele está meio atrasado, não? — uma outra comenta, embora ainda não sejam nem seis horas.

Consigo escapular com a desculpa de que vou ajudar minha mãe na cozinha, enquanto elas ainda fazem perguntas ao que me afasto.

— Qual é o sobrenome dele?

— E os pais dele fazem o quê?

Deixo as perguntas no ar. Estou calculando minha rota de fuga quando, de repente, sinto um cheiro de peixe cru tão forte que me faz tapar o nariz.

— Que *nhaca* é essa? — falo comigo mesma.

Olho para trás e vejo um dos meus primos mais velhos, que entra pela porta dos fundos carregando uma sacola fedorenta, que deixa um rastro molhado por onde ele passa.

— Onde eu coloco os lambaris? — ele pergunta.

Uma tia coloca a cabeça para fora da cozinha.

— Traz aqui que eu já vou fritar!

O primo desaparece para dentro da cozinha, mas o cheiro de peixe continua presente na sala. Fico parada, meio atônita, e Wander finalmente consegue se desvencilhar das tias e corre até mim.

— Cecília, vou ter que ligar para minha mãe falando que era brincadeira essa história de que ela não estava convidada. Se ficar sabendo que sua família inteira veio e ela não, ela me deserda.

Do jeito que as coisas já estão, uma pessoa a mais não faz diferença, então só respondo Wander concordando com a cabeça. A casa está tão dominada por pessoas e por barulho que nem sei mais o que dizer. Só consigo pensar em Zé Maria atravessando a porta de entrada e desmaiando antes mesmo de chegar à sala.

Olho para o lado e vejo minha mãe, que já colocou uma touquinha na cabeça e um avental. Consigo me controlar um pouco para ir até ela e sussurrar:

— Mãe, o que a gente vai fazer?

Ela me olha com pena, como se eu fosse a última pessoa a saber da morte da bezerra.

— Ah, minha filha, aceitar, né? Agora não tem mais jeito.

Apressada, ela volta para a cozinha sem nem mais uma palavra.

Wander, que acabou de sair da ligação com a sua mãe e parece bem mais aliviado, tenta me consolar.

— Quem sabe eles vieram só dar uma passadinha?

Tenho vontade de rir diante da tentativa dele de me fazer sentir melhor. Quando, na história de Minas Gerais, um mineiro que veio “só dar uma passadinha” foi embora logo depois? A resposta é: nunca. Apesar de chegarmos sempre cedo em qualquer evento, a hora de ir embora parece uma competição para ver quem fica mais tempo.

Eu me encosto contra a parede ao lado da cozinha, um dos poucos espaços ainda livres da casa, e ouço a voz da minha mãe vindo de lá de dentro.

— Vou passar um cafezinho, gente!

Se ainda tinha qualquer esperança de que os parentes iriam embora, agora eu posso jogá-la todinha no lixo. A frase “vou passar um cafezinho” é a sentença final para decretar que ninguém irá embora tão cedo.

— Ah, que pena — Wander lamenta, se dando conta da mesma coisa. — A última vez que uma prima foi lá em casa e minha mãe disse que ia passar um café... ela acabou ficando pelos próximos sete meses. Foi embora semana passada, na garupa da bicicleta de um sanfoneiro.

Estou prestes a respondê-lo, mas qualquer interesse que eu pudesse ter por essa história absurda se torna completamente inexistente quando ouço a campanha tocar.

Em meio ao caos, à gritaria, ao baralho e aos lambaris... Zé Maria chegou.

Capítulo quatro

— Vai lá e abre logo — Manu sussurra no meu ouvido, com a boca cheia de doce de leite —, assim ninguém nem repara que ele chegou. Tem tanta gente aqui que talvez eles nem notem o Zé Maria pelo resto da noite.

Quero muito acreditar nas palavras da minha amiga, mas, assim que a campainha toca uma segunda vez, um silêncio assustador se espalha pelos quatro cantos da casa. Vejo que alguns parentes se cutucam e sussurram “é o namorado”. Todos me encaram para assistir a este momento.

Zé Maria vai morrer, eu penso. Ele vai cair duro e morrer, e eu vou ser a culpada.

Caminho em direção à porta, sentindo dezenas de olhos cravados nas minhas costas. Minha mão treme sobre a maçaneta, mas a esta altura não há nada que eu possa fazer para salvar Zé Maria dessa situação embaraçosa. Minha única esperança é que ele seja forte o suficiente para se manter de pé e cumprimentar dezenas de pessoas enquanto uma dúzia de tias lhe lança sorrisinhos exagerados e pergunta sobre toda a sua árvore genealógica.

Respiro fundo e abro a porta.

Por favor, não desmaie nem fuja.

Mas quem eu vejo diante de mim não é Zé Maria, e sim Carmen, a vizinha que sempre aparece no final da tarde para um cafezinho e só vai embora quando o relógio da sala bate meia-noite. Imediatamente toda a parentada atrás de mim perde o interesse ao ver que não é o tão esperado namorado, e o barulho das conversas volta a reinar na casa.

Sem falar nenhuma palavra, ela põe a cabeça para dentro da sala e espia o que está acontecendo. Por um breve e ingênuo instante, tenho a esperança de que ela esteja aqui só para reclamar do barulho.

Mamãe aparece atrás de mim logo quando Carmen termina sua inspeção silenciosa.

— *Cê tá boa, Vilma?* — ela pergunta assim que vê a minha mãe. — É aniversário, é?

Queria que mamãe fosse capaz de dizer “não, é um funeral” e fechasse a porta na cara da vizinha, mas sei que isso é impossível. Mineiros não mentem.

— É, sim, da Cecília.

— Da Cecilinha?! — Carmen exclama, fazendo uso do apelido que ela inventou para mim e só usa quando quer invadir nossa casa em meio às nossas comemorações. — *Uai, Vilma, e você nem avisa?*

Para a sorte da minha mãe, segundo o livro imaginário de regras sociais de Minas Gerais, vizinhos não precisam ser formalmente convidados para eventos familiares. Para o meu azar, eles podem bater à porta e entrar, simples assim.

E é exatamente isso que Carmen pretende.

— Apesar do convite em cima da hora, a gente topa, sim — Carmen fala com um sorriso largo no rosto e, olhando por cima do ombro, dá um berro inesperado. — Pode vir, Zé! É aniversário mesmo! Da Cecilinha!

O marido de Carmen, que só agora noto que estava o tempo todo de pé na frente da própria casa, vem praticamente correndo até nós com uma travessa enorme nas mãos. A casa de Carmen fica em um ponto ainda mais alto da rua, mas o marido dela desce a ladeira com a maestria de quem está acostumado a invadir a casa alheia em poucos segundos.

— Sorte a de vocês que eu tinha feijão de ontem — Carmen explica, tirando a travessa das mãos do marido e quase a jogando no colo da minha mãe. — Fiz tropeiro.

— Não precisava, Carmen — minha mãe agradece, sem graça.

— E eu vou chegar na casa dos outros de mãos abanando? *Tá sem perigo!* — ela fala, entrando na casa de cabeça erigida como se fosse uma convidada de honra. — A gente não vai demorar, não, tá? Tô só dando uma passadinha, não quero incomodar.

— Ó, Carmen, *Deus te pague* — minha mãe fala, levando a travessa para dentro.

Eu me pergunto se Carmen começou a preparar esse feijão tropeiro quando viu a fileira de familiares que se formou diante da nossa casa ou se por acaso ela seria parente da moça da padaria, que fez meu bolo de seis pedaços e espalhou a notícia da minha festa de aniversário para os quatro cantos da cidade. A segunda opção não me surpreenderia nem um pouco. Não importa quão grande seja a cidade em que a gente vive: se ela fica no estado de Minas Gerais, sempre vai parecer um grande bairro onde todo mundo pode ser identificado pela designação “filho do fulano” e/ou “primos de alguém”.

Carmen já está com os dois pés para dentro, pronta para invadir a minha festa, quando volta a enfiar a cabeça para fora.

— Posso chamar o Nelson, né? — ela pergunta, se referindo ao filho. — Ele ama o seu jiló frito, Vilma.

Minha mãe concorda com a cabeça e eu nem tento impedi-la. Do jeito que as coisas estão, que diferença faria? E eu até gosto do Nelson, que às vezes parece mais um cão farejador sendo mais atraído pelo cheiro do óleo de fritura quando mi-

nha mãe faz seu tradicional jiló do que de gente.

Mais do que satisfeita, Carmen se inclina para fora e nos presenteia com mais um berro.

— *Nelson!*

Nelson, um menino magricela da minha idade, surge prontamente por detrás da janela da sua casa. Imagino se ele estava parado ali o tempo todo esperando sua deixa para aparecer, escondido atrás da cortina florida.

— Pode vir, meu filho! — Carmen grita e acrescenta no final: — Traz o violão!

Nelson vem tão esbaforido que me admira que ele não tenha saído pela janela mesmo. Enquanto ele atravessa a rua, o violão em suas mãos parece agitar o resto do bairro. Outros vizinhos começam a sair de suas casas com sorrisos plantados no rosto, dando “oi” para a minha mãe, me desejando feliz aniversário e já entrando em nossa casa sem muita cerimônia, todos carregando travessas e panelas.

Quando finalmente parece que a rua inteira já está dentro de casa, minha mãe coloca a mão sobre meu ombro e dá uma apertadinha.

— Coragem, minha filha — ela fala, saindo logo em seguida em direção à cozinha pela milésima vez nessa tarde.

Fecho a porta encarando o que a minha festinha simples para seis pessoas se tornou e me arrependo de não ter cancelado tudo com Zé Maria quando tive a chance.

Capítulo cinco

Eu me escondo no banheiro imediatamente quando vejo uma ligação de Zé Maria piscando no meu celular.

— Alô? — atendo, temendo que o barulho do lado de fora chegue até os ouvidos do menino mais tímido do Brasil e só isso já seja suficiente para ele sair correndo.

— Ceci, desculpa o atraso — Zé Maria fala, ofegante, embora ainda faltem cinco minutos para as seis. — Eu me perdi. Não sei nem *oncotô*.

Imagino meu namorado correndo perdido pela cidade, apavorado com a possibilidade de chegar um minuto atrasado e pensando na má impressão que isso poderia causar nos meus pais. Se pelo menos ele soubesse que minha mãe está tão ocupada fritando jiló e meu pai está em uma competição silenciosa com meu avô materno de quem bebe mais cachaça, Zé Maria se sentiria mais tranquilo. Mas não posso lhe dizer nada disso agora.

— O que aconteceu? — pergunto, realmente preocupada.

— Ah, eu fui pedir informação e o moço me disse que sua casa era “logo ali”, mas você sabe como essas coisas são...

Sim, eu sei. O “logo ali” pode facilmente se transformar em uma caminhada ao redor do globo terrestre. A boa vontade que um mineiro tem de dar informação só não é tão grande quanto a nossa facilidade de reduzir qualquer distância a um “logo ali”.

— Eu acabei andando uns quilômetros na direção errada — Zé Maria admite com um tom envergonhado —, mas agora já me orientei melhor. Estou chegando. De verdade.

Chego a desejar que Zé Maria se perca e só consiga achar minha casa amanhã, quando todos os parentes já tiverem ido embora, mas ao mesmo tempo quero tanto que ele venha que me contento em dizer:

— Tá ótimo. Estamos esperando.

Assim que desligo, ouço o som de risadas de crianças e então alguma coisa cai no chão. Pelo barulho, a coisa se quebrou em mil pedacinhos. Fecho os olhos por um segundo e, finalmente, tomo coragem para sair do banheiro.

Ando de uma ponta a outra da casa, tentando entender quando as coisas saíram do meu controle.

O som dissonante do violão de Nelson parece ecoar dentro da minha cabeça e, ainda por cima, é acompanhado de um coro de pelo menos vinte vozes que parecem disputar quem é mais desafinado. A música é o estilo favorito dos parentes mais velhos, um bom e velho sertanejo. Mas não se iluda pensando em sertanejo universitário e muito menos em clássicos que agradam a todas as gerações, como *Evidências*. Posso estar delirando, mas tenho quase certeza de que a letra da música é sobre um leiteiro ganancioso e um... macaco esperto. Eu acho.

A partida de truco segue animada, com os berros dos primos ficando cada vez mais altos, assim como a produção na cozinha parece a todo vapor, como se um banquete de Natal estivesse sendo preparado lá dentro, apesar de já termos comida suficiente para o resto do ano só com o que os parentes trouxeram pronto.

Travessas de lambari frito vão sendo passadas de mão em mão e logo minha mesa posta para seis pessoas já desapareceu e deu lugar para o feijão tropeiro de Carmen, uma bacia de mandioca frita, uma travessa de linguiça e torresmo e mais

tantas outras comidas que vão surgindo, trazidas por vizinhos ou saídas da cozinha.

Meu olhar cruza com o da minha tia que, incansável, bate de leve nos próprios joelhos.

— Vem no colinho da tia, Cecília — ela exclama, como se falasse com uma menina de dois anos.

— Já v-vai, tia... — gaguejo, me afastando de modo atrapalhado.

Tento buscar apoio entre meus amigos, mas, quando finalmente consigo localizar Manu e Wander, eles parecem estar se divertindo como se fossem os próprios aniversariantes. Wander está dançando ao som do violão com minha avó e Manu já montou um prato de feijão tropeiro e abriu caminho entre as primas para participar da fofoca que rola solta.

Estou quase dando o braço a torcer e esticando a mão para pegar uma mandioca quando ouço um tio que grita.

— *Arreda* pro leitão passar!

— *Vocês vão assar um leitão?* — deixo a pergunta escapar dos meus lábios, sem conseguir disfarçar um tom de desespero.

Mas então todo mundo à minha volta fica em silêncio e me encara com espanto.

— Claro que não — meu tio responde, quase ofendido. — Estava falando do leitão da sua prima.

— É o bichinho dela — outra tia explica, como se eu fosse uma idiota.

O tal leitão dá ar da graça, correndo e guinchando pela sala enquanto minha prima vem correndo atrás dele, tentando protegê-lo de ser pisoteado por algum descuidado. Isso parece ser a gota d'água para mim.

Até um porco trouxeram para minha festa!

Quando a campainha toca mais uma vez, eu já não sei se devo esperar por mais parentes ou mais vizinhos, mas não vou me surpreender com mais nada. Marcho em direção à entrada de casa, sentindo toda a paciência mineira escapar do meu corpo. Escancaro a porta enquanto exclamo sem esconder meu mau humor:

— Sem nome na lista não entra!

Zé Maria me encara, apavorado, piscando os olhos escuros.

— Ah... eu não sabia que tinha que colocar o nome na lista — ele responde, e quase não ouço sua voz sair dos seus lábios. — Feliz aniversário, Ceci.

Ele me estende um buquê de margaridas, que pego de forma automática, sem saber onde enfiar minha cara de tanta vergonha que sinto. Mas, antes que eu possa pedir desculpas pela minha grosseria, preciso prepará-lo para o que está por vir.

— Zé Maria, me perdoa, mas minha família apareceu sem ser convidada. Eu juro que não sabia...

— Eu sei — ele responde, para minha surpresa.

Fico sem saber o que dizer. *Como assim ele sabia?*

— Eu acabei chegando um pouquinho mais cedo. Uma hora antes. Aí fiquei parado debaixo do pé de jabuticaba, esperando dar o horário — ele admite, envergonhado, apontando uma árvore do outro lado da rua. — Vi quando a Manu e o Wander entraram e estava tomando coragem para tocar a campainha quando vi sua família chegando.

Ouçó sua explicação sem acreditar que aquele tempo todo ele estava escondido atrás de um pé de jabuticaba, vendo tudo o que estava acontecendo. Imagino quantos mini-infartos

ele não deve ter tido a cada nova pessoa que atravessou o portão de entrada.

— Aí, quando vi todos os seus parentes, comecei a achar que eu não estava vestido de acordo, e fui em casa me arrumar, e voltei.

Só então noto que ele está mesmo todo engomado, com uma blusa social fechada até o pescoço e os cachos que eu tanto gosto lambidos para o lado, lambuzados de gel, como um vendedor de enciclopédia que bate de porta em porta. Aos meus olhos, ele parece ao mesmo tempo brega e maravilhoso.

Abro a boca para elogiar sua roupa, mas mais uma vez sua história ainda não chegou ao fim.

— Quando voltei, vi que os vizinhos estavam entrando na festa também. Aí pensei que eu não estava fazendo isso direito. Então fui em casa e voltei mais uma vez.

Lembro das nossas conversas de celular e a voz sempre ofegante de Zé Maria. Então era isso que ele estava fazendo o tempo todo? Indo e voltando da sua casa?

— Como assim? — pergunto sem entender.

— Quer dizer, quando vi tanta gente reunida, eu pensei que não era direito da minha parte vir aqui, no dia do seu aniversário para conhecer seus pais... e não trazer os meus.

É assim que percebo que Zé Maria não está sozinho, e na verdade há duas pessoas paradas alguns passos atrás dele. O casal de meia-idade me cumprimenta timidamente com sorrisos sem graça e não consigo acreditar no que estou vendo.

Meu namorado trouxe os pais para minha festa de aniversário.

— Espero que você não se importe — Zé Maria diz, com a voz quase rouca. Acho que eu nunca o vi falar tanto. — Mas,

se eu estou aqui para conhecer seus pais, não podia deixar de trazer os meus *pra mó de* conhecer você também. Eu não podia fazer essa...

— Desfeita — eu completo, escondendo um sorriso.

Ele sorri e me apresenta a seus pais, que me cumprimentam com beijos e abraços, radiantes como se eu já fosse a noiva de Zé Maria e o casamento estivesse marcado para o dia seguinte. Reparo que eles estão tão bem-vestidos quanto se estivessem indo para a missa de domingo. O pai de Zé Maria usa uma blusa social roxa de tecido brilhante, e sua mãe, de vestido florido, tem até um chapeuzinho na cabeça. Convido seus pais a entrarem e, nos poucos segundos que Zé Maria e eu ficamos sozinhos, pego na sua mão suada.

— Você está preparado? — pergunto antes de entrarmos.

Zé Maria passa uma das mãos pelos cabelos, que nem se mexem, tão entupidos de gel que eles estão, e depois olha para mim.

— Sim — ele responde, e acho que nunca ouvi sua voz soar tão decidida.

###

Dentro de casa, as coisas acontecem exatamente como eu previ e, ao mesmo tempo, completamente diferentes.

Minha família toda (e até os vizinhos) vai para cima de Zé Maria do jeitinho que imaginei. Os tios pegam no pé dele, falando como eu sou uma menina de ouro, minhas avós o obrigam a comer uma bacia de arroz-doce (que vai saber de onde saiu), as primas elogiam como ele é bonito e bem-apresentado, e meus pais até parecem agir de forma normal no meio de tan-

ta loucura. Não demora muito para uma das minhas tias descobrir, conversando com a mãe dele, que a cunhada do irmão de Zé Maria é nossa prima de terceiro grau. E, quando meus primos mais velhos tentam implicar com ele perguntando se ele é o “tal do namorado”, meu coração quase derrete quando Zé Maria pisca por detrás dos seus óculos fundo de garrafa e responde com orgulho.

— Sou, sim!

Minha família fica encantada com o fato de que ele levou os pais para a festa, como se isso fosse alguma prova de que nosso casamento está garantido em um futuro distante. Os pais de Zé Maria parecem se encaixar muito bem no meio da bagunça toda, e logo a mãe dele já está jogando truco e o pai picando couve na cozinha, tão à vontade quanto se estivessem na própria casa.

Quando eu, enfim, percebo que Zé Maria não vai desmaiar nem sofrer um infarto ou ter um troço diante da pressão de conhecer tanta gente ao mesmo tempo, consigo relaxar e admitir para mim mesma que essa é, na verdade, uma baita festa.

É tanta agitação, tanta gente, tanta comida, tanto tudo! Do jeitinho como deve ser uma comemoração de aniversário.

Monto meu prato de comida enquanto fofoco com minhas primas, depois dou pitaco no jogo de truco, peço uma música para Nelson tocar, danço com Zé Maria, como lambari frito, ajudo a fritar jiló na cozinha, abraço o leitão da minha prima e finalmente... sento no colo da minha tia.

Na hora de cantar parabéns, alguém surge com uma broa de fubá enorme com meu pequeno bolo de chocolate em cima, colocado lá como se ele fosse apenas o segundo andar da broa.

Assim que eu sopro as velas, os dois bolos são partidos. As comedidas seis fatias do meu bolo original desaparecem tão rápido que fico aliviada de ter a broa com suas infinitas fatias, que é perfeita para uma festa mineira, onde sempre cabe mais um.

Enquanto as pessoas se distraem com as dezoito opções de sobremesa, que incluem broa de fubá, arroz-doce, doce de leite, queijo com goiabada e doce de abóbora, eu aproveito o momento para pegar Zé Maria pela mão e levá-lo até a varanda, onde não tem ninguém.

— Obrigada por hoje — falo, sentindo meu rosto ficar todo vermelho.

Ele me encara daquele seu jeito tímido, como quem vê uma obra de arte pela primeira vez.

— Que isso, Ceci. *Brigado eu* — ele responde — por me convidar.

Eu fico na ponta dos pés e deposito um beijo em seus lábios, aproveitando esse momento a sós, que sei que não vai durar muito tempo. Sei que logo alguém vai aparecer para nos chamar, se é que já não tem uma meia dúzia de tias de *butuca* atrás da porta, ouvindo nossa conversa e fazendo comentários.

Ainda consigo ouvir toda a barulheira e algazarra de lá de dentro e fico satisfeita por ter tido um dia tão perfeito, mesmo que no início não tenha percebido isso. E agora ainda posso aproveitar esses minutinhos a sós com Zé Maria. Pego na sua mão e sinto como ela está gelada. É como segurar uma lagartixa. Mas ele é *minha* lagartixa. Meu bicho do mato, Jeca Tatu, jacu e o que mais for.

Ouçõ a voz da minha mãe anunciando:

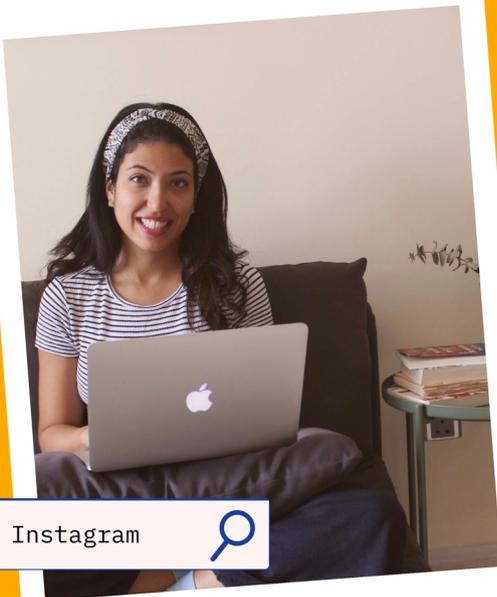
— Vou passar mais um cafezinho.

E me aconchego no abraço de Zé Maria, sabendo que agora os parentes e vizinhos não vão embora tão cedo *mesmo*.
E sorrio, feliz.

Agora a única coisa que eu quero é que a festa não acabe nunca.



Andrea Romão
Minas Gerais



[@andrearomao.autora](#) no Instagram



Andrea é roteirista e atriz por formação e escritora por vocação. Começou a escrever histórias aos onze anos, para matar o tempo enquanto vivia com a mãe em Paris, na era pré Wi-Fi, e nunca mais parou. Escritora compulsiva, hoje ela trabalha com criação de conteúdo e quando não está lendo ou escrevendo, está tocando seu piano ou devorando bolos de cenoura.

Quer dar um up no conteúdo da
sua marca/empresa?



A **Ponto Bea** é uma agência comandada pela Beatriz França que presta serviços de social media e redação (jornalística ou artigos de blog). Ela também faz produção de conteúdo, planejamento das redes, análise de perfil... Tudo o que você precisa para fazer os perfis da sua empresa se comunicarem efetivamente com seu público!

Os valores de acordo com a necessidade de cada cliente. Entre em contato dizendo quais tipos de serviço você precisa e faça já seu orçamento!



wa.me/5511951973998



[@ponto.bea](https://www.instagram.com/ponto.bea)

beatrizfranca.contently.com

BRUNA CEOTTO

E
o resto
é peixada



Série *Meu Brasil é assim* - ES

(i)

“Senhoras e senhores, mais uma vez, é o Comandante quem fala. Estamos nos aproximando do nosso destino, e estimamos que o pouso ocorrerá no horário previsto. O tempo em Vitória é bom, trinta e dois graus, sem nuvens e sem previsão de chuva por todo o fim de semana. Espero que tenham feito uma boa viagem e aproveitem a estadia.”

Eu tinha certeza de que aquele piloto nunca tinha pisado em Vitória só de ouvir os trinta segundos de discurso dele na fonia. Qualquer residente ou turista que tenha passado aproximadamente cinco minutos na cidade sabia muito bem que a gradação de temperatura em Celsius não correspondia à sensação térmica de outros Estados da Federação.

Trinta e dois graus, em Vitória, significava uma elevada conta de luz no fim do mês. Significava desidratação, suor, mau humor por conta do calor excessivo. Significava que eu devia ter pensado duas vezes antes de me enfiar em uma calça social, blusa de gola alta e sapatos de salto para fazer essa viagem.

Me ajeitei no assento, e arrisquei um olhar pela janela. Minha terra natal estava lá, em toda sua glória, me dando as boas-vindas com um sorriso repleto de praias bonitas ao leste, e uma gloriosa cadeia montanhosa entrecortando o horizonte a oeste. Dei um sorriso ao me lembrar de um professor de história simpático com quem tive aula no Ensino Médio, sempre nos lembrando de que as montanhas capixabas serviram de barreira natural aos saqueadores piratas durante o Ciclo do Ouro, e que por isso a capitania do Espírito Santo tinha sido dividida, dando origem a Minas Gerais. A história do Estado, completamente

desconhecida para todos os amigos que eu tinha feito em São Paulo, parecia mais interessante quando contada por ele.

Eu sabia que estava prestes a pousar quando pude avistar o Convento da Penha, uma construção de quase quinhentos anos, encarapitado no topo de um morro que ficava em Vila Velha.

Outra história interessante, originada do mito de uma imagem de Nossa Senhora que ficava aparecendo no topo do indigitado morro, não importava quantas vezes os colonos a descessem para compor o acervo de uma das primeiras igrejas do Brasil. Os católicos julgaram que a vontade da Santa era ficar lá de cima, olhando por nós, e construíram um convento majestoso só para ela. Nossa Senhora da Penha. Hoje, o Convento é um cartão postal do Espírito Santo, a Festa da Penha é a terceira maior festa religiosa do país, e Maria da Penha, a senhora minha mãe, rezava para a Santa todos os dias pelo meu bem-estar.

É impressionante a quantidade de informação que eu fora capaz de reter sobre a história do Espírito Santo, suas lendas e seus mitos, sendo que eu já havia me mudado há mais de seis anos para seguir uma carreira em publicidade “lá para São Paulo”, como diria desgostosamente Dona Penha, que ainda não superou a síndrome do ninho vazio.

As comissárias de bordo nos alertaram sobre afivelar os cintos e retornar as poltronas à posição regular. Continuei encarando a paisagem, admirando a Ilha que era nossa charmosa capital, reconhecendo os bairros, pontos turísticos, lugares que eu costumava visitar com meus amigos, as histórias engraçadas e aterrorizantes que eu tinha vivido durante os vinte anos e dois anos que morei no Espírito Santo.

Aquela sensação conhecida, de não pertencimento, destruí a admiração que eu tinha pelas belezas naturais e esmagava meu peito.

Eu tinha ido embora por um motivo. Por vários motivos. Os mesmos que faziam com que eu raramente a visitasse.

Abaixei a janela do avião, frustrando meu colega de fileira que também estava embasbacado com a paisagem. Ele não era capixaba, eu podia afirmar, só pelo modo como estava vestido. Capixabas não se importavam *tanto* a ponto de vestirem suspensórios para pegar um voo. No máximo, uma bermuda e um par de chinelos. Essa era a indumentária capixaba-raiz.

Coloquei a minha bolsa no colo, conferindo se meus documentos estavam em ordem, e peguei meu celular para checar o endereço da chácara nos confins do Estado, onde minha melhor amiga decidira se casar com o melhor amigo dela.

A foto do convite expôs meu nome em caligrafia bonita: Helena e família. Minha família, que já fazia jus ao costume, já tinha se encaminhado há dois dias para o dito fim do mundo, comendo pão com puína pelas manhãs e bebendo vinho quente e cerveja gelada pelo resto do dia. Ninguém tinha se prestado à gentileza de me esperar chegar no sábado de manhã.

A mim restava ter que viajar até o interior de carro, com um completo desconhecido.

Devolvi a bolsa para o espaço sob o assento da frente e cruzei os braços, me irritando com o colega de fileira que espichava o pescoço para olhar através da janela da frente. Tirei os óculos escuros do bolso do terninho e coloquei de qualquer jeito no rosto, abrindo novamente a janela para que aquele cara sossegasse o facho.

A vista, mesmo pela minha visão periférica, era estonteante.

Eu podia dizer muitas coisas sobre o Espírito Santo, mas não podia dizer que o lugar não *parecia* um paraíso.

(ii)

“Felipe está chegando”, gritou a tela do aplicativo. Só que Felipe não estava. Ele poderia até estar próximo, mas isso não significava que estava chegando, já que a entrada do aeroporto estava abarrotada de gente.

O que era estranho. Eu tinha escolhido o sábado de manhã justamente por confiar que àquela hora todos os visitantes do Espírito Santo já teriam chispado para Guarapari ou alguma de nossas praias mais turísticas, mas eu estava enganada. À minha volta, eu me sentia completamente deslocada e recebia muitos olhares de esquelha, muito mal disfarçados. Eu recentemente tinha sido influenciada pela última modinha capilar, e tinha mechas cor-de-rosa bem na frente do cabelo, emoldurando meu rosto. Em São Paulo, ninguém me olharia duas vezes. No Espírito Santo, eu gerava a dúvida: extraterrestres podem vir para cá de avião?

Meu estômago roncou, e eu me arrependi de não ter pegado um salgado horroroso, seco e caro no aeroporto quando tive a chance. Agora eu teria que parar para almoçar no caminho, e isso significava que eu estaria ainda mais atrasada e seria punida com algum sermão pela minha falta de consideração com meus amados amigos, que estavam selando matrimônio. Mais um ponto para a minha fama de desnaturada.

Conseguí ler a placa de um carro preto – Deus sabia que eu não era capaz de identificar o modelo de qualquer carro que não fosse um Fusca – e soube que o tal Felipe estava ali. Ele deve ter reparado que eu não carregava nenhuma mala, porque não saiu do carro ou abriu o porta-malas para mim. Ape-

nas ficou lá, estatelado após o clique da trava de segurança, me esperando entrar.

Eu senti que parecia um furacão entrando no carro com uma mochila enorme, meu vestido enfiado na capa de plástico com que veio direto da lavanderia em um cabide, três aparelhos eletrônicos e nenhum humor.

Quando Felipe aceitou a viagem, ele arregalou os olhos. A linha que representava o trajeto era longa, e eu tinha me esquecido de avisar por mensagem que a viagem tomaria o dia todo. Eu estava prestes a ganhar uma avaliação de uma estrela na minha impecável média de passageira no aplicativo.

— É ida e volta. — esclareci, organizando a minha tralha confortavelmente no banco de trás — Sei que a viagem é longa e vai tomar boa parte do seu dia. Se você estiver de acordo, posso te pagar um extra pelo tempo que você vai me esperar lá.

— Isso é sério?

— Dê seu preço.

— Eu sou caro. — ele respondeu em tom jocoso, e me deu um sorriso pelo retrovisor. Ele tinha dentes bonitos. Brancos, perfeitamente enfileirados. Encarei seu perfil. Felipe tinha a pele queimada de sol, olhos castanhos, cabelos dourados. Tinha um jeitão de surfista, do tipo que acorda às quatro da manhã para pegar onda no Ulé.

— Eu estou desesperada. Tenho um matrimônio para testemunhar em três horas.

— Então eu aceito a missão. Mas é em... Domingos Martins? Você já está atrasada. O trânsito na rodovia...

— Eu conheço a 262. — cortei, ansiosa para que ele clicasse no botão do aplicativo que iniciaria a viagem. — Vamos?

Felipe se retraiu, parecendo confuso. Eu respirei fundo. Não estava acostumada a responder tantas perguntas ao entrar em um Uber. Normalmente era só pular para dentro do carro e torcer para não passar os próximos quarenta minutos de trânsito em São Paulo tentando conversar de política ou religião com algum radical.

— Deixa eu só avisar a minha mãe. — Felipe baixou os olhos, e deslizou o dedo pela tela do celular para abrir o WhatsApp. A mãe dele estava salva em seus contatos como “Mamis”.

Soltei uma risada debochada sem um pingão de cerimônia. Avisar *a mãe*, por favor. Aquele cara devia ter, com facilidade, uns vinte e seis anos. Pensei em meus amigos, todos da minha idade, que ainda moravam no Espírito Santo. A maioria ainda era muito apegada à família, do tipo que avisa à mãe quando vai fazer uma viagem a trabalho. Pensei nos meus colegas de trabalho, e no que diriam se eu sugerisse que minha mãe precisava saber que eu passaria o dia fora e não viria almoçar em casa.

— Você não é daqui?

— Sou sim.

— Seu sotaque é diferente.

Dei um sorriso para mim mesma. Eu estava acostumada a ouvir aquilo, que eu não falava como as pessoas de São Paulo, mas soava diferente para as pessoas do Espírito Santo. E, enquanto capixaba, eu sempre jurava com os dois pés juntos que não tínhamos sotaque, mas agora, ouvindo Felipe falar, eu o ouvia.

O tal do sotaque cantado, cheio de gírias, de vogais acentuadas. Sem erres ou esses, sem tês e dês. Sem inflexões exageradas, mas ainda assim, presente.

— Sabe, lá em São Paulo costumam fazer apostas a respeito do meu sotaque. O carioca sempre ganha, só por causa dos erres. Uma vez, um taxista me perguntou se eu era do Sul.

— E nada mais ofensivo para um capixaba do que ser reduzido a uma versão menos detalhada de seus vizinhos. Ou, no caso desse taxista, a uma fração longínqua e fora da esfera de compreensão dos paulistanos.

Uau. Palavras grandes.

Franzi a testa, me perguntando se eu tinha dado um azar de pegar um motorista do tipo guia turístico, orgulhoso de ser capixaba, que ia ficar apontando para o sinal cafona escrito “amorES” que ficava na frente do Shopping Vitória e dizer que é um lugar legal para tirar foto. Credo.

— Podemos almoçar rapidinho antes de subir? — falei no automático, como o povo do Espírito Santo costumava chamar ir para o interior. “Subir” para Domingos Martins. Dei de ombros mentalmente, porque era mesmo uma subida. O interior era, na verdade, uma cadeia montanhosa que cortava o horizonte-continente de Vitória. Eu detestava, quando criança, ver o sol desaparecer detrás dos picos. Tinha a impressão de que o dia acabava mais cedo por conta disso.

O motorista me olhou como se eu fosse louca de parar a corrida em um restaurante pelo tempo que eu levasse para correr, mas eu já tinha programado aquela despesa.

— Cê que sabe. — Felipe respondeu, soltando uma risadinha que eu sabia vir da piada infame a respeito de um motel na região metropolitana com esse nome. Cê que sabe.

Mais uma vez: credo.

— Você pode me indicar um restaurante, também? Tem tempo que eu não venho aqui. Os que eu costumava gostar devem estar fechados.

— Você come peixe?

Olhei para ele pelo retrovisor. Eu era capixaba. É óbvio que eu comia peixe.

— Conheço uma moqueca ótima, e de um restaurante de frente para a praia.

— Pode ser. — eu desviei meus olhos para o celular imediatamente, checando para ver se não tinha recebido nenhuma mensagem.

Sim, eu sei que é sábado.

— Está um dia lindo. — Felipe falou.

— É. — concordei, sem olhar pela janela. Não tinha nada a respeito daquele dia que eu já não tivesse visto pela janela do avião, e eu precisava aprovar uma apresentação para um cliente, senão minha estagiária passaria o dia todo em modo alerta, aguardando meu aval. Coitada.

Felipe não tentou forçar conversa até estacionarmos na frente do restaurante.

(iii)

— Você pode se sentar comigo no restaurante, em vez de ficar parado do lado de fora como um *chofer*? — pedi a Felipe, que havia se encostado no carro trancado e tirado o celular do bolso, clicando no aplicativo de um joguinho para passar o tempo — Odeio comer sozinha.

Ele pareceu contrariado a princípio, e eu tenho quase certeza de que fiz um beicinho. Talvez ele tenha ficado com pena de mim, pelos olhares que recebia dos pedestres na calçada em suas roupas praianas e chinelos, perfeitamente adequados ao calor. Eu os invejei profundamente até notar as caretas quando olhavam para o meu cabelo.

Felipe concordou, e nos viramos para entrar no restaurante com mesas de madeira cobertas por toalhas de papel áspero. As paredes, pintadas de laranja, eram decoradas com motivos de praia: um peixe-espada, um anzol, uma âncora. Ainda não era exatamente o horário do almoço, então o lugar não estava lotado.

Nos sentamos em uma mesa perto das janelas que davam para a rua, e um garçom muito irritado veio nos atender. É, os capixabas não são exatamente famosos pelo bom atendimento em bares.

— Olha essa carta de bebidas. — falei, inundada por lembranças da minha adolescência enquanto olhava o cardápio de doses — Bananinha. Graviolinha. A última vez que tomei isso, eu mal tinha...

— Autorização legal para beber? — Felipe sugeriu, dobrando os óculos e prendendo-os na gola da camiseta.

— Tendência a ressaca. — eu o corriji, mas soltei uma risada. Meus poucos amigos e eu costumávamos comprar garrafas e garrafas dessas bebidas docinhas para beber em uma espécie de lual na praia, à noite, algum de nós tocando inabilmente um violão. Ou no píer que ficava atrás do shopping, quando eu fiquei mais velha. Era um lugar para gente *legal*, então eu não demorei muito para me sentir deslocada e nunca mais voltar.

— Quando você se mudou? — o motorista perguntou, puxando papo.

— Há seis anos. E você? Sempre foi daqui?

— Nascido. Criado. Da gema.

— E orgulhoso, aparentemente.

— Por que não me orgulharia? — ele abriu um sorriso, seus dentes perfeitos contrastando com sua pele bronzeada. Linhas de expressão precoce cobriam seu rosto, mas ele ainda era bem... atraente. — Eu moro no melhor lugar do mundo.

— Há controvérsias.

— Só não enxerga quem não quer. — Felipe insistiu — Uma cidade linda, com praia, comida boa, sossego.

— E calor. — eu acrescentei, mais uma vez lamentando meu vestuário.

— Também. Mas quando eu fico de saco cheio de Vitória, subo para Santa Teresa. — A cidade, de tradição italiana, ficava nas montanhas mais ao norte. Mesmo no verão, os moradores desfrutavam dias frescos.

Meu pai gostava muito de visitar a cidade, comer uma boa lasanha caseira e beber o vinho local. Tinha um restaurante alemão lá que eu adorava também. Meu estômago roncou mais uma vez pensando no doce de café.

Sinalizei para o garçom que ia querer o carro-chefe da casa. A moqueca de peixe com molho de camarão. Quando o prato foi servido diante de mim, a panela de barro quente e borbulhando uma cheirosa moqueca, eu quase derrubei uma lágrima. Eu não comia aquele prato tão típico, tão presente em finais de semana e datas comemorativas, havia tanto tempo, que eu praticamente tinha perdido o direito de me chamar capixaba. Eu teria que renovar minha certidão de nascimento depois de comer de novo, provavelmente.

— Não posso acreditar. Esse cheirinho, bicho. — eu exclamei enquanto me servia de uma posta de peixe, com o delicioso molho temperado com tomates, cebola, colorau e coentro, e arrumava uma colherada de arroz e uma concha de pirão no prato perfeito.

O cheio era incrível, familiar, do tipo que te abraça. Coloquei um pouquinho de pimenta no molho da moqueca – bem pouco, porque conheço minhas raízes e estava desacostumada – e mandei ver.

Felipe me encarava como se eu estivesse comendo a minha última refeição.

— Cinco segundos inalando o coentro, e o sotaque começa a aparecer. — ele disse, se referindo ao “bicho” que eu conjecturei mais cedo.

— É só uma palavra. Não é sotaque. — Dei mais uma garfada, o peixe se desmanchando na minha boca enquanto eu espetava um camarão. Camarão fresco, devo dizer. Pescado no dia. Não as porcarias congeladas que eu comia em São Paulo em momentos de desespero. — Meu Deus, eu vou chorar.

— Deus abençoe o coentro.

— Uma vez eu fui comer moqueca em São Paulo... — comecei, mas Felipe levantou uma mão para me interromper.

— *Dang*. Erro crasso. Moqueca é capixaba, o resto é peixada.

Fiz que sim com a cabeça para a única unanimidade que eu conhecia. A menos que alguém considere a opinião dos baianos nesse quesito. Mas os baianos estão errados.

— Então! Mas era em um restaurante que se dizia capixaba. Foi uma decepção. Primeiro que era feito em panela de ferro.

— Um crime. Que o chef não pise em Goiabeiras.

— E depois, não tinha coentro.

— Então não era moqueca.

— Eu concordo. — Coloquei mais molho em cima do arroz, quase chorando de emoção com o caldo bonito, alaranjado e cheio de coentro verdinho salpicando meu prato. A memória que eu estava para descrever era praticamente criminosa. — Mas, segundo o dono, era preciso *adaptar* a moqueca ao paladar do paulista.

— Não me espanta que os caras tirem o coentro da moqueca. Eles têm um troço toda vez que alguém coloca ketchup na pizza.

Soltei uma gargalhada, porque era um sentimento parecido. Paulistas são tão protetivos a respeito de suas pizzas quanto nós somos com nossa moqueca, mas eu sabia que a diferença estava na emoção.

— Essa briga aí eu já me dei por derrotada. Ketchup na pizza, só se for na intimidade do meu lar. Em público, temo pelo linchamento.

Felipe riu, tirando os óculos escuros do rosto para apertar a ponte do nariz. Olhar muito para seu rosto me deixava desconfortável, por alguma razão. Talvez porque ele tinha tanto orgulho de ser capixaba, que eu estava sendo intimidada a expor uma parte de mim que eu fiz questão de lacrar a sete chaves.

Terminei o resto da minha moqueca em silêncio, porém sem um pingo de etiqueta. Aquele era o tipo de comida que dispensava quaisquer medidas. Era comida de conforto, de ocasiões especiais, e poder saboreá-la de novo depois de tanto tempo certamente era especial.

(iv)

Após o almoço, entramos no carro e partimos para a estrada. Eu pedi para me sentar com Felipe no banco da frente, se não fosse deixá-lo desconfortável, porque estava de barriga cheia e a BR 262 era conhecida por um excesso de curvas. E, também, porque eu precisava do espelho retrovisor para me maquiar e estar pelo menos apresentável nas fotos do casamento.

— Você não quer olhar pela janela? — Felipe perguntou, ao perceber que eu estava há muitos minutos aplicando máscara de cílios.

— Eu tenho tantas lembranças dessa região que chega a ser desnecessário olhar. — comentei, sendo sincera — Da estrada, em específico. Minha família sempre costumava vir para as Montanhas nos fins de semana.

— A minha era mais para os lados do norte. Santa Teresa, sabe? Festa do vinho, carretela, *show* de algum velha-guarda.

— O evento social do ano, certamente. — Olhei para Felipe de relance, e a expressão dele dizia que sabia exatamente do que eu estava falando. O Espírito Santo é um lugar pequeno, sem muitos eventos. Na possibilidade de que haja algum tipo de entretenimento, todo mundo migra para o Município em questão para testemunhá-lo.

A expressão dele se anuviou de repente, e me perguntei se eu tinha dito alguma coisa errada.

— Então, de onde vem toda essa...

— Aversão?

— Isso. À sua terra natal. — ele questionou, sério.

— Uau. Pague uma cerveja antes, Felipe. — tentei descontrair, mas as sobrancelhas dele ainda estavam franzidas, mostrando nas rugas de sua testa a relação íntima que ele tinha com o sol. Então, emendei: — Eu não sei. Não é como se eu odiasse o lugar nem nada.

— É sério. Por que você se mudou? Não é muito comum que as pessoas deliberadamente saiam daqui.

Pensei por um instante, devolvendo o tubo de máscara de cílios para a minha mochila. Pousei as mãos no colo, sem saber o que fazer com elas.

— Acho que a pergunta adequada é por que eu nunca quero voltar. — finalmente falei.

— E qual é o motivo?

— Não sei. — Encolhi os ombros, esperando que ele não notasse minha mentira. Eu sabia bem. — Memórias difíceis de visitar. — acrescentei, me sentindo um pouco mais confortável.

— Pessoas que te magoaram?

— Isso.

— E a população capixaba inteira deve pagar por isso?

— Não é só isso. É só que eu nunca me identifiquei com essa mentalidade de lugar pequeno que todo mundo tem por aqui. Sempre fui atraída pelo caos, pela confusão, pelos barulhos da cidade grande, pelos rostos sendo virados como se ninguém fosse capaz de me ver.

Felipe acenou com a cabeça, fazendo que sim. Eu queria acreditar que ele me entendia, mas pelos poucos minutos de conversa que tivemos enquanto deixávamos a Região Metropolitana de Vitória para trás e a paisagem ficava mais verde, ele era do tipo que se encaixava aqui.

Eu não era. Mas, por alguma razão, eu continuei verbalizando pensamentos que eu tinha me dado ao trabalho de expulsar da minha mente durante muitos anos.

— Quando eu morava aqui eu sempre estava sufocando, com uma sensação de *despertencimento*. Todas as pessoas para mim se misturavam e se imergiam em uma só. Eu me achava muito estranha, por ser diferente.

— Lamento desapontar, Helena, mas você não é tão especial.

— Não foi isso que eu quis dizer. — dei uma risadinha nervosa, porque não era bem assim que eu me sentia. Melhor que os outros, no caso. Eu só... — Se você fosse assim, entenderia. Mas você é tipo o capixaba-modelo.

— Sei disso não, bicho.

— Essa foi uma resposta muito capixaba.

— Você está sendo muito dura com o Espírito Santo. Nós somos um povo fechado, é verdade. E não gostamos muito de mudanças.

— Vide os mesmos políticos sendo votados há cinquenta anos e se alternando no governo. É tipo a política do café com leite. — critiquei, sem querer soar muito arrogante e falhando miseravelmente — Do café com coentro, sei lá.

— Mas aqui nós fazemos amigos de verdade. As pessoas que entrariam na frente de um trem em movimento por você. Nós trabalhamos duro, mas valorizamos a vida. Gostamos de acordar cedo para pegar os primeiros minutos de sol do dia. Aproveitamos as oportunidades de estar uns com os outros.

Pensei nos meus amigos. Naqueles que eu não via há muito tempo, a menos que eles tomassem a iniciativa de me visitar. Não importava a minha indiferença, a minha ausência

em momentos marcantes, eles jamais se esqueciam de mim. Uma empolgação aqueceu meu coração, sabendo que os encontraria dentro de pouco menos de uma hora.

— E você sempre quis morar em São Paulo, certo? — Felipe continuou nosso papo, os olhos fixos na estrada movimentada.

— Eu sempre quis sair. São Paulo foi apenas a primeira porta que se abriu.

— Eu não moraria lá por nada.

— Ei. — Levei a mão ao peito, me fingindo de ofendida e imitando o comportamento de Felipe mais cedo.

— É verdade! Muito trânsito. Incompatível com a profissão de motorista que ganha por corrida.

— Sei não. Aquele trânsito que pegamos na Reta da Penha não era assim quando eu morava aqui.

— E só piora.

— Nem me fale. — Concordei, horrorizada. Era muito difícil assustar um morador de São Paulo com alguns minutos de trânsito, mas o que tínhamos pegado mais cedo era o grande responsável pelo meu atraso para o casamento. Eu provavelmente perderia a cerimônia e só chegaria para a festa. — Tudo culpa daquele prédio que transformou a reta da Penha na Curva da Penha.

— Na verdade, não é o caso. — Felipe falou, sendo o equivalente humano de uma enciclopédia capixaba. — Você sabe por que a Reta da Penha se chama assim?

— Tenho certeza de que você sabe. — ironizei.

— É porque, em qualquer ponto dela, você consegue avistar o Convento da Penha.

— Uau. Incrível.

— Não seja cínica. — Ele deu de ombros — Não fica bem em uma pessoa que desceu de blazer no aeroporto de Vix.

Eu não pude evitar de dar uma risada. Uma de verdade. Cheguei a dar um tapa no ombro de Felipe, ainda que eu mal o conhecesse. Era estranho estar na presença dele e achar que o conhecia. Que eu podia ser eu mesma com ele, ainda que não tivéssemos qualquer elemento de identificação entre nós.

Porém, nós tínhamos.

Algo inerente e quase imperceptível, mas tínhamos *uma identidade*.

— Quero te mostrar uma coisa, Helena. — ele falou — Já que estamos atrasados para o casamento de qualquer maneira.

— Que coisa?

— Posso?

— Ok, eu acho.

Felipe deu seta e fez o retorno na estrada, e passamos por duas porteiras que eu reconheci das muitas viagens que fiz com minha família para aqueles lados. Um restaurante que ficava nas montanhas, encarapitado em um cume de pedra com uma varanda.

Ele parou o carro e abriu a porta, contornando-o para abrir a minha. Aproveitei que tínhamos parado em um lugar com banheiro e peguei o meu vestido no banco de trás, para me vestir. Estávamos perto da fazenda em que o casamento seria celebrado.

Encontrei Felipe na varanda. Ele estava de costas para mim, admirando a paisagem incrível que eram as montanhas capixabas. Tão próximas, entre si, e tão perto do céu, que já começava a se colorir em um bonito tom de rosa, que fazia o

contraste perfeito com o horizonte recortado que se impunha diante de mim.

Eu tinha me esquecido de como aquele lugar era bonito.

— Você está certo. — murmurei para Felipe, de forma quase inaudível — Eu devia ter olhado pela janela. Minha memória não faz jus a isso.

(V)

— lara! lara, você não vai acreditar no que meus olhos estão vendo. — Antenor apontava na minha direção, já tropeçando nos próprios pés com uma caneca de cerveja na mão. Seu braço direito praticamente sufocava João Miguel. Nós costumávamos ser um esquadrão imparável quando eu morava aqui. Com certeza dávamos muita dor de cabeça aos nossos pais.

A prova estava no canto da festa: os pais de lara e de João Miguel, minha mãe e o pai de Antenor, todos mandavam ver em um barril de cachaça artesanal envelhecida, a uma frequência impressionante.

— Não. É uma ilusão de ótica. — lara corroborou, e eu dei uma boa olhada nela. A noiva.

Tão, *tão linda*. Eu sempre me orgulhei de chamar lara de minha melhor amiga, não apenas por sua beleza estonteante, mas por seu coração enorme. Médica veterinária, voluntária em uma organização governamental que tentava resgatar a já muito debilitada fauna silvestre do Espírito Santo. Não existiu, na história da vida de lara, alguém que precisasse de ajuda e ela tenha dito não – mesmo que ajudar alguém estivesse totalmente fora de seu caminho.

Naquele momento, eu fui atingida com o sentimento aterrador da falta que ela me fazia. Todos eles, na verdade. Meu time. As pessoas que estiveram do meu lado durante os momentos mais sombrios, minhas dúvidas, meus medos, que curiosamente também eram as pessoas que me conseguiam arrancar as risadas mais sinceras.

Acho que era disso que Felipe estava falando quando disse que, aqui, nós fazemos os amigos que vamos levar por toda a vida. Isso é verdade. Amizades não são casuais por aqui. Não são meros encontros, uma noite de bar ou uma conversa no metrô. São a base sólida que nos impede de desmoronar por completo.

Em paralelo, eu me senti culpada por ter me afastado. Me tornado uma ilusão de ótica.

Iara me encarava com um sorriso, os cabelos pretos arrumados em um coque adornado com pequenas borboletas de cristal reluzente, e um vestido branco simples. Eu devia conhecer minha amiga o bastante para saber que não havia a mais remota chance de ela passar o dia mais feliz de sua vida enfiada em um corpete. Não me surpreenderia se ela estivesse calçando um par de tênis Converse debaixo daquele vestido.

— A Helena esqueceu da gente. — João Miguel provocou, se desvencilhando do aperto de Antenor — Agora ela só se importa em postar um copo do Starbucks com o nome dela nas redes sociais.

— Não é verdade. — Eu dei uma risada, sabendo que era bem verdade. Eu tenho um vício, e ele se chama café açucarado. Me processe.

Meus amigos vieram até mim e me apertaram em um abraço. Iara não se importava com seus adornos capilares ou com a integralidade do seu vestido. Eu estava atrasada, afinal, e as fotos já deviam ter sido tiradas.

— Cabelo legal. — Antenor comentou, chamando um garçom com um sinal discreto para me trazer uma taça de champanhe. Eu coloquei uma mecha da minha franja atrás da orelha, me sentindo estranha como eu sempre me sentia toda

vez que tinha que fazer meu cabelo rosa combinar com algum visual mais tradicional.

Olhei à minha volta, e a decoração estava linda. Orquídeas por todo lado, prestando homenagem à Iara em seu dia especial, e às belezas do nosso Estado. Pequenas luzes que decoravam os pilares da área coberta começavam a brilhar. O sol estava se pondo, e o frio das montanhas estava chegando. Senti um arrepio percorrer minhas costas expostas.

— Precisamos de fotos. — Iara exclamou — Imediatamente. Helena está aqui. *Isso é um evento.*

— Você está se casando com o amor da sua vida. — corriji, com carinho em minha voz — Isso é um evento. Precisamos encontrar o noivo, aliás. Preciso ameaçá-lo de violência grave para que ele saiba que se te machucar, eu vou sacrificar o meu réu primário sem pensar duas vezes.

Os três gargalharam, e Antenor gritou “essa é a minha garota”. Corri ao lado de Iara até o centro da festa, onde as pessoas dançavam e bebiam e contavam piadas e vantagens. Tudo era tão familiar que a sensação de conforto era inevitável. O cheiro de pinho no ar das montanhas, o sabor do coentro na comida, o sotaque carregado que agora eu ouvia com tanta clareza nas vozes das pessoas que eu tinha deixado para trás, e que me acolhiam de volta como se eu nunca tivesse partido.

Eu estava em casa.

(vi)

Dormi pela maior parte da viagem de volta. Quando Felipe voltou para me buscar, ainda estava escuro. Eu andei do meu quarto no casarão até o carro em piloto automático, e mal me lembrava de ter feito isso, ou de ter feito *check out* na pousada, ou de ter escovado os dentes – o que seria embaraçoso, porque eu sabia muito bem que dormia de boca aberta e as janelas do carro estavam todas fechadas.

Coitado do motorista.

Notei que estava vestindo meu moletom, adequado ao friozinho das montanhas capixabas, mas já estava começando a suar. Eu não tinha pensado com clareza no meu vestuário para voltar para Vitória, que não tinha qualquer timidez no quesito calor, mesmo que ainda fosse cedo.

Eu tinha bebido pouco, mas não estava acostumada com champanhe. Os efeitos de mais de uma taça, no meu organismo, eram devastadores.

Com a cabeça encostada na janela, dei um olhar de relance a Felipe. Ele estava com os óculos escuros no rosto, olhos provavelmente concentrados na estrada. Fones de ouvido, provavelmente para não me acordar.

Apesar de ser domingo de manhã e o trânsito da BR 262 não estar dos piores, era uma estrada cheia de caminhões. Estávamos chegando perto de Cariacica, eu soube, identificando as empresas marmoristas. Eu estaria no aeroporto em uns trinta, quarenta minutos, bem a tempo de comprar uma passagem de última hora para o voo das nove.

— Bom dia. — Ele percebeu que eu tinha acordado, coisa que nem eu tinha notado direito ainda — Tem suco de laranja e água na porta. E um analgésico, se for necessário.

— Não estou acostumada a ser bem tratada assim. — brinquei, procurando desesperadamente pela garrafa d'água. Eu dispensaria o analgésico, pelo menos até entrar no voo, e só o tomaria como última medida.

— É a hospitalidade capixaba.

Revirei os olhos, sabendo que Felipe me encarava pelo retrovisor. Ele soltou uma risadinha nasal, meu sarcasmo ganhando uma nuance completamente diferente da que tinha em nossas pequenas conversas. Ele sabia que tinha ganhado nosso pequeno duelo, capixaba raiz *versus* capixaba em negação, e eu já me pegava com saudade da terrinha antes mesmo de ir embora.

— Ei, eu trouxe algo para você. — falei, me lembrando de procurar pela minha bolsa e torcendo para não a ter esquecido no casarão. Exalei em alívio ao ver a mochila de couro nos meus pés, e a trouxe para o colo.

— Sério?

O casarão tinha uma seção de quitutes típicos, um mais delicioso que o outro, para vender aos turistas e àqueles que estavam só de passagem. Nem preciso dizer que dei uma pirrada quando vi massas caseiras, doce de banana, bombons de chocolate recheados com morango e uva, dentre outras guloseimas, enfileirados perto do caixa da pousada.

Eu ainda não tinha encontrado doce de leite cremoso com banana em São Paulo, nem no mais elegante dos empórios, e tratei de fazer um pequeno estoque pessoal, cheio de potes de vidro que tilintavam no fundo da minha mochila.

De dentro, tirei um pacote de doces cristalizados. Tinha de jaca, meu favorito, e de mexerica, porque eu achei bonito ver os gominhos cobertos de açúcar. E porque uma memória ainda mais doce, do meu querido avô que não mais estava entre nós, emergiu. O carro da mexerica, que sempre passava na rua da minha avó às quartas-feiras, e vovô saindo para garantir seu docinho. Vovô descascando mexericas depois do almoço, comendo de sobremesa.

O interior tinha uma produção significativa de frutas cítricas, eu me lembrava bem disso, mas mexerica é fruta de época. Quando meus pais e eu visitávamos meus parentes do interior, era um costume voltar com caixas e caixas da fruta – que ninguém, nunca, na história do Espírito Santo, deu conta de consumir até o final.

Eu não podia perder a oportunidade.

— Uau. — Felipe murmurou quando virou a mão para trás para aceitar a minha lembrança. — Que massa, Helena. Nem sei o que dizer!

— Um “obrigado” está ótimo.

— Por que está sorrindo? — Felipe perguntou, sorrindo em retribuição enquanto enfiava os doces no porta-luvas.

— Não sei. — confessei. Eu nem tinha percebido que estava sorrindo. — Acho que todo aquele papo sentimental que você colocou na minha cabeça ontem me deixou... não sei, nostálgica, feliz. Eu estou feliz por estar em casa.

Quase levei a mão à boca, como se tivesse deixado escapar um segredo. Eu não chamava aquela Unidade da Federação de casa há anos.

Felipe tinha uma expressão vitoriosa no rosto.

É o começo do dia. O céu está bonito, mas não é o mesmo céu dos fins de tarde, cor-de-rosa e azul como a nossa bandeira, e não há uma ventania intensa contornando a Ilha, como se levando a tarde embora e dando boas-vindas a mais uma noite úmida na nossa charmosa capital.

Nossa, eu pensei sem perceber.

Mas eu amava aquela manhã calorenta, e apreciei a decisão de Felipe de fazer o caminho para o aeroporto pela orla, e não por dentro. Observei os moradores de Vitória correndo pela Praia de Camburi, crianças andando de patins com os pais ao lado, segurando-as pelas mãos. Um casal comprando água-de-coco, e um grupo de senhores de idade mandando uma cervejinha para dentro logo cedo, no quiosque.

O mar estava lá, naquele tom esverdeado e bonito, o sol fazendo uma trilha de pontos de luz sob a superfície do oceano. Tão, tão bonito.

Há algo de especial em revisitar sua terra natal, acompanhada de alguém que nunca a deixou. É uma parte de você que só entende quem lá esteve ou está. Ser capixaba era uma parte de mim, eu entendia e me orgulhava disso agora.

E sacrificaria muitas coisas para poder comer mais uma moqueca antes de ir embora.

— Helena? — ele me chamou, colocando a cabeça para fora da janela do carro.

Eu me virei, com a minha mochila em um ombro e meu vestido amarrotado e com a barra suja de terra na mão. Uma sensação estranha me acometeu. Algo que eu nunca tinha sentido em solo capixaba.

Uma sensação de *começo*.

Felipe me estendeu um cartão com seu celular, e eu estiquei as mãos para pegar. Nossos dedos se tocaram brevemente, os meus quentes, aquecidos pelo bolso do moletom, os dele gelados do ar-condicionado do carro. Uma corrente elétrica percorreu meu braço, parando no cotovelo e me dando um choque.

— Se você decidir visitar mais vezes.

Alguma coisa me dizia que ele não estava se oferecendo para me buscar no aeroporto. Ao menos, não como motorista.

Dei uma boa olhada em seu rosto familiar. A impressão de que eu o conhecia, mesmo que eu soubesse que não era o caso, fez cócegas no meu humor. Seus cabelos queimados de sol, pele bronzeada, óculos de sol cafonas que me lembravam horrivelmente dos garotos com quem frequentei o colégio.

Coloquei uma mecha de cabelo cor-de-rosa atrás da orelha, insegura com a minha aparência no reflexo lustroso do carro. Um pensamento irracional, considerando que Felipe tinha passado as últimas duas horas e meia me vendo dormir de boca aberta no banco de trás. Mas não tinha uma dúvida na minha cabeça quando eu assenti e falei, para ele e para a minha terra:

— Eu vou voltar.



Bruna Ceotto é capixaba (com muito orgulho!). Nascida em 1992, vive com o nariz enfiado em um livro desde que se entende por gente. **Escreveu seu primeiro livro com quinze anos** e desde que descobriu a publicação pela internet, compartilha suas histórias e textos poéticos com o mundo principalmente através da plataforma Wattpad.

É muito conhecida por sua história **Não Confie Nas Boas Meninas** e pela trilogia **Onde Há Fumaça**, através das quais conquistou um público leitor fiel, que a levou a se tornar Autora Destaque no Wattpad, inclusive ganhando o Prêmio Wattys na categoria jovem adulto. Em 2018, fez parte da antologia **A Matemática das Relações Humanas**, publicada pela Duplo Sentido Editorial.

Hoje vive na cidade de São Paulo, onde atua advogada desde sua formação pela Universidade de São Paulo, e se dedica a escrever suas próximas histórias.

Agradecimentos

Esses contos só puderam ser produzidos graças a

Ponto Bea, Adrielli de Almeida, Aimê Café, Aimee Oliveira, Aione Simões, Alba Regina Marchesini Milena, Aline Machado, Alita, Amanda Cardoso, Amanda Condasi, Amanda Lima, Ana Carolina Fujinohara, Ana Livia Marcilio, Ana Lúcia Monteiro, Ana Yassuda, Andre Felipe Trindade Xavier da Silva, Audrey Matsumoto, Babi Angelli, Beatriz Aline dos Santos Belo, Beatriz França, Beatriz Góes Cruz, Bia Cortez, Bianca da Silva, Bruna Ceotto, Bruna Fontes, Caio Eduardo Silva Meirelles, Caio Tavares e Silva, Camila Melluso Ferreira, Camila Novaes Maia, Carlos Navarro, Caroline Vianna Porto, Cecília Maria, Clara Alves, Clara Izabel Cabral Campos Carvalho, Clara Leles, Clarice Seligman, Clarissa Progin Pasquini, Criação Battuta, Daniela Sallai, Debora Ch, Diana Vanderlei, Diogo C., Eduarda Araújo, Eduarda Costa de Menezes, Fasel Barros, Filyppe Saraiva, FLAVIO ARAUJO, Gabriel Giacomini, Gabriela Bernardi Henrique, Georgia dos Anjos, Giovana Gonçalves Moreira, Giovanna Cavotti, Giulia F Ferreira, Hanna de Oliveira, Iracema Karina de Araujo Lauer, Isabella Bihren, Isabella Picazo, José Robson Junior, Júlia Braga Tourinho, Júlia Grijó, Julia Rietjens, Julia Tabosa, Júlia Valle Gonçalves Rodrigues, Juliana Sobreira Catalão, Júlio Barreto Guedes da Costa, Kellen Karoline Da Silva Aguilar, Laura Jovchelovitch Noletto, Laura Machado, Letícia Ramos, Livia Castelo Branco, Livia Franco Osti, Lola Chambrett, Lola Salgado, Lucia Moitrete, Luiza Elena Rodrigues Fontana, Luz Câmera Cor, Manuelli Correia, Marcella Siqueira,

Marcia Danielle Morais dos Reis, Maria Angélica Selhorst, Maria Antônia Machini Costa, Maria Calara de Souza, Maria Carolina Ferreira, Maria Eloise Albuquerque Santos, Maria Eugênia Geve de Moraes Lacerda, Maria Fernanda Ottoni, Maria Fernanda Teixeira, Maria Laura Nogueira, Mariah Coutinho Fernandes Sant' Ana, Mariana Bertolai, Mariana Costa, Mariana Marques dos Santos Dela-Bianca, Mariana Moura, Marina de Carvalho Santos, Marina Machado, Marlova Jovchelovitch Noletto, Mary Abade, Mel Borgens, Melina Silva de Souza, Mirelly Moreira Nascimento, Nathália Campos, Nathalia Rodrigues, Neco Turkienicz, Paula Naiane Espírito Santo dos Santos, Paula Prata Peralta de Castro, Pedro Aquino Noletto Filho, Peter Marchi, Raul Costa, Rebeca de Arruda, Rebecca Tavares e Silva, Rejane Martins, Ricardo Luis Fernandes da Silva, Rodrigo Bittencourt, Rosana Oliveira, Samara Cristina Nordi Serpa, Sandrielly Lavínia, Suiane Nogueira da Silva, Susi Machuca, Talita Assis, Tati Iegoroff, Tayná Silva Meirelles Gava, Thaís Bergmann, Thaís Maciel Barros, Thaisa Ruysam, Thayla Milene Vitorino Silva Vilar, Thayná Domingues, Vanessa S. Marine, Yasmin Alves e Zezão OPM.



Apoie o próximo mês e faça com que o projeto aconteça!
www.catarse.me/meubrasileassim

Conheça outros livros da editora
www.duplosentidoeditorial.com

